OS 100 FILMES MAIS ASSUSTADORES DA HISTÓRIA

SET

www.setonline.com.br
ISSN 0104-1592
Julho, 2009 - Ed.264 - Ano 22 - R$ 9,90

+

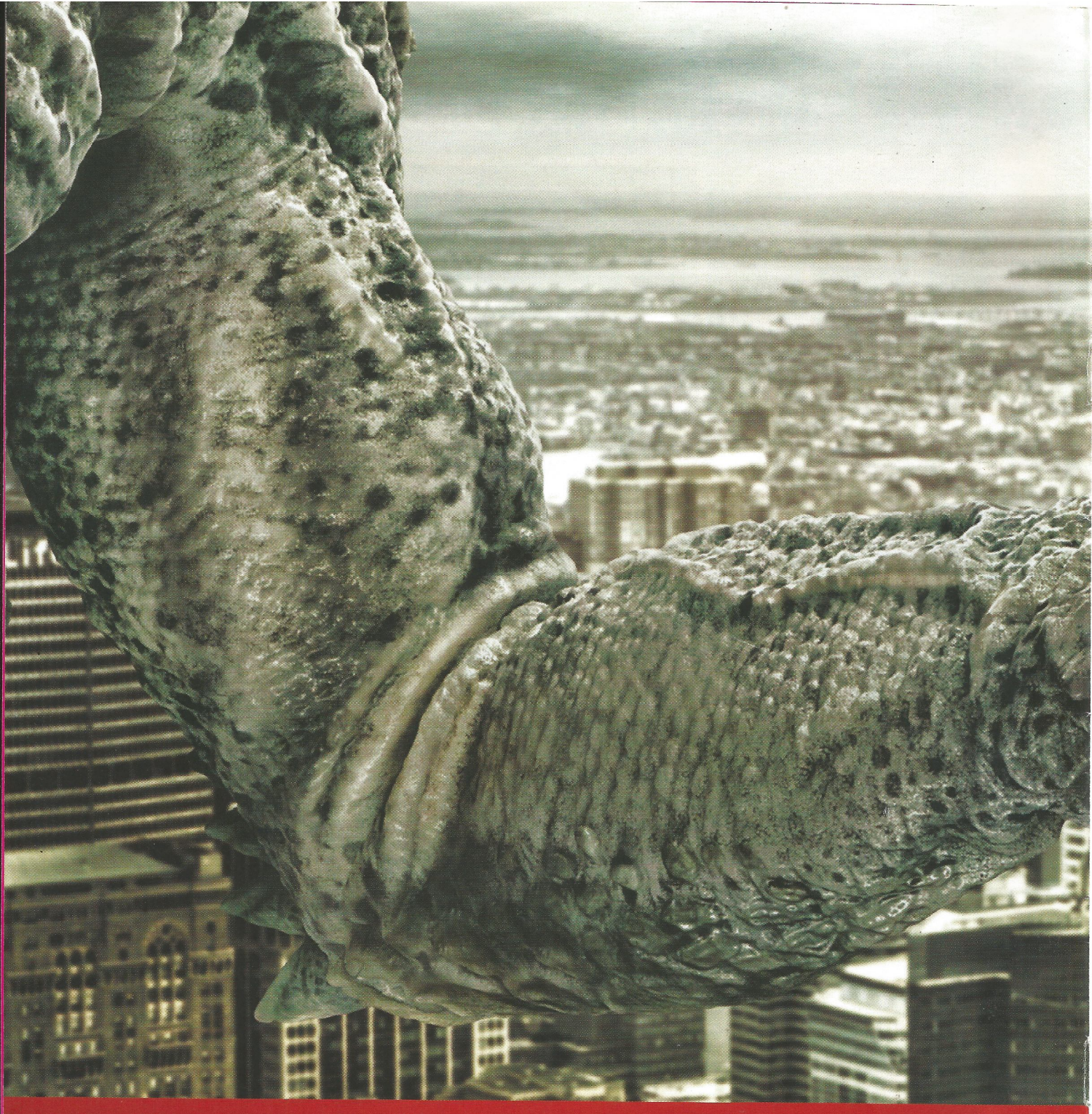
CADÊ A SACANAGEM NO CINEMA NACIONAL?

O VERDADEIRO SACHA BARON COHEN

ACABOU A PUREZA DE HARRY POTTER

É O TERROR!

Pragas, bruxas, cemitérios: Sam Raimi apavora em ARRASTA-ME PARA O INFERNO



Claro | clube

Quem tem escolhe muito mais.

Fique por dentro: www.claro.com.br/claroclube

Filmes

Celulares | Minutos | Promoções | Restaurantes

Assista a muito mais filmes.

Cliente Claro Clube tem **50% de desconto** na rede Cinemark todo dia, até no fim de semana e feriado.

E ainda tem o Dia Claro: toda última quinta-feira do mês, você escolhe um amigo para levar de graça.

Oferta válida de 16/6/2009 a 18/5/2010, para toda a rede Cinemark, exceto Cinemark Iguatemi SP e salas VIP do Shopping Cidade Jardim. Promoção não cumulativa com outros benefícios. Dia Claro válido apenas na última quinta-feira de cada mês, desde que o acompanhante esteja com um Cliente Claro Clube pagante. Verifique estabelecimentos, seus respectivos descontos e mais informações em www.claro.com.br/claroclube ou ligue 1052. Imagens meramente ilustrativas.

Claro

Escolha.

SET

JULHO '2009

16 LENNY KRAVITZ
Roqueiro despe-se do glamour e vive um enfermeiro no drama *PRECIOUS*

20 CADÊ A SACANAGEM?
Por que o *CINEMA BRASILEIRO* anda tão casto? Fomos descobrir

26 MAGALY SOLIER
Conheça a *PERUANA DE 23 ANOS* que estrela o filme vencedor em Berlim

28 SACHA BARON COHEN
Quem é, afinal, o homem por trás (epa!) de Borat, Ali G e *BRÜNO*

32 CAPA
SAM RAIMI volta aos filmes de terror rogando pragas sobre o espectador

39 OS 100 MAIS APAVORANTES
Por falar em medo, selecionamos uma centena de clássicos *APAVORANTES*

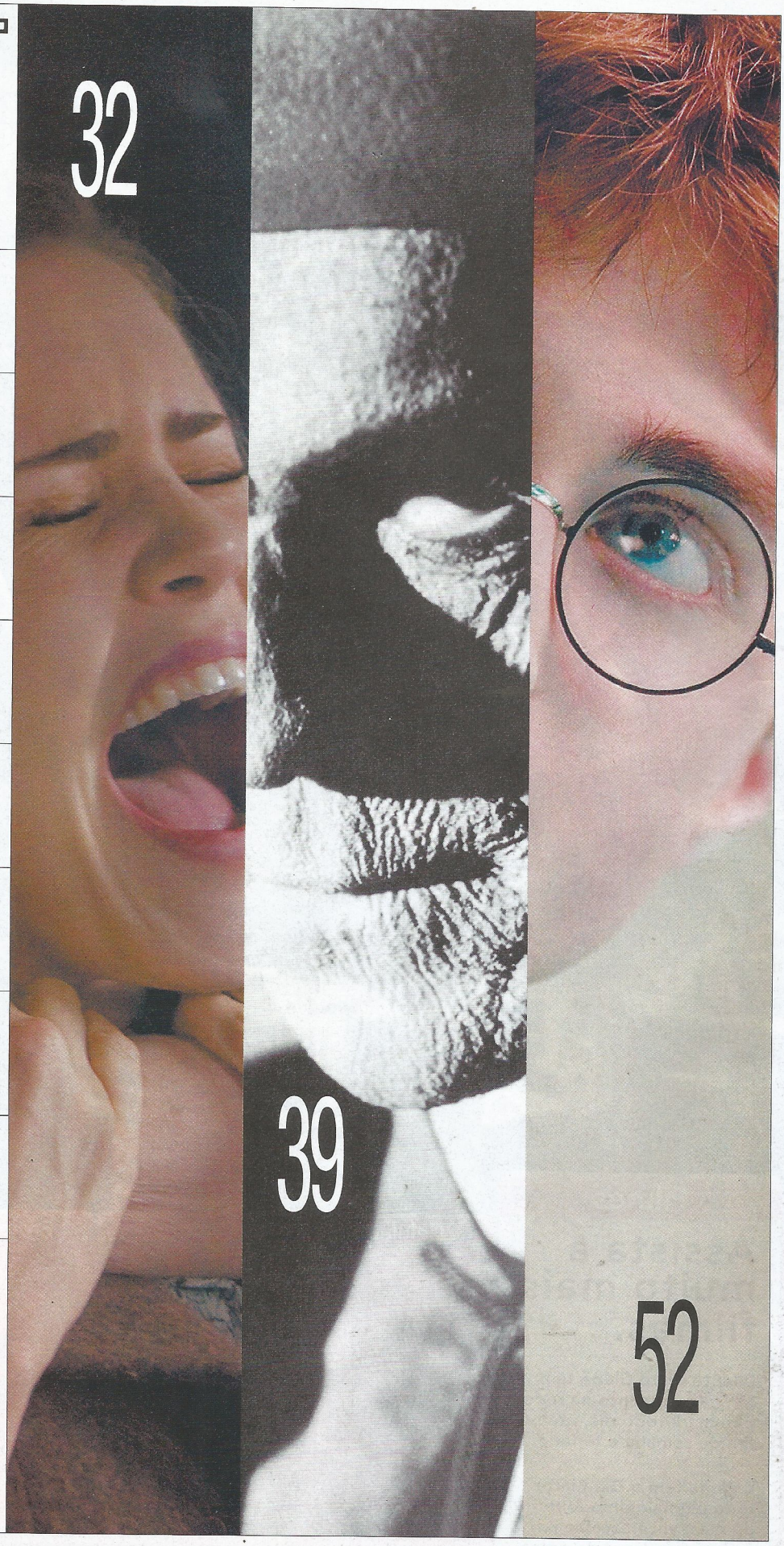
48 ANTICRISTO
Sexo, morte, violência: a nova polêmica tramada por *LARS VON TRIER*

52 HARRY POTTER
Molecada de Hogwarts perde a pureza em *...E O ENIGMA DO PRÍNCIPE*

58 HEITOR DHALIA
O diretor de *À DERIVA* fala de mercado e do sonho de filmar em Serra Pelada

SEÇÕES

6 EDITORIAL ' 7 CARTAS ' 9 TAKES '
19 PEDRO BUTCHER ' 47 MARCELO CAJUEIRO '
61 EDUARDO SOUZA LIMA ' 63 CINEMA ' 71 DVD '
76 TECNOLOGIA ' 79 TV ' 82 LUIZ NORONHA '



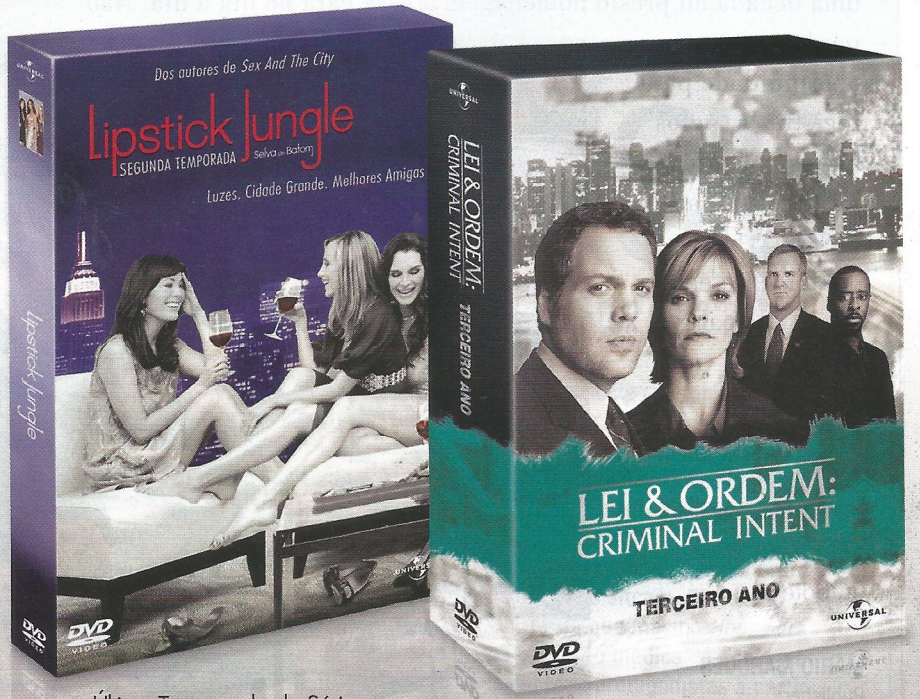
Desde quando é crime ser bonita e poderosa?

Lipstick Jungle - Selva de Batom
2ª Temporada

Elas estão de volta para brilhar na segunda temporada da divertida comédia dramática sobre três poderosas amigas de Nova York que chegaram ao topo de suas carreiras, mas sofrem – e muito – para equilibrar trabalho e vida pessoal.

Lei & Ordem: Criminal Intent
3ª Temporada

Eles fazem parte de um esquadrão especializado em solucionar crimes premeditados por mentes diabólicas. Entre pistas, informantes e mentiras eles têm de prever cada ação criminosa muito antes que ela aconteça.



Última Temporada da Série

Lipstick Jungle - Selva de Batom
2ª Temporada
3 DVDs - 13 Episódios

Lei & Ordem: Criminal Intent
3ª Temporada
6 DVDs - 23 Episódios

UNIVERSAL

CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DOS FILMES

www.universalpictures.com.br

Lei & Ordem Criminal Intent - 3ª Temporada © 2003 Universal Studios. Todos os Direitos Reservados.
Lipstick Jungle - Selva de Batom - 2ª Temporada © 2008 Universal Studios. Todos os Direitos Reservados.
Artwork e Packaging Design © 2009 Universal Studios. Todos os Direitos Reservados.

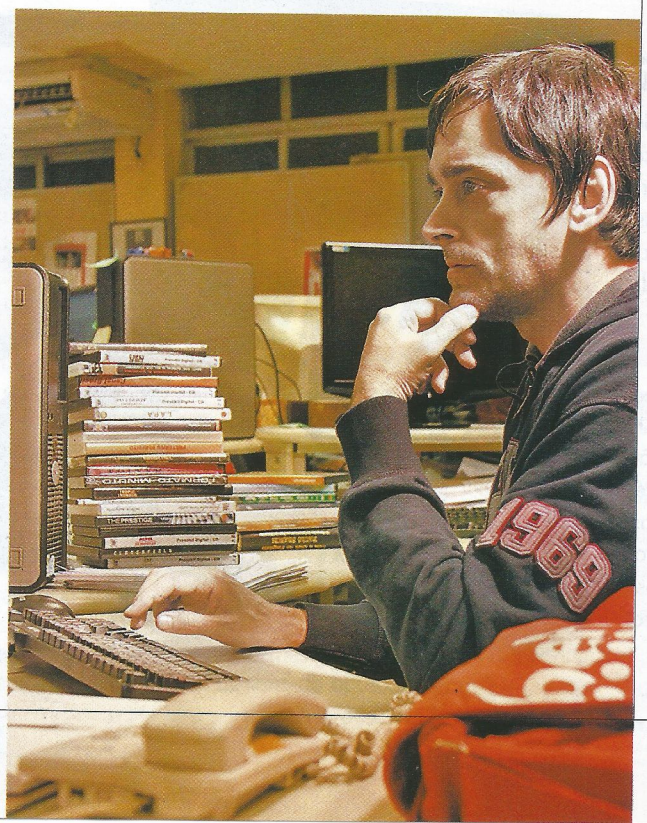
SUSTOS E FANTASIA

Há 22 anos Carlos Helí de Almeida é um fominha. Esteve 16 vezes no Festival de Cannes, oito no de Veneza, nove no de Berlim e passa sistematicamente pela maioria das mostras brasileiras – só em Gramado pisa desde 1988. Um dos editores da **SET**, Helí, 46 anos, é um dos mais respeitados repórteres e críticos do Brasil. Decerto o mais reconhecido do ramo, trafegando com destreza entre Hollywood, as produções brasileiras e o cinema de arte, iniciou sua carreira na década de 80 na *Tribuna da Imprensa*. Estacionou bloquinho no *Globo*, correu três redações distintas em períodos diversos do *Jornal do Brasil*, onde hoje é dono das entrevistas exclusivas e lenda nas junkets de lançamento. Para esta edição cheia de sustos e um punhado de surpresas, Helí assina duas entrevistas: uma com Sam Raimi, cujo filme *Arrasta-me Para o Inferno* ilustra esta capa; outra com Lars von Trier e seu *Anticristo*. Ao longo das 84 páginas de **SET**, há também mais um dos vários papos que já travou com Carlos Saldanha, o criador da franquia *A Era do Gelo*. A mais cansativa missão de nosso querido (e deliciosamente mal-humorado) Helí, todavia, foi o corre-corre frenético a Londres para as entrevistas das novas aventuras do Bruxinho (*Harry Potter e o Enigma do Príncipe*). Desceu do avião direto para sua mesa, sempre no canto, sempre em seu universo particular, e escreveu o material que começa na página 52. Há mais de uma década eu presto homenagem a esse cara no dia a dia. Não perderia esta oportunidade para registrá-la, pelos belíssimos préstimos jornalísticos ao cinema. Que obviamente estão longe de acabar.

■■■

Eduardo Souza Lima, o Zé José, da geração de Helí, estreia como colunista. Bem-vindo ao boteco.

MARIO MARQUES
Publisher



CBM CiaBrasileira DMultimídia

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
Presidente Nelson S. Tanure

SET

REDAÇÃO

Publisher
Mario Marques (mariomarques@jb.com.br)

Editores:
Carlos Helí de Almeida (halmeida@jb.com.br)
Marco Antonio Barbosa (marco.antonio@jb.com.br)
Nelson Gobbi (ngobbi@jb.com.br)
Robert Halfoun (robert@jb.com.br)

Repórteres:
Bolívar Torres, Braulio Lorentz, Leandro Souto Maior, Luiz Felipe Reis, Monique Cardoso, Rachel Almeida

Design:
Anderson B. Oliveira e José Adilson Nunes

Colunistas:
Eduardo Souza Lima, Luiz Noronha, Marcelo Cajueiro, Pedro Butcher, Rodrigo Fonseca

Colaboraram nesta edição:
Alex Antunes, Celso Sabadin, Daniel Oliveira, Dirley Fernandes, Daniel Schenker, Filipe Quintans, Orlando Margarido, Thiago Stivaletti (textos) e Maíra Coelho, Fernando Souza, Marcos Hermes e divulgação (fotos)

PUBLICIDADE

Diretor comercial:
Jackson Fuller

São Paulo:
Debora Leopoldo
(debora.leopoldo@edpeixes.com.br)

Rio de Janeiro:
Vera Granato
(vera.granato@jb.com.br)
(21) 2101-4024

MERCADO LEITOR

Diretor:
Sidnei Lubianco

Gerente de processos de produção:
Wagner Pinheiro

Gerente de processos Assinaturas:
Alex Ferreira

Coordenadoras de assinaturas:
Vera Tobaldini e Margareth Torres

SET, edição 264, julho de 2009, é uma publicação da CBM - Companhia Brasileira de Multimídia - ISSN 0104-1592. Redação, publicidade, administração e correspondência: Avenida Paulo de Frontin 568 - Rio Comprido - Rio de Janeiro - RJ - (21) 2101-4081/2101-4085. Distribuição: SET é distribuída com exclusividade no país pela DINAP S/A - Distribuidora Nacional de Publicações. Números atrasados podem ser solicitados, ao preço da última edição, em bancas, mais despesas de envio, à Somey Marketing e Serviços (Estrada da Balsa, 220, Barueri - SP, CEP 06419-300, fone/fax (11 4161-2481), de segunda a sexta-feira, das 8h às 17h. Os pedidos estão sujeitos à disponibilidade do estoque.

www.setonline.com.br (em agosto, o novo site da SET)

CENTRAL DE ATENDIMENTO AO ASSINANTE:
(11) 3038-8080

De segunda a sexta-feira, das 8h às 20h e aos sábados, das 9h às 15h
E-mail: assinapeixes@teletarget.com.br ou acesse: www.assinepeixes.com.br

IVC ANER

SEM PAPO DE BOTECO

Alívio. Boa palavra para definir a nova linha editorial adotada pela **SET**. Depois de um período *Benjamim Button* da revista (só faltou uma capa com Billy e Mandy), as novas rédeas tomadas foram sensíveis para quem se interessa em discutir e se informar sobre cinema. Texto ágil, correto e, o mais importante, interessado em iniciar discussões mais profundas e delicadas acerca das produções cinematográficas, fugindo do velho "papo de boteco" de excesso de informações vazias que não levam a lugar nenhum.

Jonas Tavares, Diadema – SP

ERRAMOS

Diferentemente do que foi publicado na reportagem "10 Filmes de Verão", o último filme da série Harry Potter a chegar aos cinemas foi *...E a Ordem da Fênix* (2007). **À morte quem errou isso!**

Na entrevista com Clive Owen, a foto do filme *Filhos da Esperança* é, na verdade, de *Trama Internacional*. E o subtítulo correto do filme *Closer* no Brasil é *Perto Demais* (e não *Mais Perto*). Na entrevista, o time do Liverpool foi citado como tendo sido rebaixado – foi eliminado na disputa da Liga Inglesa em 2008. **Burro!**

Na reportagem "O Eleito", é Osmar Prado (não Osmar Santos) quem vive Getúlio Vargas em *Chatô, o Rei do Brasil*. **DEUS!**

Na resenha do filme *Heróis*, o nome do ator Chris Evans saiu como Chris Bell. **Quem bebeu no fechamento?**

À NOVA SET

Olá pessoal da **SET**. Foi uma grande surpresa este mês quando vi que agora temos mais três colaboradores na revista. No começo, fiquei sem grandes expectativas, mas agora que tive a oportunidade de ler toda a revista só tenho a agradecer por vocês participarem dela. Reportagens, críticas, novidades, notícias, tudo muito bem feito. Sejam bem-vindos à **SET**, e parabéns pelo grande trabalho.

Jacqueline Manzini, Vinhedo – SP

À NOVA SET 1

Caros amigos da **SET**. Estou escrevendo para elogiar a maturidade na "retomada" desta que é a maior revista de cinema do Brasil. Sou leitor há muito tempo e fiquei satisfeito com o tom sério e ao mesmo tempo bem-humorado da edição de junho. Se a intenção é reconquistar velhos assinantes – com reportagens ricas, colunistas gabaritados e sem esquecer o cinema nacional – podem contar comigo nessa lista.

Bruno Passos, Salvador – BA

À NOVA SET 2

Sou leitor da **SET** desde janeiro de 1998 e venho acompanhando sua evolução como revista de cinema. A nova roupagem é bem-vinda. Espero que a qualidade da revista e a sua personalidade nunca mude.

Fabiano Marques, Vitória da Conquista – BA

À NOVA SET 3

Assino a **SET** desde 1990 e já me considero, portanto, "sócio-fundador" da revista. À nova tripulação que chega para assumir e fazer voar a nave, só posso desejar, como um vulcano: "Vida longa e prosperidade". Com o lembrete positivo de que o mercado é de vocês. Ótimo que as mudanças neste início tenham sido discretas; e, naturalmente, como freguês de 19 anos, vou dar os meus palpites. De saída, basicamente dois pedidos/sugestões: conexão Europa, urgente! Considerando que o Velho Mundo tem uma vasta e rica produção. E, o que me soou vontade geral pelo que li na seção *Deu no Orkut*: variedade, diversidade. Chega dessa história de o blockbuster do mês ocupar 40% da revista.

Danilo de Freitas Veiga, Porto Alegre – RS

À NOVA SET 4

Foi muito agradável ver o retorno da **SET** com uma equipe renovada! Espero mudanças, desde a capa da revista, que só trazia adaptações de quadrinhos, esquecendo de grandes atores e atrizes e de cenas de filmes, além de perfis de diretores, foco no cinema alternativo, europeu e asiático.

Adriano Andrade, Lavras – MG

À NOVA SET 5

Sou leitor da **SET** há vários anos e sinto falta de uma seção sobre a era de ouro de Hollywood. Filmes mudos, noir, cults e clássicos, além de diretores consagrados, como D.W. Griffith, Orson Welles, Alfred Hitchcock, Bergman, Fellini. Fica registrado o meu pedido.

Edmilson Cezar Otti, Lençóis Paulistas – SP

À NOVA SET 6

Leio **SET** há exatos 12 anos (quase metade da minha vida). Acostumei-me todo mês a esperá-la e depois devorá-la em algumas horas, sempre me informando para ir logo no cinema ou locar DVDs. Pois bem: esse mês fiquei decepcionadíssimo com a mudança da **SET**. Uma mudança radical, que pode agradar a alguns leitores, mas que com certeza desagradam a outros. Fica aqui meu desabafo.

Luiz Eduardo Lemos, São Paulo – SP

À NOVA SET 7

Sabendo agora que a equipe e editora de **SET** mudaram, fica a dúvida: vocês aceitam sugestões? Porque a equipe antiga parece que não gostava de sugestões. Sou leitor e colecionador desta revista deste a primeira edição. Façam entrevistas com os técnicos de cinema – cinematógrafos, editores, cenógrafos, compositores, sonoplastas etc... E, por favor, não coloquem tantas chamadas na capa da revista. Fica a impressão que ela está suja. Sobrecarregada.

Sérgio Rei Domingues. Curitiba – PR

EM DEFESA DE SHYAMALAN

É interessante como todo mundo caiu em cima de M. Night Shyamalan só porque ele deu um deslize com *Fim dos Tempos*. Claro que todo mundo tem uma opinião, mas existem aqueles que entram na moda de dizer que o filme não presta. Mas foi injusto dizer que ele é o pior filme do século 21. Existe uma comédia (?) intitulada (horrivelmente!) em português *Salve-se Quem Puder* que é uma verdadeira porcaria! Aí vêm alguns orkuteiros de plantão e dizem que *Fim dos Tempos* é uma desgraça! Só porque Shyamalan cometeu uma falta ele não merece ser jogado aos leões desse jeito.

Liliah Kawboyquie, S. Cruz do Capibaribe – PE

FALE COM A GENTE → set@ jb.com.br

TELEFONE: (21) 2101-4081; **FAX:** (21) 2101-4428; **REDAÇÃO:** Avenida Paulo de Frontin, 568. CEP 20261-243. Rio de Janeiro, RJ; **ASSINATURAS:** Tel.: (11) 3038-8080; Fax: (11) 3038-1415; E-mail: assinepeixes@teletarget.com.br ou www.assinepeixes.com.br

muito mais vida universitária!

Vestibular 2010

19.09.09

71 opções para você escolher!

parcelas a partir de R$ 165,39*

82 laboratórios

Novos cursos para 2010

- ☑ **Fotografia** - manhã
- ☑ **Gestão Ambiental** - manhã
- ☑ **Gestão Desportiva e de Lazer** - manhã
- ☑ **Logística** - manhã
- ☑ **Moda** - manhã
- ☑ **Recursos Humanos** - manhã

sem aulas aos sábados

CEUNSP
CENTRO UNIVERSITÁRIO NOSSA SENHORA DO PATROCÍNIO
0800 10 95 35
www.ceunsp.edu.br

*Planos de pagamento em até 18 parcelas a partir do valor indicado para aprovados no Vestibular Antecipado e matrículas realizadas até 28/09/09. Consulte outros planos ligando para 0800 10 95 35. Todos os cursos sujeitos à disponibilidade de vagas e número mínimo de alunos por turma.

TAKES

"Meu lado mais puta"

Cantora do Black Eyed Peas, Fergie tenta se firmar como garota de programa em NINE, de Rob Marshall

Quando se fala que Stacy Ann Ferguson é atriz, a maioria se assusta. Vocalista do Black Eyed Peas, quarteto americano de hip hop que já vendeu 26 milhões de CDs, Fergie bem que gostaria de ser reconhecida além dos atributos físicos e vocais, mas não faz questão de parecer inteligente. Sente-se ofendida quando perguntada se assistiu ao filme *Oito e meio*, de Federico Fellini, no qual é inspirado o próximo longa em que atua, *Nine*, mas fala sobre clássicos italianos com menos propriedade do que de ginástica. Para a gostosona, o quinto disco do BEP, *The E.N.D.*, é a trilha sonora ideal para "malhar a bunda". Ao descrever sua atuação no filme à **SET**, continua desbocada.

"Fiz os testes como todo mundo, oras. Viram minha fita e fui chamada". Ahã

Após bancar a coadjuvante em papéis defenestrados pela crítica em *Poseidon* (2006) e *Planeta Terror* (2007), Fergie pode finalmente despontar no cinema. É o que pretende com *Nine*, musical dirigido por Rob Marshall, de *Chicago*, lançado em 2002 e vencedor em seis categorias do Oscar.

O elenco é abarrotado de ganhadores de estatuetas. No filme que estreia nos Estados Unidos em 25 de novembro e no Brasil em 15 de janeiro de 2010, ela interpreta uma garota de programa. Contracena com Daniel Day-Lewis, Marion Cotillard, Nicole Kidman, Judi Dench, Sophia Loren, Penélope Cruz e Kate Hudson. "Foi incrível trabalhar com eles. Desde pequena sempre quis ser uma 'entertainer'. Agora, sinto que estou no nível mais alto. Estar neste filme é o que sempre quis", empolga-se.

E como foi que a atriz pouco rodada conseguiu a chance de atuar ao lado de gente tão tarimbada? "Fiz os testes como todo mundo, oras. Primeiro, viram minha fita e depois fui chamada", responde. *Nine* segue a história de um cineasta (Day-Lewis no papel de Guido Contini, interpretado por Marcello Mastroianni no original) que entra em crise criativa e rememora as mulheres de sua vida. Para viver Saraghina, teve que engordar seis quilos na tentativa de aumentar as curvas. O decote da moça é um dos pontos altos do trailer. Apontado como potencial concorrente ao Oscar, o roteiro é baseado na peça de teatro homônima. Fergie não só viu o longa-metragem no qual Marshall se inspira como foi atrás de outras referências. "Ele é um diretor incrível", elogia. "Para interpretar minha personagem, tive que buscar meu lado mais puta. Durante a gravação, tinha um quarto de hotel onde eu ficava lendo livros e vendo filmes para compor o papel, como o longa *Ontem, hoje, amanhã*, de Fellini. Quis aprender a andar como uma mulher italiana".

Se o filme não servir para, de uma vez por todas, fazer a fama de Fergie como atriz, pelo menos as filmagens renderam boas histórias para contar. "Foi bem divertido. O pessoal do set pedia sempre salada de frango para o almoço, mas eu e Penélope Cruz só comíamos fritura", recorda.

Fergie sentada na frente de suas colegas

TUBARÃO MONSTRO

Mega Shark vs Giant Octopus só em DVD. Por que será?

A história absurda e as imagens ainda mais improváveis fazem de *Mega Shark vs Giant Octopus* um dos filmes mais toscos do primeiro semestre. Lançado nos Estados Unidos direto em DVD (à venda no Amazon.com por US$ 19,90), conta com duas criaturas pré-históricas descongeladas após 10 milhões de anos. Juntas, resolvem atacar o estado da Califórnia. A cena do tubarão destroçando a Golden Gate de São Franciso vale a importação do DVD ou mesmo uma corrida no YouTube para conferir o trailer. Com a difícil missão de roubar a cena do tubarão e do polvo, os personagens principais são interpretados pelos inexpressivos Lorenzo Lamas e Deborah Gibson. A direção é de Jack Perez, conhecido (?) por ter dirigido a continuação de *Garotas Selvagens*.

Entre explosões e robôs

Seminário em Los Angeles revela os segredos dos efeitos visuais

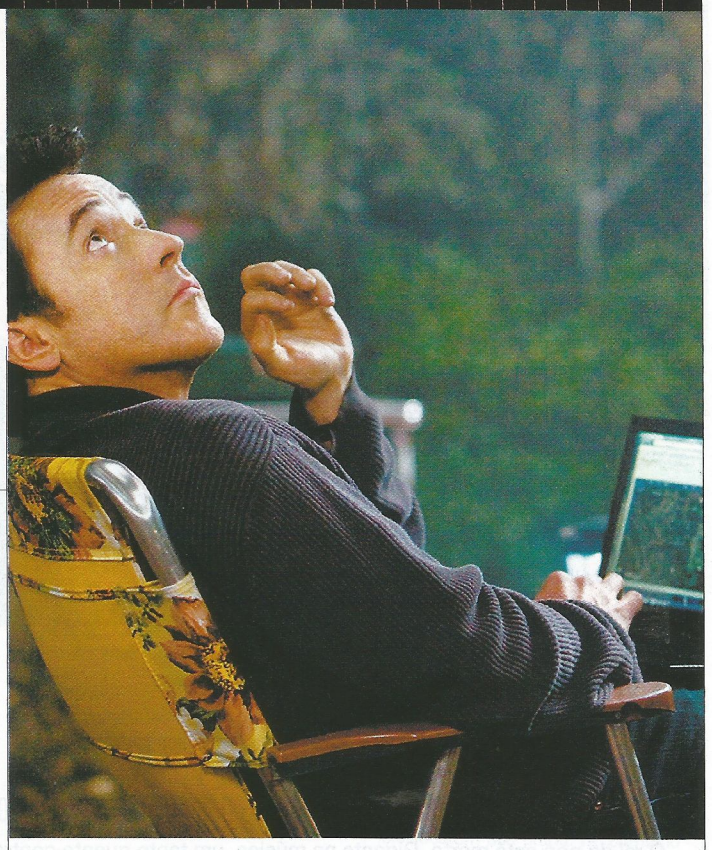
Acredite. Cinco dias pode ser tempo suficiente para ter uma bela noção do que há de melhor em efeitos especiais nas últimas safras hollywoodianas. A proposta dos programas do International Film Institute (InFilm) é oferecer uma verdadeira experiência imersiva na indústria de filmes, com uma overdose de conhecimentos em encontros realizados na cidade de Los Angeles entre 27 e 31 de julho. Inscrições e mais informações estão dispostas no site www.infilm.org/fx-program. Cada etapa do seminário inclui palestras de profissionais do setor e visitas a estúdios como o Digital Domain, vencedor do Oscar deste ano de Melhores Efeitos Visuais com o filme *O Curioso Caso de Benjamin Button* (na foto). Há até uma parte destinada só aos filmes de ação. É a deixa para explosões e muita barulheira.

O FIM ESTÁ PRÓXIMO...

4 produções hollywoodianas chegam às salas nos próximos meses para lembrar que o apocalipse tarda, mas não falha

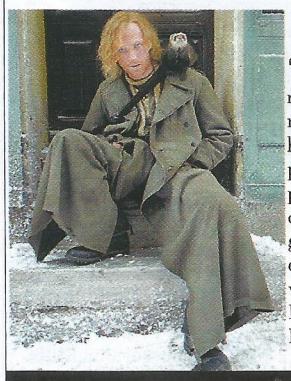
O fim do mundo rende assunto desde os tempos bíblicos (de onde veio mesmo o termo "Apocalipse", hein?). Hollywood já apresentou a derrocada final da humanidade em lcentenas de formas: alienígenas, zumbis, inundações, cometas, pragas, guerras nucleares. Além de *Juízo Final* (resenhado na página 63), em breve chegam *2010, A Estrada, Legião* e do longa de animação *9*. Quem (sobre)viver, verá...

1 *2012* (estreia no Brasil: 13/11): O fim do mundo para Roland Emmerich pode ter variadas formas. Uma invasão de ETs (*Independence Day*), os pés de um réptil gigante (*Godzilla*) ou um cataclisma ambiental (*O Dia Depois de Amanhã*), tudo isso povoa o imaginário do diretor. Agora, baseado numa antiga crença maia de que o mundo enfrentaria uma catástrofe sem precedentes no ano de 2012, Emmerich escala John Cusack (na foto) como um escritor de ficção científica que enfrenta terremotos e megatsnunamis junto aos poucos sobreviventes – que incluem Danny Glover (como o presidente dos EUA) e Woody Harrelson (um profeta apocalíptico considerado louco... até que o pior acontece).



2 *9* estreia nos EUA, 9/9; ainda sem data no Brasil): No mundo concebido para este longa de animação, as máquinas se rebelaram contra a humanidade. Como última esperança da Terra, um cientista cria um grupo de bonecos de pano com inteligência, que vagam pelas paisagens destroçadas em luta pela sobrevivência. Tim Burton se une a Timur Bekmambetov (*Guardiões da Noite*) na produção, dirigida por Shane Acker. Os bonecos ganham as vozes de um elenco respeitável, que inclui Elijah Wood, John C.Reilly, Jennifer Connelly, Martin Landau e Christopher Plummer.

3 *A estrada* estreia no Brasil: 18/12): O livro homônimo de Cormac McCarthy (o mesmo romancista de *Onde os Fracos não Têm Vez*) retrata as andanças de um homem sem nome e seu filho, que desbravam uma planície rumo ao litoral depois que uma catástrofe inexplicada destroça a civilização. Enquanto enfrentam tribos canibais e perigos naturais, pai (Viggo Mortensen) e filho (Kodi Smit-McPhee) aprendem a conviver melhor um com o outro. Usando poucos efeitos especiais, o diretor australiano John Hillcoat constroi um convincente ambiente pós-apocalíptico.



4 *Legião* (estreia no Brasil: março/2010): Paul Bettany (na foto), Dennis Quaid e Tyrese Gibson estão no elenco deste longa que mistura survival horror e profecias bíblicas. O negócio é sério: Deus perde a fé na humanidade e resolve acabar com tudo. Sobra para o arcanjo Miguel (Bettany) a função de proteger um grupo de sobreviventes, entre os quais Sandra Anderson (Kate Walsh), garçonete grávida que vai dar a luz a... rufem os tambores... Jesus Cristo, em sua segunda volta à Terra. Nunca é demais lembrar que Legião é o nome de um demônio citado no Novo Testamento. Brrr...

COM A FORÇA DO VIAGRA

Ganhador de quatro das seis categorias envolvendo curta-metragens no Festival de Cinema Brasileiro de Miami, em junho, *Sildenafil* tem como base um conto de Reinaldo Moraes, autor de livros como o recém-lançado *Pornopopéia*. Para quem liga o princípio ativo ao remédio, o citrato de sildenafil – comercializado como Viagra – é o medicamento indicado para a impotência sexual masculina. O diretor Clóvis Mello fez uma adaptação do texto e dirigiu o drama sobre um casal que tem problemas sexuais. Em 17 minutos, os personagens vividos por Ricardo Petraglia e Marília Medina travam uma discussão sobre (a falta de) sexo. "É muito simples como tratamos este tabu. Quando você não floreia, a identificação do público é imediata. A mulher só quer trepar", resume Marília.

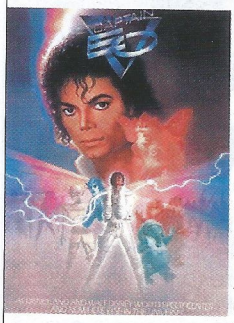
Jacko, à direita: espantalho de lixo em *O Mágico Inesquecível*

PASSO A PASSO

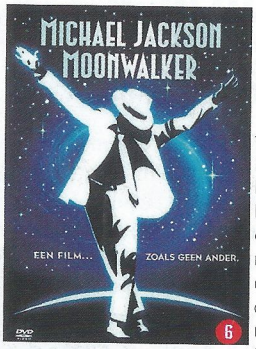
Michael Jackson não morreu. Pelo menos no cinema, onde chegou a dar as caras

O rei do pop está morto. Gigante na música, um tanto quanto controverso –para dizer o mínimo – em sua vida privada, Michael Jackson também andou dando seus passinhos (moonwalks?) pelo cinema. E acredite: a lista de filmes nos quais o cantor participou é quase tão bizarra quanto as maluquices que aprontou fora dos palcos e estúdios.

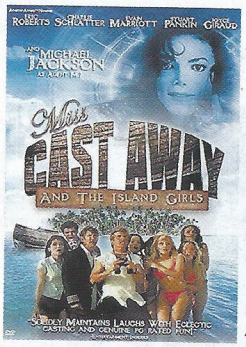
▸ **O MÁGICO INESQUECÍVEL** ***(Sidney Lumet, 1978)*** – Produzida pela gravadora Motown (a fábrica de sucessos da música negra americana nos anos 60 e 70), a partir de um musical da Broadway, esta versão de *O Mágico de Oz* trazia um elenco 100% black. Diana Ross era a garota (!) Dorothy, que era levada, após uma tempestade de neve, para a mágica terra de Oz. Lá, ela encontra o Homem de Lata (Nipsey Russell), o Leão Covarde (Ted Ross) e, claro, o Espantalho (Jackson) – que, nesta versão urbana, era feito de lixo (!!). Jacko disse que se preparou para o papel assistindo a vídeos sobre animais como gazelas (!!!) e panteras, para "capturar seus movimentos graciosos". Não adiantou nada: o filme, que à época foi o musical mais caro de todos os tempos, fracassou redondamente na bilheteria e foi massacrado pela crítica.



▸ **CAPTAIN EO** ***(Francis Ford Coppola, 1986)*** – Ainda na crista da onda de *Thriller* (1983), seu disco de maior sucesso, MJ não economizou um tostão neste extravagante filme 3D feito para ser exibido apenas nos parques temáticos da Disney. Além de Coppola na direção, convocou George Lucas (produtor executivo e co-roteirista) e o diretor de fotografia Vittorio Storaro (o favorito de Coppola), como consultor. Jacko interpreta o personagem-título, um dublê de comandante de nave espacial e bailarino-cantor. Seu desafio é enfrentar as forças da Líder Suprema (Anjelica Huston), que captura EO e sua equipe. Com apenas 17 minutos de duração, o filme foi produzido a um custo de US$ 30 milhões.

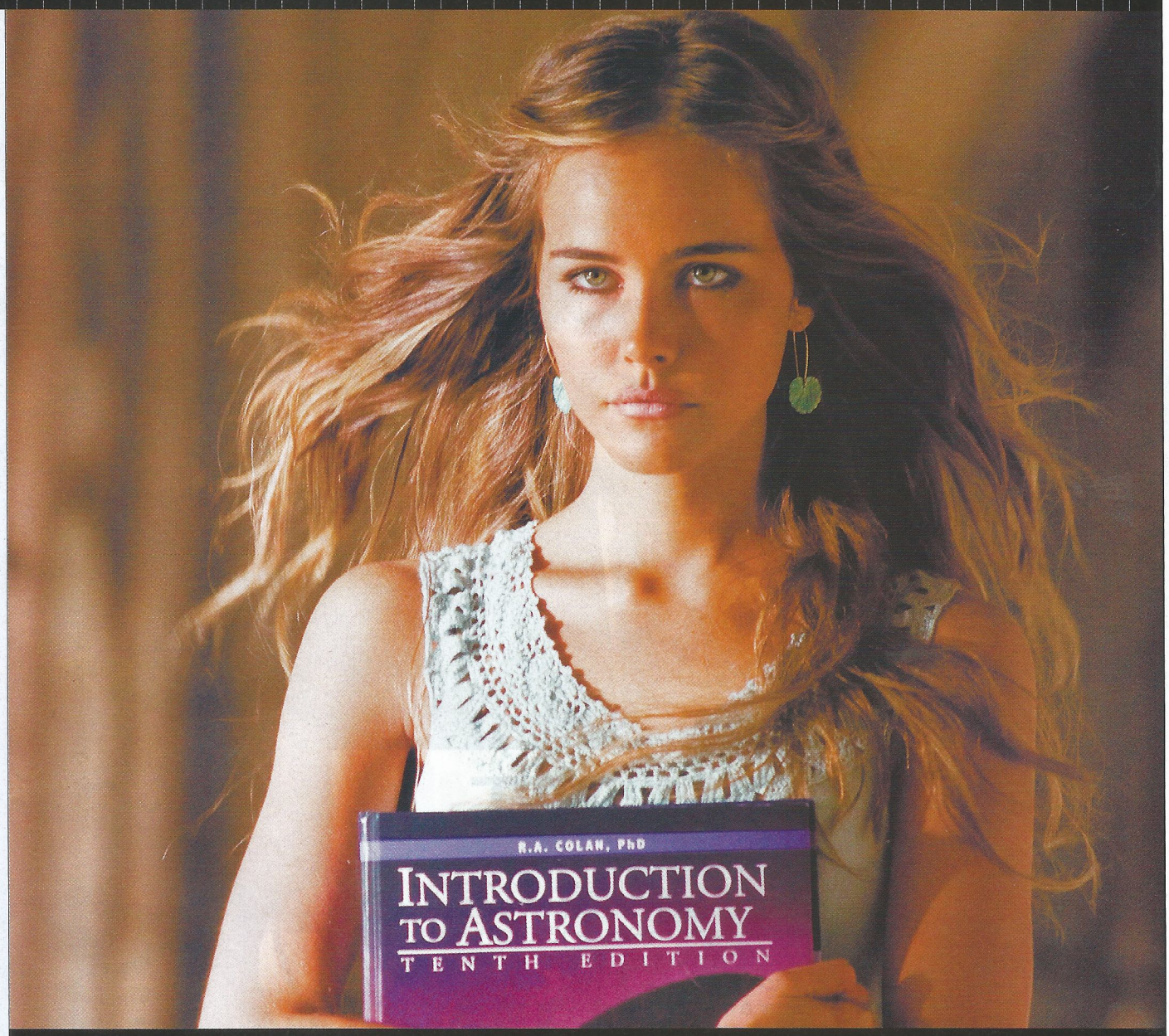


▸ **MOONWALKER** ***(Jerry Kramer, Jim Blashfield, Colin Chilvers, 1988)*** – Apesar de ter sido exibido nos cinemas da Europa e dos Estados Unidos, este longa está mais para uma coletânea de clipes do que para uma narrativa ficcional. O coração do filme é o segmento *Smooth Criminal*, no qual Jackson atua como um gângster bonzinho que protege crianças da ameaça do vilão Mr. Big (Joe Pesci). Jacko tem poderes mágicos no filmete: transforma-se num carro esporte e viaja no tempo. O resto do longa é basicamente composto de números musicais, incluindo o inovador clipe para a música *Leave me Alone* (que venceu um Grammy de Melhor Vídeo). Existe um videogame baseado no filme, que chegou a fazer sucesso (até no Brasil). No vácuo da morte do cantor, a Warner relançou o longa em DVD por aqui.



▸ **MISSÃO QUASE IMPOSSÍVEL** ***(Bryan Michael Stoller, 2004)*** – Sabe essa linha de filmes tipo *Não É Mais um Besteirol Americano* e *Todo Mundo em Pânico*? Acha ruim? Imagine uma versão piorada deles. Assim é *Missão...*, paródia que avacalha ao mesmo tempo com *Náufrago*, *Miss Simpatia*, *Parque dos Dinossauros*, *O Sexto Sentido* e a série *Harry Potter*. Jackson aparece numa ponta, interpretando o Agente MJ. As cenas nas quais o aparece foram filmadas no próprio rancho do astro, Neverland. Apesar de o papel ser pequeno, seu rosto foi usado de modo proeminente nos cartazes do longa. O tiro acabou saindo pela culatra: devido aos problemas que o popstar enfrentava com a Justiça, a distribuidora Showcase Entertainment resolveu não lançar o filme nos cinemas. Jerry Lewis, Pat Morita e Bernie Kopell foram convencidos a participar dessa geringonça cinematográfica, estrelada pelo pobre Eric Roberts.

▸ **HOMENS DE PRETO 2** ***(Barry Sonnenfeld, 2002)*** – Jackson aparece interpretando a si mesmo numa curta sequencia do filme. Ele pede ao Chefe Zed (Rip Torn) que o deixe fazer parte da agência MIB, com o codinome de Agente M, para caçar alienígenas escondidos na Terra. Na época, a vida particular do cantor já tinha se transformado no circo que todo mundo conhece: operações plásticas, mudanças de cor da pele, acusações de pedofilia. No mínimo, Jackson demonstrou ter bom humor em relação à sua imagem pública. Afinal, fama de E.T. ele já tinha mesmo.



→ EM BREVE NUM CINEMA PERTO DE VOCÊ

ISABEL LUCAS

Estrela de telenovela na Austrália, a loura chega a Hollywood pelas mãos de Spielberg – e encara guerra na TV e vampiros na sala escura

Como estrela de *Transformers: a Vingança dos Derrotados*, Megan Fox só enfrentou uma ameaça real. E não era um robô gigante, e sim de Isabel Lucas, a lourinha australiana que interpreta Alice, sua rival pelo coração de Sam (Shia LeBeouf). É o primeiro papel que a atriz e modelo de 24 anos emplaca em Hollywood – depois de, vejam vocês, tornar-se famosa como ativista pró-ecologia. Ela chegou a ter sua prisão decretada no Japão, por participar de uma manifestação contra a pesca de baleias. Revelada na telenovela australiana *Home and Away*, a moça teria sido escolhida por Steven Spielberg em pessoa para estrelar na sequência de *Transformers*. A hipótese ganha força quando sabemos que Isabel está escalada para a minissérie *The Pacific*, ambientada na Segunda Guerra Mundial e também produzido por Spielberg. Em janeiro do ano que vem, divide a tela com Ethan Hawke, Willem Dafoe e Sam Neill na aventura sobrenatural *Daybreakers*, na qual a humanidade luta contra uma praga que transforma a população em vampiros. E quem não daria uma mordidinha nesse pescoço?

Thomas Edward e Daniela Escobar: uma lidinha na NOVA SET que ninguém é de ferro

Elke Maravilha e Jorge Salomão: eles não pararam um só minuto

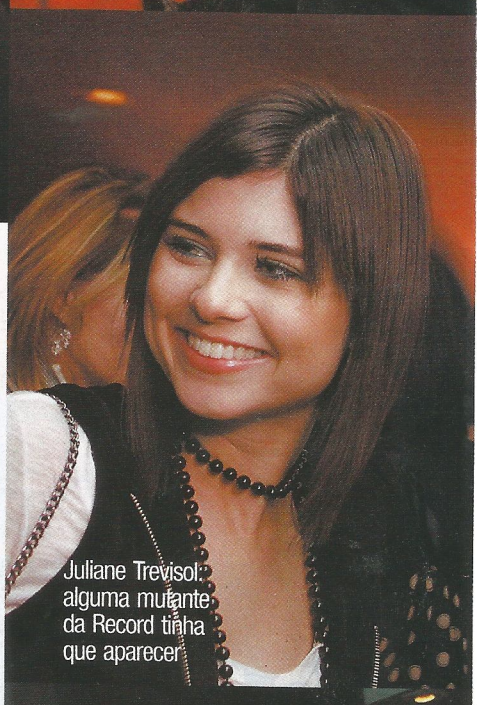
NOVA SET

Coisa de cinema. A SET que você pôs as mãos em junho também foi parar nas mãos dos 400 convidados da primeira festa da revista, na Nuth Lagoa, no Rio, dia 18. Entre cineastas, artistas, produtores e alguns nobilíssimos leitores, a equipe de jornalistas pôs para andar à frente o projeto de fazer a melhor revista de cinema do Brasil. A noite foi tão, digamos, cinematográfica que resolvemos lançar toda edição naquele pedaço da Zona Sul carioca – a próxima acontece em 23 de julho, novamente uma quinta-feira. Nas carrapetas, Marco Antonio Barbosa, o DJ Bart, um dos editores, foi fundo na trilha, com canções de clássicos de Hollywood de todos os tempos. Nas paredes, dezenas de cartazes de filmes que você certamente não perdeu e não vai perder. O melhor de tudo foi um tardio, mas necessário reencontro do cinema brasileiro com a SET. O leitor que chegar lá na próxima bate no ombro da gente.

Na pista

As trilhas que rolaram

- ***Gonna Fly Now,*** Bill Conti (*Rocky, um Lutador*)
- ***Stuck in the Middle with You,*** Stealers Wheel (*Cães de Aluguel*)
- ***Diamond,*** Klint (*Snatch – Porcos e Diamantes*)
- ***To the Taxmobile Let's Go!,*** Neal Hefti vs. The Beatles (*Batman*)
- ***Night Fever.*** Bee Gees (*Os Embalos de Sábado à Noite*)
- ***Maniac,*** Michael Cembello e *Flashdance... What a Feeling*, Irene Cara (*Flashdance*)
- ***Axel F.,*** Harold Faltermeyer (*Um Tira da Pesada*)
- ***The Power of Love*** , Huey Lewis & The News (*De Volta Para o Futuro*)
- ***Mamma Mia!.*** ABBA (*Mamma Mia!*)
- ***A View to a Kill,*** Duran Duran (*007 na Mira dos Assassinos*)
- ***Grease,*** Frankie Valli (*Nos Tempos da Brilhantina*)
- ***Ghostbusters,*** Ray Parker Jr. (*Os Caça-Fantasmas*)
- ***Misirlou.*** Dick Dale & His Del-Tones (*Pulp Fiction*)



Juliane Trevisol: alguma mutante da Record tinha que aparecer

Ricardo Nauenberg: sim, ele está a passos de lançar seu filme

Ângelo e Rosi Sganzerla, que lançam em breve *Os Espanhóis Confinantes*

Christian Boudier e Flávio Tambelini: papo de cinema

Ao lado de Tony Ramos: "O que vi entre ele e o Dan Stulbach não poderia morrer no palco"

À WOODY ALLEN?

Daniel Filho conta que seu novo longa, TEMPOS DE PAZ, foi feito no "fundo de quintal"

Ele acostumou-se a escrever, dirigir e lançar filmes anualmente – além de resolver atuar numa de suas mais recentes produções. Não, não estamos traçando o perfil do diretor americano Woody Allen, 73 anos, mas sim de Daniel Filho, um dos mais bem-sucedidos cineastas do cinema brasileiro. Aos 71 anos, ele toca em ritmo acelerado os projetos da sua produtora Lereby, como a adaptação cinematográfica para a telenovela *Roque Santeiro* e a cinebiografia do médium brasileiro *Chico Xavier*. Agora, porém, concentra-se para o lançamento de seu novo longa-metragem, *Tempos de Paz* – orçado em R$ 1, 5 milhão. "É como o Woody Allen, quero manter essa média de um filme por ano", compara-se Daniel.

O aguardado e autoral trabalho do diretor é mais uma amostra da afinada relação com Tony Ramos – protagonista da milionária franquia *Se Eu Fosse Você*, cuja segunda versão é a maior bilheteria da retomada, arrecadando R$ 40 milhões.

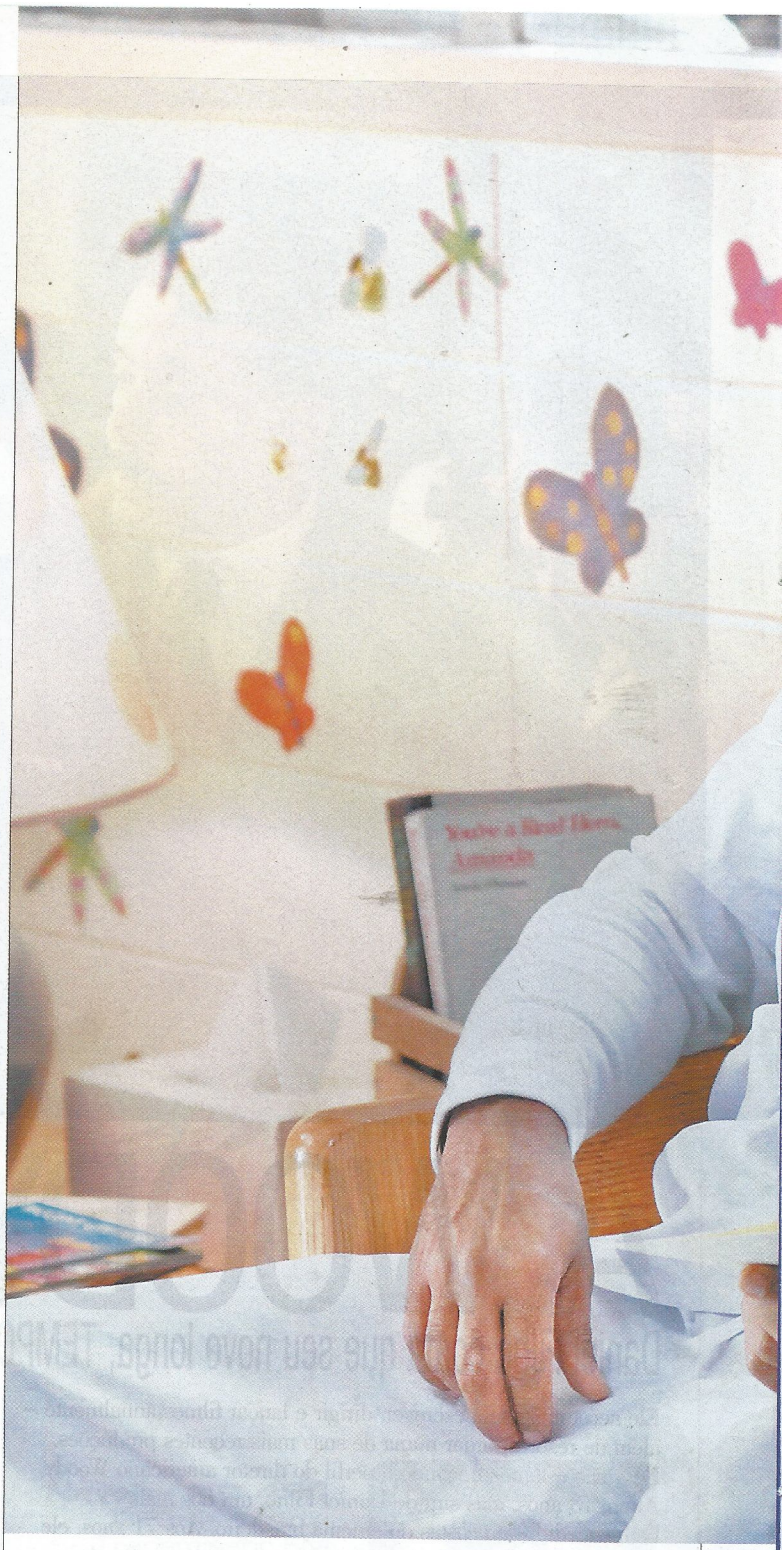
"É claro que acho do cacete uma bilheteria dessas", afirma Daniel Filho à **SET**. "É algo importante para o cinema brasileiro, que agora se sustenta com filmes de comédia. Antes eram os atores que carregavam o público, os comediantes como Renato Aragão. Estamos lutando de igual para igual com os blockbusters. Trabalho há 55 anos nesse sentido. A experiência leva você a tomar menos tombos". O filme, baseado numa peça de Bosco Brasil, é ambientado após o fim da Segunda Guerra Mundial.

A trama conta com Tony Ramos no papel de Sigismundo, um oficial do governo Getúlio Vargas responsável por interrogar e expedir vistos para a entrada de imigrantes no país. Dan Stulbach vive um ator polonês, Clausewistz, que se passa por agricultor para conseguir permanência no Brasil e recomeçar sua vida. "O que vi entre o Dan e o Tony não poderia morrer no palco. Decidi fazer um filme de fundo de quintal. O projeto cresceu e espero que atinja 500 mil espectadores. Ele se comunica com o público através de sentimentos. É preciso que o público se reconheça. Até com um rejeitado, como faz Woody Allen".

DRAMA NEGRO

O cantor LENNY KRAVITZ fala sobre *Precious*, filme em que interpreta um enfermeiro que atende à protagonista, cheia de problemas

Carlos Helí de Almeida



Não são poucos os casos de gente da música que descamba para o cinema. Na mais das vezes, descobre-se que, como ator, é melhor ficar o microfone à mão. Quando decidiu tomar a iniciativa de colegas como Mariah Carey e Justin Timberlake, Lenny Kravitz escorou-se na herança genética. "Minha mãe (a atriz Roxie Rocker) vem do teatro e protagonizou um dos primeiros seriados da TV americana estrelados por um casal de negros, nos anos 70", conta o roqueiro americano de 45 anos em entrevista à **SET**, que promove *Precious*, produção independente dirigida por Lee Daniels, sua estreia no mundo dramático. Kravitz já participara de peças de teatro na adolescência. "Para alguém como eu, acostumado a escrever as minhas próprias músicas, administrar a banda e a produzir shows, fazer esse filme foi um grande exercício no sentido de me libertar de todo aquele controle que costumo ter no mundo dos palcos", confessou.

O papel de Kravitz em *Precious* é relativamente pequeno, mas do tamanho certo para avivar um antigo desejo do músico de investir numa carreira paralela no cinema. "Sempre quis fazer filmes porque me interesso muito por cinema desde muito jovem. Muitas das canções que compus foram inspiradas em filmes e outras artes visuais. Eu e Lee já estamos conversando sobre futuros projetos juntos", revela o músico, que passou pelo Brasil pela última vez em 2007.

E, PELO JEITO, KRAVITZ ESTREOU COM O PÉ DIREITO: quando desembarcou em Cannes, onde competiu na mostra Um Certo Olhar, o filme exibia o carimbo de qualidade do Sundance Film Festival, onde ganhara o Grande Prêmio do Júri, o de Público e um especial de interpretação (para a comediante Mo'nique, aqui em papel dramático). Inspirado

Kravitz, em cena com Gabourey Sidibe: sem resquícios do glamour de astro do rock

em livro autobiográfico, *Precious* descreve o drama de uma adolescente negra do Harlem nova-iorquino que convive com o excesso de peso e os maus-tratos impostos pela mãe. O filme chega ao circuito americano em novembro.

Em *Precious*, Kravitz interpreta John, enfermeiro de um hospital público que atende à protagonista (vivida pela estreante Gabourey Sidibe) durante o parto de seu segundo filho. "É um sujeito meio misterioso. A única coisa que temos certeza sobre ele é a sua humanidade", resume o músico. Touca na cabeça e estetoscópio enrolado no pescoço, John em nada lembra a persona roqueira que Kravitz encarna nos palcos. "Até as pessoas que trabalharam no filme demoraram a me reconhecer", lembra. "Embora o espectador fique sabendo pouco sobre John, eu e Lee discutimos bastante até chegar ao que é mostrado no filme. Criamos todo um passado possível para o personagem e algumas pistas para entendê-lo são jogadas para o espectador. Para nós, John deve ter comido o pão que o diabo amassou. Deve, inclusive, ter cumprido pena na prisão por algum motivo. É possível, até, que ele seja muçulmano, daí usar uma touca na cabeça. Enfim, é um cara que, por suas origens, deve ter sofrido muito e é capaz de entender a trajetória de privações da personagem central", elabora Kravitz.

O LONGA GANHOU O PRÊMIO DO JÚRI E DO PÚBLICO NO SUNDANCE FILM FESTIVAL E FOI EXIBIDO RECENTEMENTE NA MOSTRA UM CERTO OLHAR, NO FESTIVAL DE CANNES

É claro que ter o nome de um astro da música pop no elenco ajuda a vender qualquer filme na praça. E Daniels conseguiu dois, já que Mariah Carey também arranjou um pequeno, porém expressivo, papel para ela na trama, a da assistente social responsável pelo caso da família da protagonista.

Gabourey: vivendo a personagem-título, a atriz arrebata e já está até cotada para o Oscar

Dizem até que este é o melhor desempenho no cinema de Mariah, maior nome por trás de fracassos como *Glitter – O brilho de uma estrela* (2001). A escolha do diretor por Kravitz, ao contrário, passa por motivos menos comerciais. "Como já o conhecia há algum tempo e sabia do interesse dele por cinema, achei que este pequeno papel seria uma oportunidade perfeita para que o senhor Kravitz pudesse pôr à prova suas habilidades dramáticas", explica Daniels, que, ao longo da entrevista, sempre se referia ao músico de forma cerimoniosa. "Até porque John é tudo o que o senhor Kravitz não é. O personagem é resultado de uma vivência completamente diferente, o que pode ser encarado como um desafio para ele".

CANDIDATA DE VULTO

A obra de Lee Daniels procura se infiltrar na guerra do Oscar

A passagem de *Precious* por Cannes pode ter sido apenas mais uma parada do filme de Lee Daniels no caminho rumo à cerimônia do Oscar de 2010. Desde sua estreia em Sundance, no início do ano, onde conquistou três prêmios importantes, a produção rapidamente se tornou um dos primeiros candidatos aos troféus oferecidos pela Academia de Artes e Ciências de Hollywood. Cientes desse potencial, seus realizadores agendaram o lançamento nos Estados Unidos para novembro, no auge das especulações para a temporada de premiação americana. Comediante vencedora no Sundance, Mo'Nique já surge como provável finalista da categoria de interpretação feminina por sua performance como Mary, a mãe abusiva e violenta da personagem-título. Esta, interpretada de forma arrebatadora por Gabourey Sidibe, também pode colocar a novata atriz de 26 anos no páreo. Há até quem diga que sobre uma vaguinha para Mariah Carey, irreconhecível na tela sem os apetrechos de ídolo da música pop.

PEDRO BUTCHER

O FILME QUE A CRISE ABAFOU

OS DELÍRIOS DE CONSUMO DE BECKY BLOOM, agora em DVD, é bom motor para rirmos da falta de dinheiro na conta

Em setembro do ano passado, quando começaram a aparecer as notícias de que uma séria crise econômica explodiria nos Estados Unidos, a Disney se viu com uma batata quente nas mãos. Um de seus principais lançamentos para 2009 seria *Confessions of a Shopaholic*, adaptação do best-seller de Sophie Kinsella sobre uma jovem gastadeira viciada em compras. Pense no filme errado, na hora errada.

A confirmação da crise comprometeu o lançamento dessa comédia, que entrou em cartaz no mercado americano em fevereiro passado, sem muito estardalhaço. A reação da imprensa, como previsto, não foi lá muito simpática: "As confissões de que precisamos agora seriam um documentário com o ex-diretor da Merrill Lynch em prantos, pedindo desculpas ao público americano", escreveu Melissa Anderson no jornal nova-iorquino *Village Voice*, definindo o filme como "um gesto obsceno". A jornalista australiana Sandra Hall, do *Sidney Times*, foi um pouco menos raivosa, mas não menos dramática: "Definitivamente este filme é um retrato destes tempos estranhos em que vivemos, que nos exortam a gastar e gastar pelo bem da economia, ignorando a possibilidade de que nossos empregos podem se evaporar nos próximos cinco minutos".

Neste cenário, o lançamento internacional de *Confessions of a Shopaholic* foi bastante reduzido. Por aqui, o filme estreou em10 de abril em apenas 78 salas, com o título *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom*. Em seu primeiro fim de semana, foi visto por 44,8 mil espectadores; até o fim de maio, já em fim de carreira nos cinemas, o público estava em 154 mil.

A crise ainda não passou e os efeitos da tsunami econômica ainda se fazem sentir, mas *Os Delírios de Consumo de Becky Bloom* bem que merece uma revisão, agora que chega em DVD. Longe de ser uma obra-prima, tem ótimos momentos de comédia e, sobretudo, pode – e deve – ser visto como um daqueles imensos espelhos da sociedade que só a fábrica hollywoodiana é capaz de produzir, realçando distorções e absurdos da vida cotidiana.

Rebecca Bloomwood (Isla Fischer) é uma jovem moradora de Nova York que não pode ver uma vitrine. Gasta boa parte de sua vida fugindo de cobradores e tentando administrar os limites que lhe restam de suas dezenas de cartões de crédito. Tenta superar sua fraqueza frequentando um grupo de "compradores viciados anônimos". "Sua mãe e eu acreditamos que se a economia americana pode ter bilhões em dívida e ainda assim sobreviver, você também pode", diz seu pai, interpretado por John Goodman.

Os Delírios de Consumo de Becky Bloom tem várias outras frases antológicas e sintomáticas como essa – e que, após a crise, soam como o melhor lembrete do tipo de pensamento e da cultura que acabaram levando, justamente, à explosão da bolha de crédito. Aparentemente ingênuo, o filme, levado com direção segura pelo experiente australiano P. J. Hogan (de *O Casamento de Muriel* e *O Casamento de Meu Melhor Amigo*), divide-se entre críticas ácidas e um certo deslumbramento pelo mundo do consumo desenfreado e das marcas hiperinflacionadas.

Um de seus pontos fracos é a protagonista Isla Fisher, nem tanto por falta de talento para a comédia (ela tem um ótimo timing) e mais por sua falta de carisma (às vezes ela parece uma imitação de Amy Adams). Em compensação, os coadjuvantes são soberbos. Além de um injustamente sumido John Goodman, também estão no elenco Joan Cusack, Kristin Scott Thomas e John Litghow.

Enfim: a hora ainda pode ser a errada, mas o filme pode ser o programa certo para rirmos um pouco das mazelas da crise.

Tiago Rodrigues

TODA NUDEZ SERÁ EDITADA

É terminantemente proibido qualquer tipo de sacanagem no cinema brasileiro sob pena de bilheterias fracas e de manter longe das salas as famílias: afinal, ONDE FORAM PARAR OS REIS DA SAFADEZA E SEUS CLÁSSICOS INSTANTÂNEOS?

Dirley Fernandes

Certa feita, quando havia inteligência a bordo suficiente para valer a pena assistir ao *Manhattan Connection*, o mediador Lucas Mendes, depois de ouvir uma peroração de Caio Blinder desancando o filme *Alien – O 8º Passageiro*, vira-se para Paulo Francis e pergunta: "E, você, Francis, o que achou?". O velho cinéfilo respira e vai direto ao ponto: "A cena da Sigourney Weaver de calcinha é imorrrrrtal". Corta para o cinema brasileiro contemporâneo: a musa Luana Piovani estrela *A Mulher Invisível*, filme cujo tema é a criação, por artes da imaginação doentia de um recém-separado, de uma figura feminina ideal. E a protagonista aparece, com suas formas bem mais generosas do que a de Sigourney Weaver, várias vezes de calcinha, com direito até a um quase close lateral da parte de trás de sua silhueta. Mas fica nisso. Nem um peitinho, sequer uma bunda erguida em sua glória, completamente livres de vestes. Ou seja, muito menos do que se oferecia ao espectador que assume sua porção voyeur na saudosa sessão *Sala Especial*, do SBT, nos distantes inícios dos anos 80.

A mulata nota 10 Adele Fátima e os anões gulosos em *Histórias Que Nossas Babás Não Contavam*

CARLO MOSSY, O MAIOR COMEDOR DE NOSSA PRODUÇÃO SEM VERGONHA, ESTÁ DEITADO NA CAMA DA GAROTA DE IPANEMA. FAZ UM DOCUMENTÁRIO SOBRE O BAR CARIOCA

Fosse, digamos, há uns 25 anos, e a mulher invisível do filme de Claudio Torres teria uma porção muito maior de suas formas visíveis bem visíveis. Não está se falando aqui do cinema pornô nacional, hoje uma indústria firme e forte com estrelas internacionais como Mônica Mattos. E sim da saudável e honesta tradição do erotismo no nosso cinema mainstream, que, depois da retomada do anos 90 e da instauração de sucessos de bilheteria cada vez mais "para-toda-a-família", entrou em franca queda.

Foi um tento para os que condenam o voyeurismo do cinema, como se não fosse o olhar voyeur a própria origem da experiência cinematográfica. Vide Pedro Cardoso, cujos olhos esbugalhados têm visto a pornografia permeando toda a produção audiovisual, "particularmente a brasileira", como disse em seu recente e já imortalizado manifesto: "Até quando nós, atores, ficaremos atendendo ao voyeurismo e à disfunção sexual de diretores e roteiristas que, instigados pelos apelos do mercado, ou por si mesmos, nos impingem estas cenas macabras"?

Rosana Ghessa, starlet dos 70, e Newton Prado: *Lua-de-mel e Amendoim* (1971)

Mas sempre se pode esperar a reação dos que não se esquecem que o cinema é, ou já foi, a maior diversão: "Pedro envergonhou a família", lamenta Ivan Cardoso, primo do ator e cineasta que não dispensa a nudez em suas originalíssimas obras – entre as quais se incluem *Os Bons Tempos Voltaram – Vamos Gozar Outra Vez* (1985), em que o primo Pedro contracena em cenas quentes com Carla Camurati, e o praticamente inédito *Um Lobisomem na Amazônia*, sobre o qual ele conta: "Tem a Karina Bacchi, tomando banho de rio, peladona... Uma maravilha!".

AS DIFICULDADES ENFRENTADAS PELO MESTRE do terrir para lançar comercialmente seu filme, concluído desde 2005, são sintomáticas. "Preciso lançar de qualquer jeito. O público popular, que não tem vergonha de dizer que gosta de sacanagem, esse não vai mais ao cinema. Só tem circuito chato. Ou é o americanão, dos multiplex, ou é pior ainda, o dos chatos intelectuais, desses filmes de 15 mil, 17 mil espectadores.... Com isso, um cineasta como eu se sente emparedado".

Adaílton Medeiros, à frente do Ponto Cine, sala no subúrbio carioca de Guadalupe, lida diretamente com a faixa de renda para quem o cinema, cada vez mais, torna-se uma diversão excessivamente cara. E atesta que há um público saudoso da velha forma brasileira de comédia, mais sacana e sexuada: "Estamos tentando encontrar uma forma de atender a essa demanda. Apresentar as pornochanchadas e as velhas chanchadas em horário alternativo", diz ele. "Falta esse tipo de filme na produção brasileira atual, assim como o trash, que já tivemos. Há uma demanda do público, sim".

Para Adaílton, a opção pela mão mais leve na hora de abordar o sexo é ditada pelo mercado. "Na filmagem e na edição, procura-se retirar a sexualidade para atrair o público adolescente. A audiência de cinema está

Linha do tempo do erotismo

Do sexo nascemos, para o sexo vivemos. Mas há algum tempo não nos vemos atrás das câmeras

Anos 20 e 30

Títulos como *Quando Ellas Querem* (1925) e *Messalina, a Imperatriz da Luxúria* (1930) não deixam mentir: o diretor Luiz de Barros foi mesmo o introdutor da picardia no cinema nacional. Em 73 (!) anos de carreira, fez de tudo: chegou mesmo a trabalhar com Orson Welles (foi o cenógrafo de *É Tudo Verdade*).

Anos 40 e 50

As chanchadas da Atlântida, ainda que ingênuas, começavam de leve a mexer com a cabeça do povão. Paroxismo: Norma Bengell, parodiando Brigitte Bardot em *O Homem do Sputnik* (1959).

Anos 60

Norma Bengell, de novo, protagoniza o primeiro nu frontal do cinema brasileiro em *Os Cafajestes* (1962). No fim da década, começavam a surgir em São Paulo as bases do gênero que se tornaria sinônimo de cinema erótico nacional: a pornochanchada. *Os Paqueras*, dirigido e estrelado por Reginaldo Farias em 1969, é hoje apontado como o precursor. Trazia, oba, Leila Diniz e Darlene Glória em excelente forma.

Anos 70

Inspiradas nas comédias italianas picantes e de carona nos populares filmes da Atlântida, as pornochanchadas floresceram na Boca do

mais jovem e menor. Os realizadores não podem abrir mão de alguns públicos". O próprio diretor de *A Mulher Invisível* confirma que o filme é "de mercado" e que aprendeu com o seu anterior, *Redentor*, que, se uma produção não tiver mais de 600 mil espectadores, "não existe".

Aníbal Massaini, que produziu clássicos da cinematografia safada brasileira, como o clássico instantâneo *Cada Um Dá o que Tem* (1975) e *Histórias que as Nossas Babás não Contavam* (1979), além de ter dirigido o primeiro grande hit de Vera Fischer, *A Super Fêmea* (1973), confirma que a tendência mais comportada e autorrepressora está em voga. E explica, na ponta da língua: "É muito difícil chegar para o departamento de marketing dos patrocinadores atuais do cinema brasileiro com um projeto em que haja a possibilidade mínima de que, no desenvolvimento do roteiro, se possa ir mais fundo nas questões sexuais".

MASSAINI LEMBRA QUE, NA DÉCADA DE 70, os filmes brasileiros que tinham o sexo como presença constante ou mesmo tema principal eram "30% da produção, mas 80% entre os que tinham a maior resposta do público". E ressalta: "Mas esses filmes eram sustentados pelo público dos cinemas dos bairros centrais da cidades, em áreas de grande circulação popular, hoje extintos. Os cinemas estão em shoppings de bairros mais caros, a preços altos. Os produtos dependem demais dos adolescentes, que afluem para esses lugares no fim de semana. A classificação etária se torna fator determinante para a carreira do filme", diz.

Ainda falando sobre classificação etária, Massaini – parceiro do diretor Walter Hugo Khouri, um dos mais cultuados cineastas brasileiros, que construiu sua obra autoral tendo o sexo como tema principal – recorda que o Ministério da Justiça é muito mais rigoroso com cenas de sexo do que com as que exibem drogas e o atual fetiche de estimação do audiovisual nacional: a violência. A provar, a classificação dada a *Meu Nome não é Johnny*, em que drogas e rock'n'roll rolam sem parcimônia, mas o sexo é escamoteado, deixando a trilogia incompleta. A opção garantiu a liberação para maiores de 14 anos, mas privou o público de um retrato mais fiel do Rio pré-Aids dos anos 80.

Bem-dotado – O Homem de Itu era o próprio Nuno Leal Maia, aqui com Maria Luiza Castelli

Pior dos males, recusou ao espectador uma visão mais aprofundada das "pernas roliças" e demais formas tão privilegiadas quanto compactas da bela Cléo Pires, esse espanto da evolução das espécies.

Autor de *Boca do Lixo – Cinema e Classes Populares* (Editora Unicamp, 2006), o professor e cineasta Nuno César Abreu acredita que a produção internacional está igualmente pudica. Para ele, o tipo de humor apimentado do cinema brasileiro dos anos 70 migrou para a televisão: "As questões sexuais não mobilizam mais ninguém. Liberações e transgressões de toda ordem faziam parte do transformar o mundo de então. O erotismo de hoje, depois do Viagra e do sexo casual, é até um tanto cínico".

Lixo, reduto de produtoras de cinema em São Paulo. De pornô – sexo explícito – a nova safra não tinha nada. Mas a nudez das moças pré-silicone garantia o sucesso. À margem da Embrafilme, sustentavam-se com o (imenso) retorno de bilheteria. Exemplos: *Como É Boa a Nossa Empregada* (Ismar Porto & Victor Di Mello, 1971), *Lua de Mel e Amendoim* (Fernando de Barros, 1971), *O roubo das calcinhas* (Sindoval Aguiar e Braz Chediak, 1975), *Amada Amante* (Claudio Cunha, 1978), *Bem Dotado – O Homem de Itu* (José Miziara, 1978), *Histórias que Nossas Babás não Contavam* (Aníbal Massaini, 1979) e *Ariella* (John Herbert, 1980) – todos ultrapassaram o milhão de espectadores. Mais de uma geração de musas floresceram: Aldine Müller, Helena Ramos, Matilde Mastrangi, Monique Lafond, Adele Fátima, Nicole Puzzi, Alcione Mazzeo... Ao fim da década, até mesmo produções respeitadas (e bancadas pelo governo) como *A Dama do Lotação* (1979) e *Os Sete Gatinhos* (1981), ambos de Neville D'Almeida, também enfatizavam fortemente o erotismo. Algumas atrizes fizeram o crossover para o mainstream (leia-se TV),

SE QUISER VER ALGO MAIS OUSADO, PROCURE OS FILMES DA MÔNICA MATTOS OU QUALQUER OUTRA DA PRODUTORA BRASILEIRINHAS. TEMOS QUE ATURAR O MANIFESTO DO PEDRO CARDOSO

Carlos Reichenbach, que estreou em longa-metragens coassinando *As Libertinas*, em 1968, e tem no glorioso currículo títulos como *A Ilha dos Prazeres Proibidos* (1978), concorda que os cineastas brasileiros têm hoje um "comportamento de auto-censura", mas crê que o processo começou em fins dos anos 80. "Teve um pouco a ver com a chegada da Aids. Mas o que pesou foi a exaustão provocada pela entrada avassaladora do filme pornográfico (estrangeiro), que acabou com o mercado de salas de cinema dos centros das cidades, onde os filmes brasileiros eram lançados. Hoje, o mercado exibidor deixou de ser gerido por famílias, que participavam da nossa produção, e é dominado por conglomerados", diz ele, repetindo sua desconfiança de que esse movimento possa ter sido orquestrado para golpear a produção cinematográfica nacional.
Carlão, no entanto, situa os filmes de temática sexual dos anos 70 como um reflexo do período histórico.

"Vínhamos da liberação promovida nos anos 60 e a revolução sexual estava a mil. O sexo era uma atração no cinema. Hoje, está tudo à distância de um clique. Não tem mais público para isso".
Isso não impede que ele tenha se espantado com o manifesto "anti-pornografia" de Pedro Cardoso. "Aquilo foi de um moralismo assustador. Não há por que inserir uma cena de sexo gratuita num determinado filme, mas, se tiver que ter, vai ser assim e acabou. Fugir desse caminho, de ambas as formas, é trair o conceito da obra".

Carla Camuratti e John Herbert em uma cena meiga de *Os Bons Tempos Voltaram*, de 1980

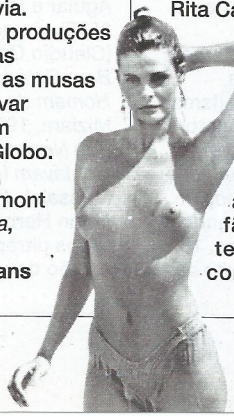
Para Reichenbach, não há diretores no atual cinema brasileiro – que ele vê, em sua corrente principal, como um "subproduto da televisão" – que saibam lidar com a questão do sexo, nem de forma profunda, nem tampouco com a leveza que o cinema brasileiro já mostrou em outros períodos. "O humor que permeava a produção das chanchadas e das pornochanchadas vem da comédia italiana, que é bem diferente da comédia romântica americana. E nós somos muito italianos, não"?

CARLO MOSSY, PAR ROMÂNTICO DE VERA FISCHER no clássico *Essa Gostosa Brincadeira a Dois* (1974), acha que sim. "O italiano e o brasileiro gostam desse meio-termo bacana entre o sexo mais explícito e o cinema assexuado desses patricinhos que dominam o cinema brasileiro atual. A gente botava o político para ser corno e isso agradava às plateias, tanto quanto as cenas de sexo em si", lembra o protagonista de *As Grã-finas e o Camelô* (1976), para quem os veteranos "aposentaram sua sexualidade" e deixaram o caminho aberto para uma geração "sem tesão pela câmera".
"O cinema brasileiro perdeu a visceralidade e, com ela, seu mercado. Nós tínhamos 50%", enfatiza o produtor de *Giselle*, que, em 1981, teria arrebanhado impensáveis 9 milhões de espectadores. Para Mossy, a produção brasileira hoje não leva em conta a

como Vera Fischer. Do lado dos garotões, Carlo Mossy, David Cardoso, Nuno Leal Maia e Jece Valadão eram os mais cotados.

Anos 80

Coisas Eróticas (1982), oficialmente o primeiro longa brasileiro com cenas de sexo explícito, explode nas bilheterias (mais de 4 milhões de pagantes) e marca o início do fim das pornochanchadas. Os filmes pornô americanos invadem as casas (via aquela novidade tecnológica típica da época, o videocassete) e os similares nacionais lotam as salas, especialmente a partir de 1984, com o fim da censura prévia. Enquanto as produções não-explícitas minguavam, as musas tentavam cavar pontinhas em novelas da Globo. Ainda assim, Denise Dummont (*Rio Babilônia*, 1982), Monique Evans (*Eu*, 1985) e a dupla Rita Cadillac & Gretchen (*Aluga-se Moças*, o "clássico Mobral" de 1982) deram alguma alegria aos fãs. Astros televisivos como Angelina Muniz, Lucélia Santos, Antonio Fagundes, Carla Camuratti, Mario Gomes, Claudia Alencar, Marcos Frota, Tarcísio Meira e até a Xuxa (no hoje proibidão *Amor Estranho Amor*, 1982) entraram na dança. Paralelamente, na TV, os sucessos dos anos



"psicologia da massa, da qual a sacanagem faz parte": "Não importa mais o que o público quer. O negócio é pegar o dinheiro – que, no final, é público – com o coleguinha do marketing da empresa e fazer aquela brincadeirinha entre amigos". Sinal dos tempos: Mossy, talvez o maior comedor do cinema brasileiro, está captando recursos para finalizar *Garota de Ipanema*, sobre o famoso bar carioca, do qual foi um dos personagens nos tempos áureos. Mas, cá para nós, quando o rei do cinema "gostoso" parte para o documentário é um indício claro de que há algo sério demais acontecendo com a produção cinematográfica brasileira. "Tudo bem...", diverte-se o realizador. "Cinema pode não ser a coisa mais importante do mundo... mas o sexo é".

Alba Valéria, a protagonista de *Giselle* (1983), um dos últimos hits antes da invasão do sexo explícito

HÁ ESPERANÇA

História de Bruna Surfistinha é a salvação do gênero

Em abril de 2010, o cinema brasileiro tem um relax marcado com Bruna Surfistinha. Essa é a previsão de lançamento de *O Doce Veneno do Escorpião*, baseado no best-seller assinado pela garota de programa mais famosa do país e caso raro de blogueira que deu certo (com trocadilho, por favor). As filmagens estão agendadas para setembro e outubro próximos. A moça que tinha como diferencial competitivo gostar muito do trabalho que fazia será vivida pela atriz Karen Junqueira, que, além de formas mais harmoniosas do que as da personagem original, tem uma carinha muito especial, das mais apropriadas para o papel. Isso se a Rede Record não empatar: Karen vive a mutante Fúria na novela *Caminhos do Coração*.

Será que a história da moça que narra episódios de dupla penetração e orgias com oito rapazolas será a oportunidade para que o sexo seja abordado de maneira menos pudica na filmografia brasileira atual? O diretor do filme, Marcus Baldini, que dá as últimas estocadas no roteiro, diz que... bem, talvez. "O filme vai ter muitas cenas de sexo, sim. A vida dela é isso. Não vou evitar nem usar o sexo de forma gratuita. A tentativa é que tudo tenha pertinência com a história", diz o cineasta. Baldini admite que há um desejo dele e dos produtores (TV Zero) de que o filme seja liberado apenas para maiores de 16 anos. "Essa discussão acontece. Se eu puder abrir mão de certos closes dispensáveis...", adianta ele, garantindo, no entanto, que sua maior preocupação é "preservar a qualidade artística". "Contar essa história é uma tarefa muito delicada. Tenho que pensar antes de tudo em cumprir bem essa tarefa. Então, não vou sacrificar o peso que uma cena possa precisar, assim como não preciso forçar a barra no sentido contrário. Afinal, é a história de uma garota de programa".

Baseado no perfil dos leitores do livro de Bruna Surfistinha, Baldini crê que o filme terá apelo para vários gêneros e faixas etárias: "O brasileiro gosta muito de sexo. E isso se reflete no cinema", diz ele que, que tem 34 anos: "Eu tenho a vivência das ruas". O desafio – de Baldini e do cinema brasileiro – é levar isso às telas.

Bruna (E) e Karen: gratuito, não

70 conquistavam uma nova fornada de cultores. Vai dizer que você nunca ficou até a madrugada esperando os filmes da *Sala Especial*?

Anos 90

Com o fim da Embrafilme, a coisa fica muito ruim para todo mundo, e não apenas para a turma da Boca. Enquanto o mercado se reorganizava lentamente rumo à retomada cristalizada com *Carlota Joaquina* (1995), ninguém mais precisava ir ao cinema para procurar belas desnudas: a novela *Pantanal*, (lançada em 1990 e reprisada quatro vezes), por exemplo, mostrava no horário nobre da TV beldades como Cristiana Oliveira, Luciene Adami e Ingra Liberato em cenas bem desinibidas. Neville D'Almeida, sempre ele, não decepciona: refilma, em 1991, o clássico marginal *Matou a Família e Foi ao Cinema*, registrando **Cláudia Raia** com lascívia.

Anos 2000

Mesmo tendo encontros e desencontros amorosos em primeiro plano, as comédias que tanto fazem sucesso no cinema nacional nesta década evitam as cenas mais picantes. Filmes com títulos como *Entre Lençóis*, *Sexo com Amor?* e *Sexo, Amor e Traição* prometem, mas não cumprem. E Pedro Cardoso joga a pá de cal com seu discurso contra a nudez no cinema nacional, proferido no Festival do Rio em 2008.

A VENDEDORA DE PUCA

Como MAGALY SOLIER, uma garotinha que oferecia comida peruana a turistas na região andina, virou estrela de *La Teta Asustada*, filme que ganhou o Urso de Ouro em Berlim e surpreendeu o mundo. E agora ela resolveu cantar

Leandro Souto Maior

Ela estava na Plaza de Luricocha, na província peruana de Huanta, onde nasceu, a cerca de 50 quilômetros da capital Lima, vendendo a puca picante (comida típica da região andina) que havia preparado com amigas para levantar um extra e viajar a Cuzco. Entre uma venda e outra, cantarolava melodias envolventes. Desde criança, empurrada pela mãe da manhã à noite, soltava a (ótima) voz onde deixassem. Chegou a faturar duas vezes o primeiro lugar no festival de novos talentos da região. Tinha sido seu maior envolvimento com o meio artístico. Até que chamou a atenção de uma cliente especial, que quis algo além da puca picante.

"Era a diretora Claudia Llosa", lembra a atriz e cantora Magaly Solier, hoje com 23 anos, à **SET**. "Mal sabia de quem se tratava. Ela pediu meus dados pessoais. Pensei que queriam me sequestrar. Um ano depois fui chamada para atuar no primeiro filme dela, *Madeinusa* (2006)".

A parceria rendeu ainda mais. O segundo longa protagonizado por Magaly Solier e dirigido por Claudia Llosa (que é sobrinha do escritor peruano Marcos Vargas Llosa), *La teta asustada* (com estreia no Brasil em 4 de setembro) levou o Urso de Ouro em Berlim este ano. Foi a primeira vez que uma produção do país carregou para casa o cobiçado prêmio. A repercussão ("os jornais só me chamam de La Teta") a fez pular para os palcos. Magaly acaba de lançar seu primeiro CD, *Warmi*, com músicas inéditas cantadas em quechua, a língua original indígena do Peru. "Quando estou no set de filmagem sou uma atriz que canta, e quando estou no palco sou uma cantora que atua", define. "No meu disco, cada música conta uma história, e traz um personagem que eu assumo. Hoje trago a atuação e o canto no meu sangue".

A convicção se traduz no talento exibido na tela, desenvolvido como autodidata. Magaly nunca teve aulas de interpretação. "Cheguei a tentar ingressar na universidade, mas teria que parar minha carreira por pelo menos dois anos", diz a moça, que atualmente promove seu terceiro filme, *Altiplano*, que está rodando o mundo e arrancou aplausos em Cannes. "E considerei isso impossível porque sou uma pessoa muito ativa, que quer fazer várias coisas o tempo todo. Mas ainda está nos meus planos retomar os estudos".

Magaly Solier: "Hoje trago a atuação e o canto no meu sangue"

Magaly Solier voltou *hypada* de Berlim, com sua estatueta debaixo do braço. Virou celebridade. "Existem muitos jovens talentos no meu país", garante. "Espero que minha projeção desperte interesse por eles e possibilite novas oportunidades. Também tenho ídolos que me serviram de inspiração. A atriz que mais admiro atualmente é a Tilda Swinton, que tive a sorte de conhecer em Berlim".

A passagem pelo festival na Alemanha rendeu mais do que a aproximação com as grandes estrelas do cinema mundial. "Está sendo um negócio surpreendente. Agora, me imitam em tudo quanto é programa de televisão e a imprensa quer saber tudo sobre mim".

Drama até dizer chega

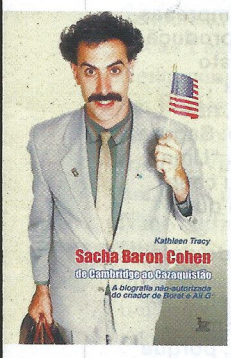
Em *Altiplano*, uma denúncia contra as mineiradoras do país

Suas personagens Madeinusa (no filme homônimo), Fausta (em *La teta asustada*) e Saturnina, no mais recente *Altiplano*, são protagonistas de carregados dramas. O primeiro é sobre um povoado nos Andes onde existe uma estranha tradição: durante a Semana Santa, os habitantes são liberados para fazer tudo o que der na telha. *La teta...* trata de uma doença que se transmite pelo leite das mulheres que foram violadas durante o terrorismo no Peru. *Altiplano* denuncia abusos cometidos por empresas mineradoras. "Gostaria de ser convidada para uma produção que tenha muita ação, como *24 Horas*, de que eu gosto muito", confessa. "Quero fazer uma espiã no cinema".

A beleza exótica, que revela suas origens indígenas, não parece um obstáculo que limite sua área de atuação. Segura, garante que pode ser escalada para qualquer papel. "Uma atriz pode interpretar qualquer personagem. No meu caso, se pedirem que engorde 20 quilos, farei. Se pedirem que volte a ser ruiva, vou fazer. É só uma questão de transformação". Depois de dois filmes sob o comando de Claudia Llosa, em *Altiplano* ela pela primeira vez experimentou ser dirigida por dois estrangeiros, o belga Peter Brosens e a americana Jessica Woodworth. "Em *Madeinusa* foi bom ter trabalhado com uma peruana, porque não tinha nenhuma experiência, não conhecia nada deste universo. Peter Brosens foi muito atento comigo, muito compreensivo. Rodamos o longa em altitudes elevadas e sob muito frio. Desmaiei várias vezes durante as filmagens. Ele cuidou de mim e foi uma relação daquelas que parece que você já conhecia a pessoa desde criança. Foi uma experiência fantástica, e eu aprendi muito".

"ESSE CARA É UMA BICHA!"

SACHA BARON COHEN irritou e constrangeu muita gente. Apanhou, passou ridículo e expôs preconceitos e intolerâncias variados. Foi processado seis vezes. E faturou US$ 262 milhões com isso tudo. Agora, ataca os bastidores da moda (e da homofobia) em sua nova comédia, *Brüno*. E sua biógrafa (não-autorizada) tenta explicar em livro quem é esse maluco



Bolívar Torres

1 Quem vem à mente primeiro quando se fala em Sacha Baron Cohen? O comediante nascido em outubro de 1971, no bairro londrino de Hammersmith? Ou um de seus perturbadores personagens – Borat, o barbudo segundo melhor jornalista do Cazaquistão; Ali G., o entrevistador politicamente incorreto; e agora Brüno, o repórter de moda gay austríaco que acaba de reciclar... Mas quem é e como vive na intimidade o homem por trás das figuras caricatas e provocadoras que encarna? Um pacato pai de família? Uma celebridade vaidosa e narcisista que joga golfe aos fins-de-semana? Apenas um senhor brincalhão? Ninguém sabe exatamente. Justamente para fixar nos olhos do público as suas criações, o Baron real precisa desaparecer. Sumir da vida pública para confundir-se com seus personagens.

2 Apesar do vácuo sobre sua intimidade, alguns vestígios deixados pelo caminho deixam a entender que Sacha Baron Cohen é um cara sério. Ou melhor: um profissional dedicado que leva muito a ferro e fogo a missão de não se levar a sério. Pelo menos, essa é a tese da escritora da Kathleen Tracy, que na

biografia não-autorizada *Quem é Esse Cara?* (Editora Matrix) investigou o passado do ator. Fuçou o acervo jornalístico de bibliotecas americanas, consultando reportagens publicadas sobretudo no início da carreira de Cohen, quando ele, assim como a maior parte das celebridades, ainda não tinha se habituado a apagar seus rastros. "O que mais me surpreendeu foi constatar o controle que Sacha exercia sobre as pessoas ao seu redor, para evitar que o público soubesse muito a seu respeito", conta Kathleen à **SET**. "Isso é bastante irônico, considerando que ele construiu sua carreira expondo as pessoas".

Brüno: austríaco, fashionista, escandaloso e disposto a expor preconceitos dos ianques

3 Enquanto seus tipos ganham superexposição na mídia, o cidadão que os interpreta foge dos tablóides (o romance com a atriz australiana Isla Fisher, a ninfeta endiabrada de *Penetras Bons de Bico*, com quem tem um filho, segue discreto, sem gerar fofocas). Entrevistas e aparições? Só se for na pele de Borat, Ali G. ou Brüno. Ao apresentar o MTV Europe Music Awards em Lisboa encarnando Borat, enganou boa parte da imprensa húngara, que realmente acreditou que um repórter cazaque participara do evento.

4 A biógrafa, que já radiografou a vida de celebridades como Jennifer Lopez, Angelina Jolie, Elvis Presley, Beyoncé, Morgan Freeman e Antonio Banderas, entre outros, descobriu fatos surpreendentes. Mas sem entrevistar pessoalmente o ator, que não autorizou a publicação do livro. "Celebridades são mais abertas quando estão no início da carreira", explica Kathleen. "Depois eles se tornam indisponíveis para entrevistas longas, esclarecedoras. E, no caso de Sacha, é ainda pior: ele sequer costuma dar entrevistas sendo ele próprio, mas apenas na pele de seus personagens".

5 Isso não impede que o livre detalhe, por exemplo, sua trajetória na conceituada Universidade de Cambridge, onde estudou história. No início, a passagem pelo Clube Dramático Amador parecia apenas um hobby. A habilidade cômica, por sinal, não era a principal inclinação do estudante, que se destacava muito mais nos papéis musicais. "Para seus professores de faculdade, Baron Cohen era um intelectual sério e socialmente proativo, particularmente interessado em estudar as raízes dos preconceitos étnicos e culturais",

O CAIPIRA AMERICANO GLENN MILLER DIZ TER RECEBIDO US$ 2 MIL PARA SER ENTREVISTADO DIANTE DAS CÂMERAS DURANTE AS FILMAGENS DE *BRüNO*. É MAIS UMA DAS CONFUSÕES

descreve a autora. Sua dissertação de final de curso foi sobre o papel desempenhado pelos judeus no movimento dos direitos civis. Uma ironia, se levarmos em conta que alguns dos personagens do ator, ele próprio judeu-não ortodoxo, já foram acusados de antissemitismo. Quando o governo do Cazaquistão processou Cohen, tentando remover o website que ele criara para Borat (alegando de que havia sido registrado com um nome falso), a resposta dada pelo ator (ou teria sido por Borat) foi a seguinte: "Gostaria de deixar claro que não tenho nenhuma ligação com o Sr. Cohen e que dou todo meu apoio para que o governo processe este judeu".

6 Talvez tenham sido os disciplinados anos de faculdade – ou seu estágio com mestre das artes de clown Philippe Gaulier, descrito por seus alunos como uma "cirurgia de abertura do coração sem anestesia" – que ajudaram Baron a desenvolver seu estilo, cujo diálogo com a sociedade e com a mídia poderia ser definido como uma espécie de "intervenção ambulante". Mas qual seria o objetivo desta intervenção? Colocar as pessoas em situações nas quais é revelado o preconceito e o ridículo da humanidade, arrancando reações histriônicas do que normalmente é apenas sublimado. "O sucesso de Sacha se deve ao fato de que ele diz coisas que a maioria das pessoas só pensa. Seus personagens, sobretudo o Borat, são o id (conceito de Freud para designar nosso reservatório de pulsões) na forma humana", sublinha Kathleen.

"O sucesso de Sacha se deve ao fato de que ele diz coisas que a maioria só pensa", diz biógrafa

7 A estratégia lembra a de Andy Kaufman, o cultuado cômico americano cinebiografado por Milos Forman em *O Mundo de Andy*, que com seus bizarros personagens criou um imenso labirinto sobre sua identidade, embaralhando as fronteiras entre o que é real e o que é interpretação.

Tanto que até hoje se discute se o desaparecimento prematuro de Kaufman, morto de câncer em 1984, aos 35 anos, não seria apenas mais uma peça pregada pelo comediante. Será que o seu sub-produto britânico, afinal, chegaria a tanto?

8 Não raro surgem situações extremas. Quem não lembra, em *Borat*, a cena em que o repórter quase apanha depois de incorporar a letra do hino nacional cazaque na melodia do hino americano, no centro de uma arena de rodeio lotada? Mais recentemente, deixou enfurecido o rapper Eminem na cerimônia de entrega do MTV Movie Awards. Travestido de Brüno, e vestindo apenas asas de anjo e um fio dental, pulou no colo do cantor, que xingou e se debateu como pôde. Eminem só se safou depois que dois seguranças se precipitaram em seu socorro. Enquanto se agarrava a Slim Shady, o comediante provocava mais um pouco: "Não me toquem, rapazes. Eu já tenho namorado!". Mais tarde, foi revelado que Eminem e Cohen haviam planejado a cena juntos previamente.

9 Baron Cohen transformou-se, é claro, num colecionador de polêmicas. E de processos, com uma ficha mais do que longa. Na biografia, Kathleen comenta que, entre 2006 e 2007, "praticamente não se passava um dia sem que alguém anunciasse que estava processando-o". A mais recente confusão envolve o caipira americano Glenn Miller, que diz ter recebido US$ 2 mil para ser entrevistado diante das câmeras durante as filmagens de *Brüno*. Entre outras barbaridades, o sujeito (que já esteve preso por envolvimento com grupos de supremacia branca) faz comentários racistas, antissemitas e homofóbicos.

10 Para o mesmo *Brüno*, outro dos protagonistas involuntários foi o deputado republicano do Texas (um dos estados mais conservadores dos EUA) Ron Paul. Entrevistado por Cohen (como Brüno), o político saiu do sério quando o ator ficou apenas de cueca em frente à câmera. "Esse cara é uma bicha!", rosnou Paul, que, numa entrevista a uma emissora de rádio, ainda completou: "Não gosto da ideia de um entrevistador que mente. Para mim é uma verdadeira vergonha que as pessoas ainda vão recompensá-lo com milhões e milhões de dólares, apenas por ele ser tão ofensivo". Bota milhões mesmo: Borat, produzido a um custo de cerca de US$ 18 milhões, faturou US$ 262 milhões ao redor do mundo. Apenas de adiantamento sobre os direitos de distribuição de Brüno, Cohen coletou outros US$ 42,5 milhões (depois de uma acirrada disputa entre a Universal, que arrematou o filme, e a Fox).

CINEMARK®

DIGITAL

3D

A ERA DO GELO 3™

VENHA EXPERIMENTAR O CINEMA DO FUTURO EM 3ª DIMENSÃO!

Confira a programação e venda de ingressos no cinemark.com.br

real D 3D

L LIVRE PARA TODOS OS PÚBLICOS

Blue Sky

20th Century Fox

ICE AGE 3 TM & © 2009 TWENTIETH CENTURY FOX FILM CORPORATION.
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

CINEMARK

É MAIS QUE CINEMA. É CINEMARK.

NASCIDO PARA APAVORAR

SAM RAIMI dispensa os grandes estúdios e dribla o próprio temor para voltar aos filmes de terror com *Arrasta-me Para o Inferno*. O negócio dá medo, muito medo

Carlos Helí de Almeida, *de Cannes, França*

Sam Raimi tem medo de filmes de terror. O homem criou uma das mais apavorantes (e divertidas) franquias da história do cinema fantástico: *Evil Dead*, conhecida por aqui como *A Morte do Demônio*. E, depois de sete anos dedicado a uma outra franquia, esta bem mais em evidência (*Homem-Aranha*), retorna ao cinema de horror com *Arrasta-me Para o Inferno* – é preciso acrescentar algo, depois de um título desses? Ainda assim, Sam Raimi admite, sem temor: tem medo de filmes de terror.

"Entendo muito, muito bem aqueles que não gostam de histórias de terror porque elas me assustam também. É por isso que não vejo muitos filmes do gênero e, quando o faço, prefiro ir acompanhado. Não consigo ir sozinho de jeito nenhum", assume de cara à **SET** o realizador de 49 anos, revelado em 1981 com o primeiro dos três episódios de *A Morte do Demônio* (conhecido também como *Uma Noite Alucinante*), um pequeno clássico da ordem cinematográfica que gosta de brincar com os nervos alheios.

A suposição de que diretores de filmes de terror são criaturas obscuras, com sérios desvios de comportamento, cai por terra quando Raimi adentra a suíte do hotel Carlton, em Cannes, para falar sobre *Arraste-me Para o Inferno* – que ganhou sessão especial no festival francês e estreia no Brasil em agosto. Quem surge à frente de uma nuvem de assessores e assistentes de todo o tipo é um sujeito meio baixo e atarracado, metido em roupas que lembram as de um professor universitário americano, e que faz questão de cumprimentar o repórter da **SET**. Ao longo daquele agradável dia de primavera, ele ainda enfrentaria diversas outras rodadas de encontros com outros jornalistas das principais publicações do mundo inteiro. O esforço tem um gosto especialíssimo para o cineasta, já que *Arrasta-me Para o Inferno* representa uma espécie de retorno às raízes. Não só às do gênero com o qual ganhou reputação, mas também às produções de baixo orçamento. "Foi uma experiência enriquecedora, voltar aos tempos em que eu precisava apenas do básico, e gostar disso", admite.

A encarquilhada Lorna Rayer atazana Alison Lohman: três dias de tormento e depois, o inferno. Brrrr...

→

EVIL DEAD 4: REMAKE OU CONTINUAÇÃO?

Desde que manifestou a vontade de fazer um remake de *Evil Dead*, Sam Raimi tem passado maus pedaços. "Alguns fãs disseram: 'Por que ele não deixa de abrir aquela boca enorme e faz logo alguma coisa a respeito?'", lembra o diretor, rindo. "Ainda não sei quando. Depois de *Arrasta-me Para o Inferno* começo a trabalhar no quarto filme do Homem-Aranha. Mas voltarei à história. Só não estou certo ainda se em forma de remake ou continuação". Caso decida-se por uma refilmagem, a ideia é entregá-la a um jovem diretor. "Poucos viram o primeiro filme nos cinemas porque foi rodado em película 16mm e som mono. A perspectiva de assisti-lo refeito com as ferramentas de hoje me anima bastante", garante. A outra hipótese nasceu do desejo de fazer *Evil Dead 4* com Bruce Campbell, ator-símbolo da série. "Até tentei criar um personagem, pequeno que fosse, para ele em *Arrasta-me*. Mas ele anda muito ocupado agora com a série de TV *Burn Notice*". Remexer num material tão antigo não é exatamente um problema para Raimi, que também pilotou as duas sequências do clássico (*Uma Noite Alucinante 2*, de 1987, e *O Exército das Trevas*, de 1992). "Fazer *Arrasta-me...* não foi muito diferente de voltar a um filme anterior; uso meus conhecimentos sobre o gênero e atualizo-os", compara. "Eu me sinto confortável com a ideia de revisitar meu próprio material. Nunca me intimidei com sequências. Lembre-se de que fiz o segundo *Evil Dead* quase exatamente igual ao primeiro, só que com senso de humor, estilo e tom diferentes".

Embora tenha requerido uma estrutura financeira bem mais modesta do que a dos filmes do herói aracnídeo, o novo trabalho de Raimi envolve grandes ambições cinematográficas. A história de uma jovem funcionária (Alison Lohman, vista recentemente em *Coisas que Perdemos pelo Caminho*) de um banco amaldiçoada por uma velha cigana conjuga velhos truques dos filmes de terror com técnicas dramáticas apreendidas em experiências fora do universo gore, em títulos como *Rápida e Mortal* (1995) e *Por Amor ou Pelo Jogo* (1999). "É uma forma diferente de trabalhar com o terror. Em *Arrasta-me Para o Inferno* uso coisas que aprendi nos primeiros filmes de horror que fiz, em termos de construção de suspense e antecipação do que o público possa estar pensando diante de uma determinada cena. Combinei isso com um pouco da história dos personagens – algo que assimilei na segunda metade da minha carreira, trabalhando com bons atores. É uma volta às raízes, mas que tenta dar ao espectador uma experiência mais complexa com o gênero", explica o diretor.

Raimi no set: submetendo o elenco a gosmas, insetos e outras situações nauseantes

O FILME ABRE COM UM FLASHBACK ambientado em 1969, que mostra o castigo imposto a um garoto que roubou um colar de uma cigana. Quatro décadas mais tarde, encontramos Christine Brown (Lohman) prestes a encarar o mesmo destino. Ambicionando uma promoção no banco onde trabalha, a funcionária se faz de durona para o chefe e nega ajuda financeira a uma velha senhora (Lorna Rayer). Esta, sentindo-se humilhada, entrega a alma da jovem aos cuidados de Lamia, um demônio que a carregará para as profundezas depois de três dias seguidos de tormentos. "É um conto de fundo moral, sobre como a ganância pode destruir as pessoas", resume Raimi, que aqui brinca com gosmas, vômitos e insetos repugnantes, mas segura as rédeas na violência explícita. "Fiz muitos filmes assim no passado, só para chocar a plateia. Desta vez, busquei outro caminho. Queria tentar fazer com que o espectador sentisse seus próprios monstros internos, mais elementares", justifica.

O FILME REPRESENTA UM DE RETORNO ÀS RAÍZES. NÃO SÓ ÀS DO GÊNERO COM O QUAL GANHOU REPUTAÇÃO, MAS TAMBÉM ÀS PRODUÇÕES DE BAIXO ORÇAMENTO

Rédeas seguras, sim... mas nem tanto. Raimi pode ter maneirado na violência desta vez, mas não poupou sua protagonista Alison Lohman das mais bizarras e grotescas torturas. O personagem da atriz – que, com a ajuda do namorado (vivido por Justin Long), tenta se livrar da maldição – sofre todo tipo de provação. Desde uma descomunal hemorragia nasal a um jorro de vermes vomitados para dentro de sua boca, passando por uma longa sequência em que é soterrada por uma montanha de lama, dentro de um cemitério, sob uma ruidosa tempestade. "Levamos duas semanas inteiras para filmar toda a parte do cemitério. Já estávamos de pé às seis horas da manhã trabalhando no set. Eu estava lá toda encharcada, com frio e tendo que lidar com gente morta e tudo o mais. Como eu sou alérgica à lama artificial, cheguei a sugerir que usassem mesmo a natural. Mas logo providenciaram um tipo orgânico, quase comestível. Até fez bem para a minha pele", brinca Alison, que faz sua estreia, com o pé direito, no terror.

O ataque do maníaco voador: mais um apuro para Alison. "Era como estar num reality show"

A atriz, que tem passagens por dramas sérios, como *Verdade Nua* (2005), de Atom Egoyan, e comédias como *Delírios* (2007), de Tom DeCillo, nunca foi fã do gênero. "Só topei fazer *Arraste-me Para o Inferno* porque gostei da ideia de trabalhar com Sam, um diretor que admiro muito. Mas devo confessar que, algumas vezes, eu olhava para ele e perguntava: 'Você quer que eu faça isso? Está falando sério?'. Havia momentos em que parecia que eu estava participando de um desses reality shows da TV, como o *Survivor*. Mas Sam não aliviava a minha barra, não", confessa a atriz, rindo das lembranças. Mesmo não sendo um novato no gênero, Long, que participou dos dois filmes da série *Olhos Famintos* (lançados respectivamente em 2001 e 2003), ficou impressionado com a série de situações nauseabundas impostas à companheira de elenco. "Ela é uma brava garota, enfrentou tudo aquilo com a maior dignidade do mundo", provocou o ator.

Vindo do cineasta que ajudou a transformar as aventuras do

FAROESTE, SUSPENSE E SUPER-HERÓIS: RAIMI NÃO É SÓ TERROR

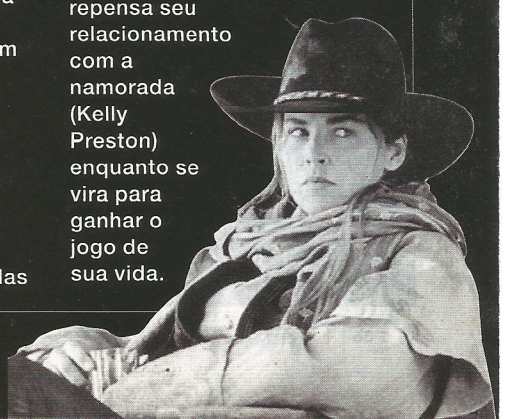
COMÉDIA: O humor sempre fez parte do estilo do diretor, mesmo misturado ao horror. Com *Dois Heróis bem Trapalhões* (1985), comédia criminal co-escrita pelos irmãos Coen (sim, eles mesmos) e Raimi, ele chutava o balde misturando assassinatos, piadas e paródias ao estilo noir.

SUPER-HERÓIS: Os três filmes da série *Homem-Aranha* dispensam comentários. Mas Raimi provou que entende do riscado em 1990, com o clássico *Darkman – Vingança sem Rosto*. Liam Neeson interpreta o justiceiro de rosto desfigurado que enfrenta a gangue que tentou matá-lo.

BANGUE-BANGUE: **Sharon Stone** descruza as pernas e vira uma pistoleira que ganha a vida em duelos à bala em *Rápida e Mortal* (1995). Russell Crowe e Leonardo DiCaprio, pré-megaestrelato, ficam de coadjuvantes; os dois foram escalados para o elenco pela própria Sharon.

THRILLER: Com *Um Plano Simples* (1998), Raimi reconta a velha história do grupo-de-amigos-que-traem-e-se-matam -por-causa-de- dinheiro. É bem amparado por ótimos desempenhos de Bill Paxton, Bridget Fonda e Billy Bob Thornton.

ROMANCE: Comportadíssimo – sem escracho, sangue ou piadas – o cineasta encarou o drama *Por Amor* (1999). Kevin Costner é um veterano jogador de beisebol que repensa seu relacionamento com a namorada (Kelly Preston) enquanto se vira para ganhar o jogo de sua vida.



A TRAMA É AMBIENTADA EM 1969. TUDO COMEÇA COM UM CASTIGO IMPOSTO A UM GAROTO QUE ROUBOU UM COLAR DE UMA CIGANA. A PARTIR DAÍ, SEGURE-SE NA CADEIRA

Homem-Aranha numa franquia de sucesso planetário, cuja renda dos três primeiros títulos – há um quarto a caminho – chega a US$ 2,5 bilhões, a extrema polidez e sinceridade de Raimi parecem, essas sim, assustadoras. Raimi não faz o jogo dos bambambãs de Hollywood, que costumam se esconder por trás de uma fachada de arrogância e um certo desdém em relação à mídia, quando não resolvem limitar ao máximo possível o contato com a imprensa.

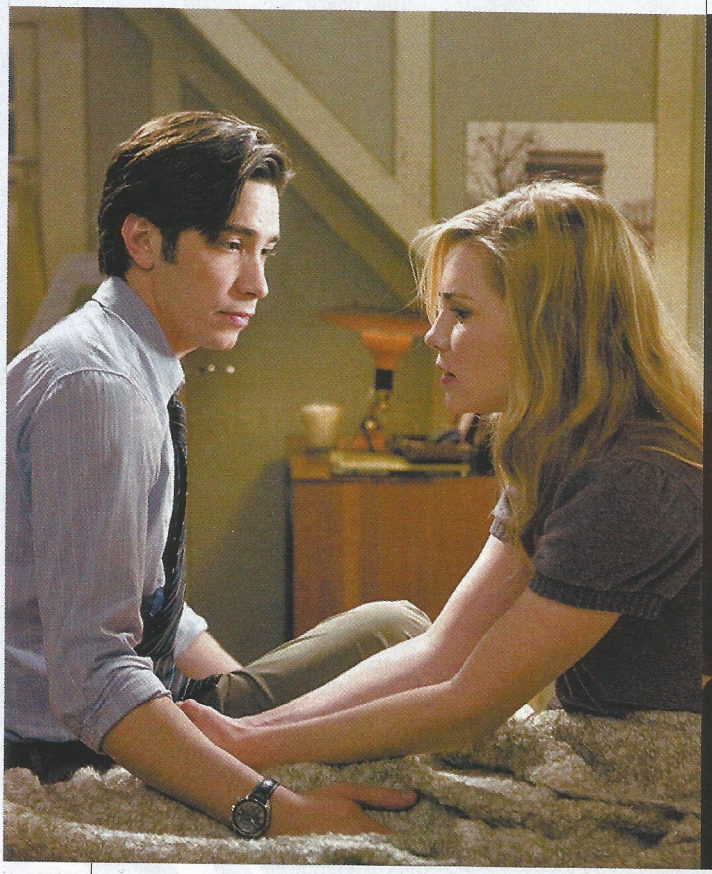
Revelado décadas atrás – no mesmo mercado de Cannes que viu a première de *Arrasta-me* – de onde partiu para conquistar o mundo (os americanos haviam ignorado o filme), *Evil Dead* adicionou humor a um tipo de cinema associado a sangue e tripas expostas. O diretor é reticente sobre os boatos a respeito de um remake do filme. A veia cômica de Raimi continua intacta no novo longa, mas o cineasta continua fugindo de modismos como o diabo foge da cruz. Até porque acredita que "a função do cineasta é evoluir, apresentar novas plataformas para o público", especialmente em se tratando do filme de terror, que tem que continuar se renovando. "Por alguma razão, o gênero parece que se movimenta dentro de tendências, como a que gerou os filmes de assassinos seriais. O problema é que o espectador, que não é bobo, está sempre em busca de algo novo", analisa o diretor.

Justin Long e Alison, o casalzinho num dos raros momentos de tranquilidade do longa

"As pessoas assistem a esse tipo de filme porque querem respostas para perguntas cruciais. Há vida após a morte? Há algo além de nós no cosmos? Por que a escuridão me amedronta? A ideia de sempre buscar novos filões dentro do horror destrói esse conceito", afirma.

PESSOALMENTE, RAIMI CONTINUA UMA PÉSSIMA plateia para filmes de terror. Quando criança, ele faz questão de relembrar, esperneou e gritou durante a sessão de um thriller sobre dois irmãos gêmeos – um vivo e outro morto (e mau) – para horror de sua mãe, que o acompanhava. *Os Outros* (2001), de Alejandro Amenabar, é um dos títulos que mais admira da safra recente. "Embora não pretenda revê-lo sozinho tão cedo", admite o diretor. Se os filmes de terror falam sobre medos humanos, Raimi não os viu como forma de terapia quando entrou para o ramo, no fim dos anos 70. "Talvez tais filmes funcionem como uma forma de encarar nossos próprios temores, mas não lido com eles como uma maneira de trabalhar os meus próprios medos, apesar de eu ser um pouco covarde em relação a muitas coisas", afirma. Como o que, por exemplo? "Encontros sociais como este. Ser entrevistado é uma situação que envolve muita tensão", diz, antes de sair da sala, colocando uma dúvida sobre aquela primeira impressão... a de que diretores de filmes de terror não podem ser pessoas 100% normais.

Lorna e a moedinha: sem crédito. Abaixo: uma sessão espírita para afastar a maldição

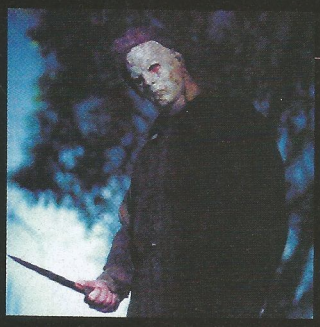


ENROLADO NA TEIA DO PRÓXIMO ARANHA

Fãs do alter ego de Peter Parker, regozijai-vos! A quarta aventura do Homem-Aranha está garantida. Ou assim promete Sam Raimi, que espera receber a primeira versão do roteiro, assinado por David Lindsay-Abaire (vencedor do Prêmio Pulitzer de 2007), ainda durante o verão (americano). Mas o diretor ainda é reticente sobre o que se pode esperar da próxima trama – que tem chegada aos cinemas prevista para 2011. "Ainda é muito cedo para falar. Tenho trabalhado junto com um desenhista em sequências que gostaria de filmar, mas só saberei se elas vão funcionar depois que receber o roteiro", avisa Raimi. O único nome garantido para *Homem-Aranha 4* é o de Tobey Maguire, que voltará a vestir a malha vermelha do herói da Marvel. "Mas sei que Kirsten (Dunst) está muito animada com a ideia de retornar ao papel de Mary Jane Watson", confirma Raimi. Há muitas especulações em torno do vilão que o aracnídeo enfrentará. O cineasta insiste em manter segredo, "até porque não há nada decidido a respeito". Enquanto isso, ele vai trocando sugestões com o roteirista. "Costumo conversar com ele sobre algumas ideias para a história, falamos sobre o tema do filme, os movimentos internos básicos que espero da história e sobre as particularidades dos personagens. Mas não sei se dará certo. Tudo pode mudar até lá".

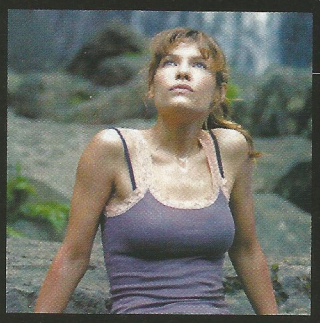
ACHAVA QUE O PERIGO TINHA PASSADO?

A AGENDA DOS SUSTOS QUE VÊM POR AÍ TEM PSICOPATAS, MONSTROS, GAROTINHAS SINISTRAS, LOBISOMEM E ATÉ... A MORTE



24 DE JULHO:

Halloween – O Início (de Rob Zombie, EUA, 2007). Michael Myers está de volta. A refilmagem que Zombie (fundador da banda White Zombie, hoje cultuado cineasta de terror) aprontou para o clássico de John Carpenter (1978) demorou dois anos para chegar ao Brasil.

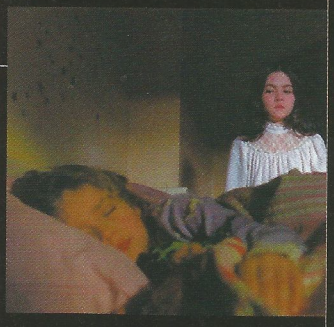


23 DE OUTUBRO:

A Perfect Getaway (de David Twohy, EUA, 2009). O diretor tem pedigree: conduziu os tensos *Eclipse Mortal* (2000) e *Submersos* (2002). Dois casais de férias no Havaí se defrontam com um grupo de psicopatas que persegue turistas. Com Milla Jovovich e Steve Zahn.

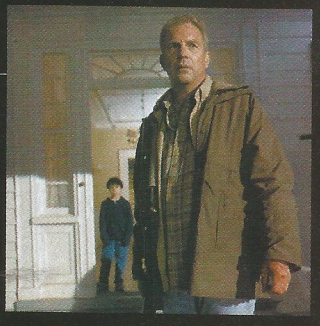
4 DE SETEMBRO:

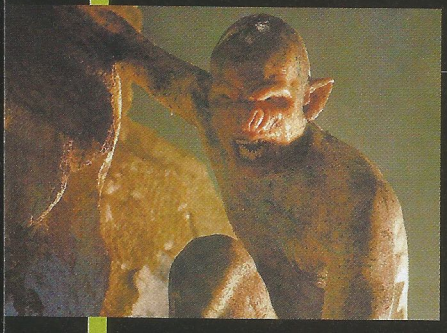
A Órfã (de Jaume Collet-Serra, EUA/Canadá, 2009). Isabelle Fuhrman vive o papel-título, espécie de versão menininha de Damien – o diabólico garoto adotado de *A Profecia* – que aterroriza o casal formado por Vera Farmiga e Peter Sarsgaard.



30 DE OUTUBRO:

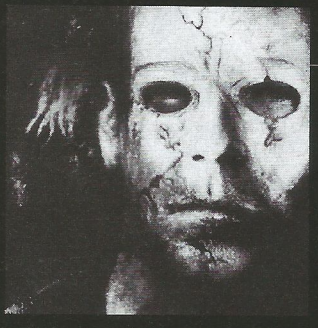
The New Daughter (de Luis Berdejo, EUA, 2009). Pai solteiro de duas filhas se muda para o Sul da Califórnia. No novo cenário, as meninas passam a demonstrar sinistras mudanças de comportamento. Como o pai é vivido por Kevin Costner, é claro que não vai ficar por isso mesmo.





11 DE SETEMBRO:

Abismo do Medo 2 (de Jon Harris, Reino Unido, 2009). Continuação do aplaudido filme de 2005. Sarah (Shauna McDonald), a única sobrevivente da malfadada expedição à tenebrosa caverna da aventura original, desafia a morte mais uma vez em busca de suas amigas desaparecidas.

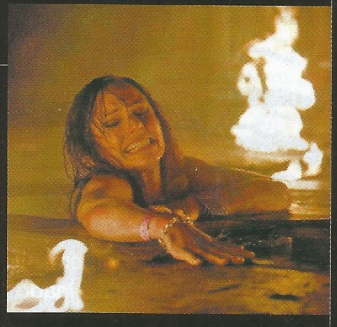


30 DE OUTUBRO:

H2: Halloween 2 (de Rob Zombie, EUA, 2009). Tirando o atraso, a continuação do remake (ou seria um remake da continuação?) segue as reinações do assassino Michael Myers. Figuraças como Brad Dourif, Malcolm McDowell e Margot Kidder estão no elenco.

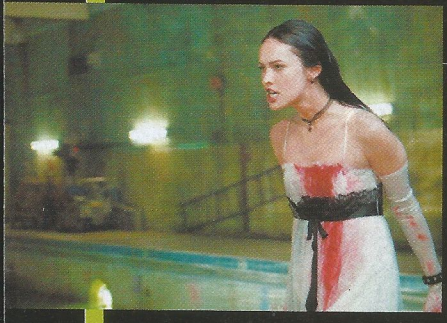
9 DE OUTUBRO:

Pacto Secreto (de Stewart Hendler, EUA, 2009). Serial killer começa a dizimar as estudantes de uma irmandade num campus universitário. Mas elas mesmas também têm um terrível segredo a ocultar... as novatas Briana Evigan, Leah Pipes e Jamie Chung embelezam os massacres.



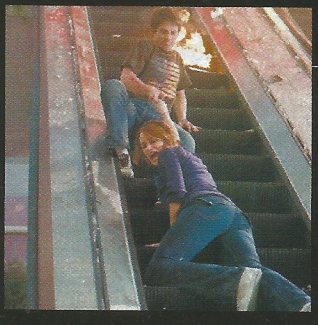
6 DE NOVEMBRO:

O Lobisomem (de Joe Johnston, EUA, 2009). Benicio Del Toro é o sujeito que, visitando a terra natal de sua família, é mordido por um lobisomem. E, claro, torna-se amaldiçoado também. Quem o persegue é o detetive vivido por Hugo Weaving.



23 DE OUTUBRO:

Jennifer's Body (de Karyn Kusama, EUA, 2009). O "corpo" do título é o de Megan Fox, que vive uma líder de torcida que se transforma em assassina maníaca. O detalhe é que ela só ataca rapazes. Claro que o tom é de terrir, dado pelo roteiro de Diablo Cody (*Juno*).



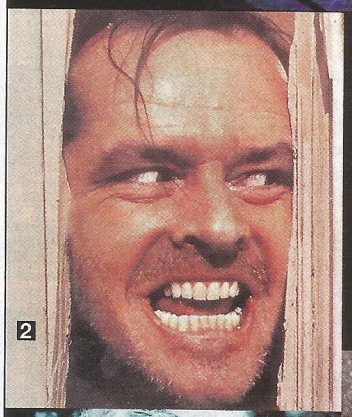
4 DE DEZEMBRO:

Premonição 4 (de David R. Ellis, EUA, 2009). O quarto episódio da série inaugurada em 2000 é o primeiro a ser exibido em 3D. A Morte persegue um grupo de adolescentes que escapou de um acidente (supostamente) fatal durante uma corrida de carros.

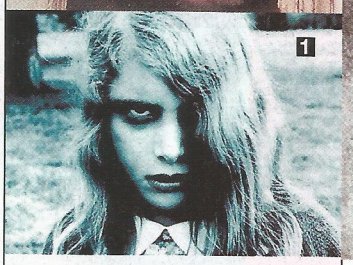
OS 100 FILMES MAIS ASSUSTADORES DE TODOS OS TEMPOS

São muitos os caminhos que levam ao terror. Eles podem dar num castelo nas montanhas, numa casa abandonada no meio da floresta, na porta de um cemitério, no universo sombrio dos pesadelos. Lá, ouvimos rangidos de portas, vozes que vêm do escuro, um som de motor... ou de uma motosserra. Tais elementos apavoram e fascinam o público de cinema há mais de um século, fazendo com que vampiros, lobisomens, alienígenas, mortos-vivos e outras criaturas fantásticas transcendam os limites da tela e invadissem a imaginação do espectador. Foi a partir deles que a equipe de **SET** selecionou os 100 filmes mais assustadores da história, ordenados segundo sua qualidade, importância para o gênero e, claro, pela quantidade de sangue que são capazes de gelar nas veias do espectador. Dos clássicos absolutos às pérolas trash, as páginas ao lado vão dar uma centena de motivos para trancar bem a porta antes de começar a ler...

7


2

11


1

16

1 A NOITE DOS MORTOS-VIVOS *(George A. Romero, 1968)* – Poucos filmes são tão conectados a seu tempo quanto a estreia de George Romero no cinema. O protagonista negro, os vivos acuados por zumbis, a truculenta reação do estado, tudo vira uma leitura perfeita do mundo no revolto ano de 1968.

2 O ILUMINADO *(Stanley Kubrick, 1980)* – O encontro perfeito: Kubrick adapta um livro de Stephen King tendo Jack Nicholson como protagonista. Depois dele, um fim de semana num hotel isolado nas montanhas deixou de ser apenas um programa romântico.

3 PSICOSE *(Alfred Hitchcock, 1960)* – Divisor de águas e terras no gênero, deu fisionomia humana ao mal – no caso, o rosto de Anthony Perkins, que jamais se livrou do psicopata Norman Bates. A cena do chuveiro consta em qualquer antologia que se preze das melhores sequências da história.

4 NOSFERATU *(F.W. Murnau, 1922)* – Clássico maior do expressionismo alemão, gênero que definiu as bases do horror no cinema, a adaptação não-autorizada de Drácula, de Bram Stoker, até hoje é marcada pela caracterização soturna do ator Max Schreck.

3

5 O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA *(Tobe Hooper, 1974)* – A história real do loucaço Ed Gein, que fazia móveis com ossos e usava pele humana como máscara, teve algumas adaptações no cinema, mas nenhuma com esse nível de insanidade. A estreia de Tobe Hooper em longas atira o espectador num clima de total desespero e, o que é pior, com Leatherface na sua cola.

6 O EXORCISTA *(William Friedkin, 1973)* – A adaptação para o romance de William Peter Blatty tirou o gênero do porão de Hollywood: foi a primeira e única vez que um filme de terror foi indicado para o Oscar de Melhor Filme. As cenas de possessão demoníaca estão entre as mais impressionantes já vistas. E ainda geraram uma maldição real para a atriz Linda Blair: ter de repetir o papel na degradante sátira *A Repossuída*, 17 anos depois, ao lado de Leslie Nielsen.

7 A MORTE DO DEMÔNIO *(Sam Raimi, 1982)* – Um casebre isolado na floresta, um grupo de jovens, um livro que abre as portas do inferno pronto para ser lido. O que pode ser melhor? Só mesmo o humor negro de Sam Raimi, que tirou o gênero das previsíveis garras dos slasher movies nos anos 80. E, de quebra, fez do Ash de Bruce Campbell o protagonista mais cara de pau do universo do horror.

8 FREAKS *(Tod Browning, 1932)* – Qual a melhor maneira de se contar uma história de suspense envolvendo aberrações de circo? Com um elenco formado por deficientes reais, naturalmente, foi o que pensou Tod Browning antes de chocar o mundo com o longa que custou sua carreira em Hollywood. Décadas depois, o filme deixou de ser ele próprio uma aberração e ganhou status de cult.

9 À MEIA-NOITE LEVAREI A SUA ALMA *(José Mojica Marins, 1964)* – O Brasil deu à galeria dos grandes personagens do terror o agente funerário Josefel Zanatas, o Zé do Caixão. Ao reprocessar referências góticas mesclando-as com elementos culturais e religiosos brasileiros, Mojica criou uma mitologia única, reverenciada em todo o mundo pelos fãs de "Coffin Joe".

10 TUBARÃO *(Steven Spielberg, 1975)* – Animais povoam desde sempre o imaginário dos diretores de terror, mas nenhum foi tão assustador como o tubarão branco que definiu o conceito de blockbuster de verão. Quem nunca entrou no mar sem lembrar, pelo menos uma vez, do soturno tema de John Willians que atire o primeiro pé-de-pato.

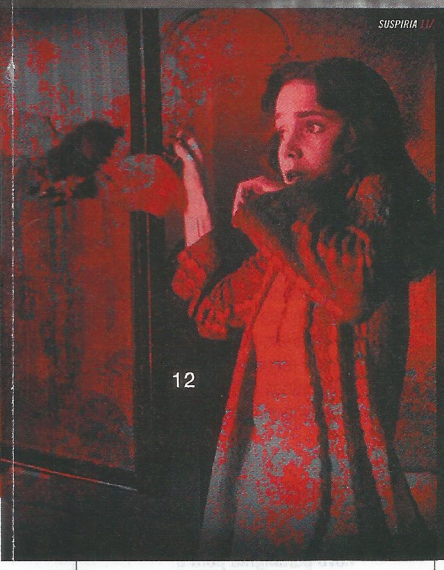
11 O BEBÊ DE ROSEMARY *(Roman Polanski, 1968)* – Se a sugestão é realmente mais poderosa do que o susto em si, a estreia de Polanski no cinema americano é a aterradora prova desta tese. O longa, sobre um casal que passa a ter problemas com a gravidez da mulher após se mudar para uma vizinhança aparentemente tranquila, transformou Mia Farrow, da jovem mulher de Frank Sinatra, a estrela de Hollywood.

12 SUSPIRIA *(Dario Argento, 1973)* – O mestre do giallo, como é chamado o thriller italiano, exercita neste longa todas as características do gênero, como as cores fortes (sobretudo o vermelho) e a edição sufocante. A história de bruxaria numa academia de dança influenciou diretores dentro e fora da Itália.

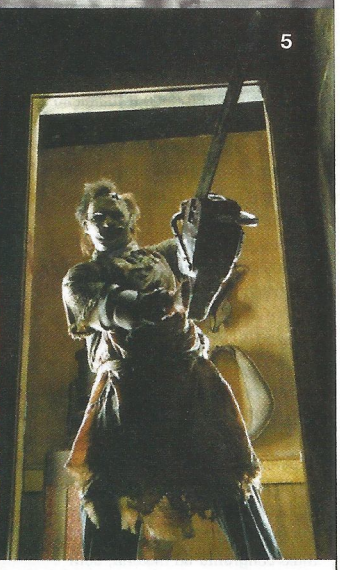
13 HALLOWEEN *(John Carpenter, 1978)* – Depois que Michael Myers apareceu com sua máscara pela primeira vez na tela, nenhum casal adolescente teve sossego para fornicar em paz no cinema. Estava aberta a temporada dos slashers movies, dos assassinos em série ávidos por jovens tarados. A trilha sonora, composta pelo próprio diretor, segue povoando os pesadelos juvenis.

> **PSICOSE**
> É um filme genial. Adoro a cenas do chuveiro e a da escada. Não gosto muito de levar sustos, mas essa história e o seu final são fantásticos.
> **Julia Lemmertz, atriz**

8



12



5

14 FRANKENSTEIN *(James Walle, 1931)* – O marco inicial do ciclo de horror da produtora Universal nos anos 30 tornou célebres dois monstros: o próprio personagem do romance de Mary Shelley e um monstro sagrado do cinema, o ator americano Boris Karloff, que jamais deixou de ser associado à macabra criação do Dr. Frankenstein.

15 CARRIE, A ESTRANHA *(Brian de Palma, 1976)* – Como um gênero voltado, na maioria das vezes, ao público jovem, o terror não poderia deixar de abordar as questões adolescentes. Foi assim que uma jovem com poderes sobrenaturais se vingou todos os alunos rejeitados ou vítimas de *bullying* ao esquentar literalmente seu baile de formatura.

> **O BEBÊ DE ROSEMARY**
> Terror para mim tem que ser como esse. Não pode ter nada explícito, só tensão psicológica.
> **Lourenço Mutarelli, quadrinista**

16 EREASERHEAD *(David Lynch, 1977)* – Para um gênero que se caracteriza pela estranheza, nada melhor que o mais estranho dos diretores. E isso é o mínimo que se pode dizer do bizarro longa de estreia de Lynch, repleto de referências surrealistas e um bebê mutante (!) que nunca para de chorar.

17 UM LOBISOMEM AMERICANO EM LONDRES *(John Landis, 1981)* – Os licantropos andavam em baixa em Hollywood, até John Landis ressuscitar o monstro nos anos 80. Todas as honras ao maquiador Rick Baker, responsável pela transformação mais impressionante do terror.

18 O GABINETE DO DR CALIGARI *(Robert Wiene, 1919)* – O contraste entre o preto e o branco, os ângulos dos cenários e a maquiagem carregada do expressionismo alemão chegam ao auge na história de Cesare, um "sonâmbulo" obrigado a matar por meio de hipnose por Dr Caligari.

19 OS OLHOS SEM ROSTO *(Georges Franju, 1959)* – A história da jovem Cristiane, que tem o rosto desfigurado num acidente e sofre por saber que seu pai, cientista obcecado em dar-lhe uma nova face, mata jovens para realizar suas experiências, dá clima incomum de fábula a este clássico.

20 NA SOLIDÃO DA NOITE *(Vários, 1945)* – Precursor dos filmes de epsódios à *Creepshow*, o longa tem seu ponto alto na história dirigida pelo brasileiro radicado em Londres Alberto Cavalcanti, *The Ventriloquist's Dummy*, que mostra o estrago que um inocente boneco é capaz de fazer, muito antes de Chucky exibir seus dotes assassinos.

> **TUBARÃO**
> A trilha sonora é tão marcante que não tem quem não cante o "tan-tan-tan-tan" do John Williams quando está na praia. É um filme pitoresco.
> **Leo Gandelman, saxofonista**

21 ALIEN - O OITAVO PASSAGEIRO *(Ridley Scott, 1979)* – O épico de terror e ficção criou um novo ambiente para histórias apavorantes: uma nave espacial. Se o computador HAL de 2001 já era má companhia de viagem, imagine um alienígena que sai da barriga dos tripulantes? É dose até para tenente Ripley.

22 SANGUE DE PANTERA *(Jacques Tourneur, 1942)* – Produzido por Val Lewton para a RKO, o longa contornou as restrições orçamentárias investindo em um trhiller psicológico, abusando de sugestões e efeitos de luz e sombra. A refilmagem de 1982 nada acrescentou a não ser, é claro, pela deslumbrante presença de Nastassja Kinski.

23 QUADRILHA DE SÁDICOS *(Wes Craven, 1977)* – Férias no campo perderam muito de seu charme depois do lançamento do segundo longa de Wes Craven, sobre uma família da cidade que luta pela sobrevivência contra outra, formada por psicopatas canibais.

24 O DESPERTAR DOS MORTOS *(George A. Romero, 1979)* – Quem achava que o primeiro filme da trilogia dos mortos-vivos de Romero não podia ser mais violento, deparou-se com cabeças estouradas a tiros logo no início do segundo longa. A profusão de sangue marca o início do *splatter*, subgênero campeão em arremesso de miolos e vísceras à distância.

25 SEXTA-FEIRA 13 *(Sean S. Cunninghan, 1980)* – A franquia mais famosa entre os *slashers movies* inicia, curiosamente, sem a participação de Jason Voorhees na carnificina: é mamãe Pamela Voorhees quem barbariza os incautos campistas de Cristal Lake. O fato de a célebre máscara de hockey também ficar de fora (ela só aparece na terceira parte) não é empecilho para que o primeiro seja o melhor longa da série.

26 HOLOCAUSTO CANIBAL *(Ruggero Deodato, 1979)* – Até mesmo mesmo um gênero extremo como o terror tem seus limites! E estes foram transpostos por essa insanidade cometida pelo italiano Ruggero Deodato, tida como o filme mais polêmico da história. O longa tem a estrutura de falso documentário, feito a partir do material encontrado de uma equipe de cinema que desaparece na Amazônia ao tentar registrar tribos canibais. A partir deste fio de roteiro, as imagens berram por si.

27 O DESPERTAR DA BESTA *(José Mojica Marins, 1969)* – Produzido com o nome de *Ritual dos Sádicos*, foi proibido pela censura militar e jamais teve lançamento em circuito comercial. Num programa de televisão, um psiquiatra, interpretado por Mojica, explica sua bizarra experiência: dar LSD a cobaias humanas e testar seus efeitos diante da imagem de... Zé do Caixão, claro.

28 M - O VAMPIRO DE DUSSELDORF *(Fritz Lang, 1931)* – Na Alemanha do início dos anos 30, nuvens negras na política indicavam que, em breve, nem o mais fantasioso roteiro seria capaz de expressar o terror real que o o mundo conheceria. Neste contexto de medo e insegurança, Fritz Lang faz do assassino de crianças, inspirado em um maníaco real, a metáfora perfeita para a ascensão nazista.

29 ONIBABA - A MULHER DEMÔNIO *(1964)* – Ambientado no Japão feudal, é um filme sobre duas mulheres, sogra e nora, que vivem isoladas no país devastado pela guerra. Para sobreviverem, matam samurais errantes, para depois trocarem seus pertences por comida. Onibaba, a mulher-diabo da mitologia japonesa, é a representação de ambas, reprimidas sexual e socialmente.

30 O ENIGMA DO OUTRO MUNDO *(John Carpenter, 1983)* – Poucos personagens são tão bem apresentados quanto o piloto R.J. MacReady, interpretado por Kurt Russell nessa refilmagem de *O Monstro do Ártico* (1951). Na cena inicial, ao perder uma partida de

xadrez para o computador, ele destrói a máquina atirando-lhe um copo de uísque. Com a mesma impetuosidade, enfrenta criatura que se apodera de corpos alheios numa estação polar. Os efeitos e a maquiagem também são de outro mundo.

31 OS PÁSSAROS *(Alfred Hitchcock, 1963)* –

Animais já eram populares no cinema fantástico, mas nunca tiveram tanto cartaz quanto as diversas espécies de aves desta obra-prima de Hitchcock. Sem maiores explicações para a ira emplumada, o mestre cria um clima aterrador ao dialogar com as experiências de montagem soviéticas do início do século 20.

> **OS PÁSSAROS**
> É diferente dos outros filmes de Hitchcock, mais metafísico e enredado numa visão mística do mundo. Mostra a beleza do apocalipse.
> **Cacá Diegues, cineasta**

32 A HORA DO PESADELO *(Wes Craven, 1984)* –

Este filme é dedicado a todas as crianças que morriam de medo do bicho papão na hora de dormir. Só que, diferente das fantasias infantis, o monstro criado por Wes Craven tem o rosto deformado por queimadoras e garras de metal que fazem muito estrago quando a noite chega. Além de uma profícua e rentável franquia, o longa deu origem ao serial killer mais pop do cinema, Freddy Krueger.

33 HELLRAISER - RENASCIDO DO INFERNO *(Clive Barker, 1987)* –

O próprio Clive Barker tratou de levar às telas o universo sadomasoquista de seus livros, dando vida (literalmente) a toda máquina de dor e medo dos cenobitas, liderados pelo nada simpático Pinhead. E o terror virou uma caixinha de surpresas.

34 POLTERGEIST - O FENÔMENO *(Tobe Hooper, 1982)* –

A TV sempre vai anunciá-lo como "Uma produção de Steven Spielberg", mas convém lembrar que o longa é assinado pelo diretor que fez as motosserras roncarem mais alto no cinema. Uma família nota fenômenos sobrenaturais acontecendo em sua casa e chamam uma médium para ajudar a enfrentá-los. Boa desculpa para tirar as crianças diante da TV.

35 HENRY - O RETRATO DE UM ASSASSINO *(John McNaughton, 1986)* –

Esqueça o passo a passo dos filmes de serial killers, com assassinatos cometidos a partir de métodos e padrões. Inspirado no psicopata real Henry Lee Lucas, aqui temos um maníaco que não segue regras, apenas mata para aliviar sua compulsão, sem distinguir vítimas ou formas de barbarizá-las, numa das obras mais violentas de que se tem notícia.

36 RE-ANIMATOR *(Stuart Gordon, 1985)* –

O caminho para a imortalidade, vez por outra, esbarra na inconveniente presença de mortos vivos que insistem em perseguir os seres humanos. É o que descobre o Dr Herbert West, um estudante de medicina que cria um soro capaz de reanimar os mortos, nesta visceral adaptação de H.P.Lovecraft.

37 A PROFECIA *(Richard Donner, 1976)* –

Poucas coisas são tão perturbadoras que crianças em filmes de terror. Quem já viu o que um moleque é capaz de fazer com uma tesoura e o cabelo da irmã sabe quanta maldade guarda o coração infantil. Mas nenhuma travessura é páreo para Damien, um garoto fofo de 5 anos que, na verdade, é a encarnação do anticristo. E tome de mortes "acidentais" para quem atravessa seu caminho.

38 O HOMEM DE PALHA *(Robin Hardy, 1973)* –

Após o sumiço de uma jovem, um policial moralista e devoto vai até uma ilha escocesa isolada onde descobre uma comunidade com hábitos, digamos, pouco ortodoxos. Quando acha que o pior são jovens que dançam nuas e casais que fazem sexo ao ar livre, ele se depara com uma série de rituais pagãos envolvendo sacrifícios humanos.

39 O SILÊNCIO DOS INOCENTES *(Jonathan Demme, 1991)* –

Em meio a tantos assassinos bestiais e taciturnos, o cerebral Dr Hannibal Lecter, o psiquiatra canibal que convence suas vítimas a serem devoradas por ele chega a encantar o espectador com seus bons modos. Pena não ser tão gentil com seus "convidados" para o jantar. Foi o terceiro longa a levar o Oscar nas cinco principais categorias.

40 VAMPIROS DE ALMAS *(Don Siegel, 1956)* –

Já teve a impressão de que seu vizinho é um alienígena? E se o seu corpo realmente tiver sido tomado por ETs que querem dominar o planeta? E se esses extraterrestres tiverem a forma de uma vagem gigante? E se esta adaptação do livro *Invasores de Corpos*, de Jack Finney, for um dos longas mais perturbadores já feitos? Continuamos sem resposta...

41 ZOMBIE *(Lucio Fulci, 1979)* –

O sucesso de *O Despertar dos Mortos* lançou sobre o mundo a maldição dos filmes de mortos-vivos. Um dos principais seguidores de George Romero foi Lucio Fulci, que levou o gênero a extremos inéditos para os padrões americanos. Os zumbis criados pelo italiano quase de forma improvisada botam no chinelo muito cadaverzinho de butique por aí.

42 FOME ANIMAL *(Peter Jackson, 1992)* –

As enciclopédias de cinema registram como a principal referência a Peter Jackson a oscarizada trilogia de *O Senhor dos Anéis*. Contudo, antes de se dedicar a hobbits e elfos, o negócio do neozelandês eram os mortos vivos. E o que dizer do filme considerado o mais sangrento da história, com zumbis esquartejados com um cortador de grama, um bebê zumbi e uma epidemia desencadeada pela mordida de um macaco-rato da Sumatra?

> **VAMPIROS DE ALMAS**
> Permite várias leituras, é uma metáfora do macartismo. Tudo é relativo, o que é paranóia e o que é realidade. Por isso me fascina.
> **Nelson Hoineff, diretor de cinema e TV**

43 ALUCARDA *(Juan Lopez Moctezuma, 1972)* –

Contribuição inestimável do cinema mexicano para o universo do horror, Alucarda conta a história da jovem de mesmo nome, interna num convento que mantém regras medievais de conduta. Uma noviça chega para dividir o quarto com ela, sem imaginar que a nova amiga traz, desde o nascimento, uma ligação com o demônio. Acusadas de satanismo, elas sentem na pele o rigor eclesiástico.

44 EXTERMÍNIO *(Danny Boyle, 2002)* –

Homem acorda de um coma e se vê sozinho num hospital. Quando sai, encontra Londres destruída e totalmente deserta. Logo ele descobre que a população da cidade foi quase inteiramente dizimada por um vírus que transforma os infectados em zumbis canibais. Primeiro clássico dos anos 2000, o longa do diretor de *Trainspotting* deu novo sopro de vida (?) ao gênero.

45 ESTA NOITE ENCARNAREI NO TEU CADÁVER *(José Mojica Marins, 1967)* –

O terrível Zé do Caixão consegue escapar da morte e segue em sua obsessão de encontrar a mulher capaz de lhe dar o filho que vai garantir a continuidade de seu sangue. Em sua câmara secreta, ele testa a coragem de moças que sequestra com requintes de sadismo, com direito a várias cenas de aranhas e serpentes andando por corpos nus.

46 DRACULA *(Terence Fisher, 1958)* –

A primeira aparição de Christopher Lee como o Conde Drácula criou um novo paradigma para o personagem, após Max Schreck em *Nosferatu* e Bela Lugosi do ciclo de filmes da Universal nos anos 30. O ator foi um dos trunfos da produtora inglesa Hammer para conquistar o público e manter suas produções em alta até a década seguinte. O embate com o Van Helsing de Peter Cushing é, até hoje, inigualável.

47 BANQUETE DE SANGUE *(Herschell Gordon Lewis, 1963)* –

O visionário H.G. Lewis percebeu logo que não precisava de um roteiro elaborado para fazer o público pular da poltrona. Com um fio de argumento e baldes de sangue cenográfico, deu origem ao *gore*, esbanjando violência e corpos mutilados em *Banquete de Sangue*. O longa é sobre antiquário, adorador de uma deusa egípcia, que tenta revivê-la com sacrifícios humanos. Mas isso realmente importa?

48 **O PLANETA DOS VAMPIROS** *(Mario Bava, 1965)* – O mestre italiano mescla ficção e terror nesse longa que antecipa em décadas o ataque de monstros espaciais de *Alien*: durante uma expedição ao planeta Aura, a tripulação de uma nave é tomada por força maligna que ameaça sua sobrevivência. Como curiosidade, tem a presença de Norma Bengell como a astronauta Sanya, sete anos antes de protagonizar o primeiro nu frontal do cinema brasileiro.

49 **KING KONG** *(Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack, 1933)* – O público ainda se deslumbrava com os filmes falados quando, em 1933, presenciaram algo para o qual não estavam preparados: um gorila de 15 metros que invadia Nova York e escalava o Empire State. Nascia ali o maior filme de monstro da história, que nem mesmo suas duas refilmagens conseguiram superar.

> **ESTA NOITE ENCARNAREI...** É o maior marco do cinema instintivo, um filme antropofágico e debochado. Poucas vezes vi uma obra tão brasileira.
> **Carlos Reichenbach, cineasta**

50 **AS DIABÓLICAS** *(Henri-Georges Clouzot, 1955)* – O mestre do suspense francês trabalha um dos maiores temores do homem: o que pode acontecer se sua mulher e amante se unirem contra ele? A terrível resposta pode estar no surpreendente final deste *thriller*, que influenciou outros craques, como Alfred Hitchcock.

51 **MARTIN** (George A. Romero, 1977) – Pela violência com que George Romero soltou os mortos vivos no mundo, seria possível chamá-lo de qualquer coisa, menos de sensível. Mas esta é a palavra para definir *Martin*, um longa que aborda o universo dos vampiros por um inédito viés psicológico. O personagem-título, interpretado por John Amplas, é um garoto problemático, que acredita ter necessidade de beber sangue para sobreviver. A repressão social acaba por fazê-lo perceber que existem monstros piores.

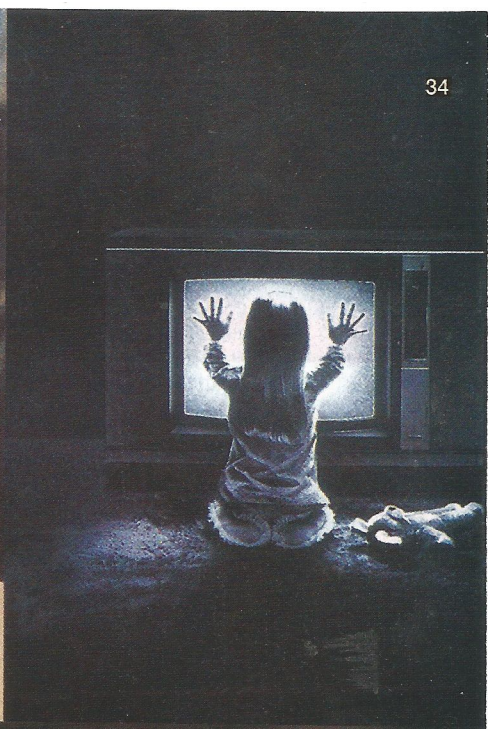
52 **LA NOCHE DEL TERROR CIEGO** *(Amando de Ossorio 1971)* – Primeiro episódio da trilogia dos zumbis templários, apresenta os cavaleiros que voltam da morte 500 anos após terem sido queimados e cegados pela prática de sacrifícios humanos. A atmosfera sufocante criada por Ossorio é ainda uma referência presente no hoje badalado terror espanhol.

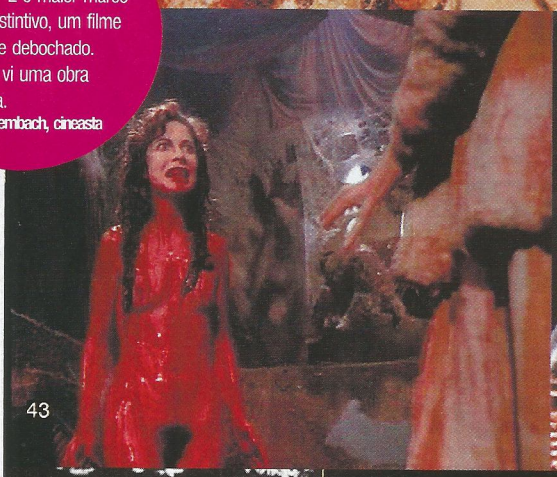
53 **O MENSAGEIRO DO DIABO** *(Charles Laugthon, 1955)* – Interpretado com maestria por Robert Mitchum, o reverendo Harry Powell – na verdade um ex-detento em busca de US$ 10 mil escondidos na boneca da filha de seu ex-companheiro de cela – se tornou um dos vilões mais cínicos do cinema. Em seu primeiro e único filme, Laugthon soube dosar bem o suspense na perseguição do falso pastor à garota e seu irmão.

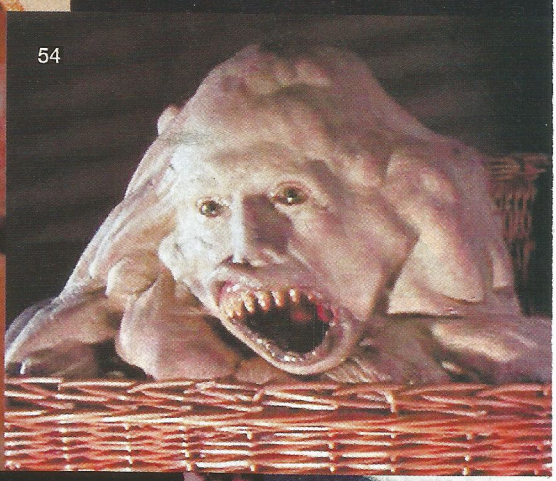
54 **BASKET CASE** *(Frank Henenlotter, 1982)* – Dentre os sentimentos, um dos mais belos é o amor fraternal. O que dizer então de um irmão que carrega seu siamês extirpado, deformado e canibal, numa cesta de palha para onde quer que vá? Antes de cometer obras como *Frankenhooker* (1990), sobre cientista louco que cria um monstro a partir de partes de corpos de prostitutas, Henenlotter abusou do humor negro nesta pérola do horror oitentista.

55 **PAGUE PARA ENTRAR, REZE PARA SAIR** *(Tobe Hooper, 1981)* – Afeito às aberrações, Tobe Hooper concebeu uma história aterradora ao ambientar

41

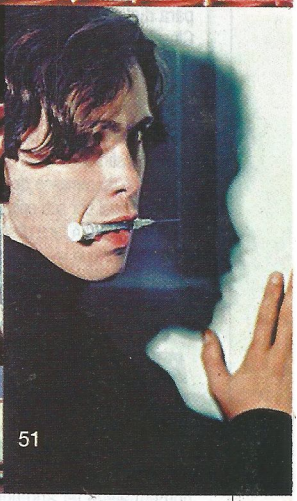

34

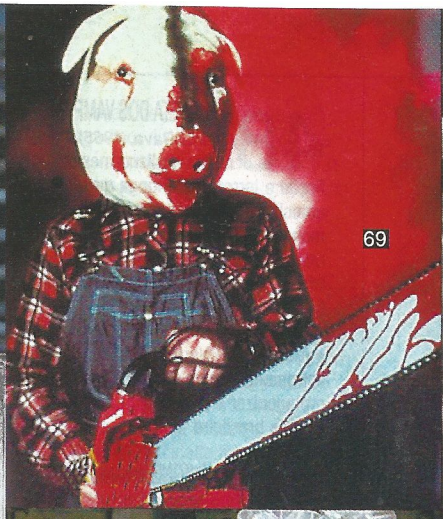

43

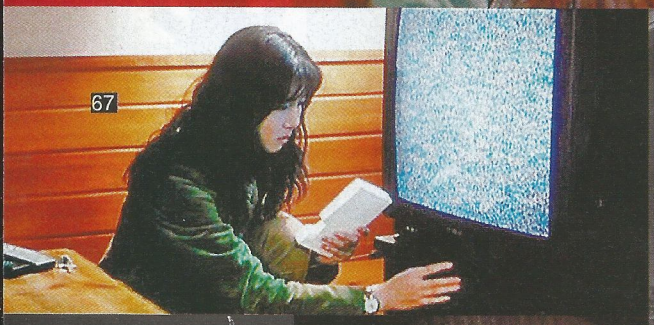

54

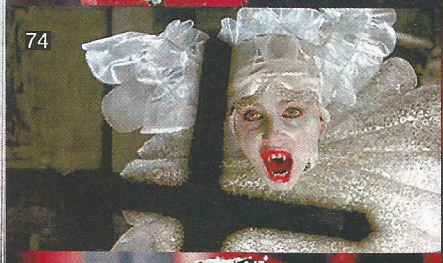
45

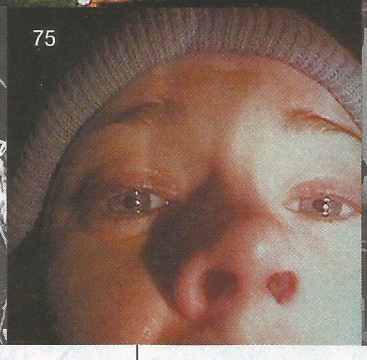
36


51









um longa no interior de um trem fantasma. Lá, um grupo de jovens testemunha um assassinato cometido por Gunther Straker, o deformado filho do dono de um circo itinerante, que usa uma máscara de Frankenstein para disfarçar a face repugnante. Clássico obrigatório do antigo *Corujão*.

56 O FANTASMA DA ÓPERA *(Rupert Julian, 1925)* – *Tour de force* de Lon Chaney, o primeiro astro do cinema de horror, a adaptação do romance de Gaston Leroux foi a responsável por seu epíteto de "Homem das Mil Faces". A face desfigurada de Erik, o compositor que vive nos subterrâneos do Opera de Paris, fez com que muita gente morresse de medo nos cinemas.

57 O ESTRANHO PODER DE MATAR *(Jerzy Skolimowski, 1978)* – A expressão "matar a grito" nunca foi tão bem empregada quanto neste estranho longa inglês. Num sanatório, homem alega ter aprendido com aborígenes a emitir um som tão poderoso que não deixaria ninguém que o escutasse vivo. Há verdades que não devem ser ouvidas...

58 KWAIDAN - AS QUATRO FACES DO MEDO *(Kobayashi Masaki, 1964)* – Formado por quatro episódios, o longa tem um acabamento com qualidade raramente vista no gênero – o próprio diretor chegou a pintar manualmente os cenários das histórias. O requinte rendeu a Masaki o Prêmio Especial do Júri no Festival de Cannes.

59 NAKED LUNCH *(David Cronenberg, 1991)* – Grande encontro de malucos, a adaptação do romance de William S. Burroughs por Cronenberg narra a história de um escritor fracassado que passa a viver num mundo repleto de alucinações depois de cheirar veneno para matar baratas. Toda a loucura presente no livro é transformada em imagens, no longa mais indecifrável do diretor canadense.

> **O FANTASMA DA ÓPERA**
> É um filme de terror que pode ser lido como uma história de amor. A trilha sonora sublime dilui um pouco o pânico.
> **Daniel Herz, diretor teatral**

60 WHITE ZOMBIE *(1932, Victor Halperin)* – Primeiro filme de zumbis da história, é protagonizado por Bela Lugosi, que interpreta Legendre, um feiticeiro do Haiti que tenta dominar uma jovem através de uma poção mágica e torná-la sua escrava zumbi. Foi dado como perdido, até que uma cópia foi encontrada em 1960.

61 ANIVERSÁRIO MACABRO *(Wes Craven, 1972)* – A estreia de Craven no cinema é uma das melhores obras já feitas sobre vingança. Uma gangue que violenta e mata duas jovens acaba se escondendo na casa de uma delas, no dia em que esta faria aniversário. Descobertos por seus pais, os bandidos sofrem toda a violência que perpetraram contra as adolescentes.

62 TERROR EM AMITYVILLE *(Stuart Rosenberg, 1979)* – Recentemente refilmado e primeiro de uma série de sequências, o longa de Rosenberg deu um *upgrade* às histórias de casas mal-assombradas, com base no best-seller de Jay Anson. Apesar de manjado, o roteiro (família se muda para casa antiga e começa a notar estranhos acontecimentos) garante bons sustos até hoje.

63 PRELÚDIO PARA MATAR *(Dario Argento, 1975)* – Em seu sexto longa, Argento presta uma homenagem a outro mestre italiano, Michelangelo Antonioni. Assim, ele escalou como protagonista o ator David Hemmings, que fez um papel semelhante alguns anos antes na obra-prima *Blow Up*. Um professor de jazz testemunha um assassinato e passa a ser também uma vítima em potencial do psicopata, que realiza seus crimes dentro do delirante estilo visual do diretor.

64 JOGOS MORTAIS *(James Wan, 2004)* – Filme que detonou a onda do *torture porn* – subgênero que explora as cenas explícitas de tortura e mutilação – gerou uma lucrativa franquia e deu origens a outras pérolas sádicas, como a série *O Albergue*. Jigsaw, o maníaco que obriga suas vítimas a se automutilar, virou o último serial killer pop do cinema.

65 NASCE UM MONSTRO *(Larry Cohen, 1974)* – A teratofobia, o medo patológico de dar à luz um monstro, é explorada neste exemplar do cinema independente americano dos anos 70. Uma mulher tem um bebê com deformações causadas por contaminação química, que se revela um monstro assassino. O misto de rejeição/afeição criado pela criança-mutante, que se mantém quase sempre oculta nas sombras, garante a tensão do incômodo longa.

66 O HOMEM DE OLHOS DE RAIOS-X *(Roger Corman, 1963)* – Com os tostões que formavam seus orçamentos, o rei dos filmes B realizou esta pequena maravilha, sobre cientista que

desenvolve um colírio capaz de aprimorar progressivamente a visão. Testando em si mesmo a experiência, ele descobre, a duras penas, que o pior cego é aquele que quer ver.

CORAÇÃO SATÂNICO
Chama a atenção pelo duelo de dois gigantes que estão no auge: Mickey Rourke e Robert De Niro. Esses caras estão no meu *top five*.
Bruce Gomlevsky, ator e diretor teatral

67 RINGU: O PRIMEIRO CHAMADO *(Hideo Nakata, 1998)*

– Os fãs do terror abriram os olhos para o oriente quando o longa de Hideo Nakata, sobre uma fita de vídeo com o poder de matar quem a assistia, foi refilmada por Gore Verbinski quatro anos depois, gerando uma onda de *remakes* de obras japonesas. E as mulheres cabeludas passaram a apavorar o cinema.

68 PEEPING TOM *(Michael Powell, 1960)*

– Um fotógrafo de vida discreta tem, na verdade, um hobby macabro: no sótão de sua casa ele observa, extasiado, imagens de mulheres registradas por ele enquanto as assassinava. Para além do voyerismo, o longa antecipa a onda dos *snuff movies* – míticos registros de violência real, para os quais existiria um suposto mercado negro. De tão controverso, o longa sepultou a carreira de Powell.

69 MOTEL HELL *(Kevin Connor, 1980)*

– O pior que pode acontecer com uma vítima de *slasher movie* é ser cortada ao meio por um psicopata, certo? Não para os viajantes sequestrados pelo fazendeiro Vincent, que os enterra até o pescoço nos fundos de seu hotel de beira de estrada e os alimenta com ração até que estejam bem fornidos para seguirem para sua fábrica de salsichas. Diante disso, a máscara usada por Vincent – uma cabeça de porco – passa até batido.

70 GRINDHOUSE *(Quentin Tarantino e Robert Rodriguez, 2007)*

– Fãs incondicionais dos filmes B, os garotos-prodígio de Hollywood renderam uma homenagem ao gênero, criando uma sessão dupla como as exibidas nas antigas casas dedicadas ao cinema podreira – as tais grindhouses do título. Formado por dois médias-metragens (*À Prova de Morte* e *Planeta Terror*), além de excelentes trailers fakes, o projeto foi esquartejado pelos produtores e lançado separadamente.

71 O RETRATO DE DORIAN GRAY *(Albert Lewin,1945)*

– Com os EUA totalmente envolvidos no esforço de guerra, o cinema de horror não rendeu grandes obras nos anos 40 – o terror do front era bem pior do que o exibido na tela. Um dos poucos expoentes do período foi a adaptação de Albert Lewin para a MGM do romance de Oscar Wilde, que explora com efeitos simples e contrastes de fotografia a história do homem que consegue se manter jovem e íntegro enquanto o seu retrato mostra as marcas da velhice e de sua personalidade cruel.

72 A MOSCA *(David Cronenberg, 1986)*

– Ao refilmar o ingênuo *A Mosca da Cabeça Branca* (1959), Cronenberg opõe razão e emoção de forma radical: ao testar uma máquina de teletransporte, cientista (Jeff Goldblum) tem seu DNA misturado ao de um inseto. Com doses cavalares de escatologia, o diretor canadense mostra com detalhes a sua transformação numa criatura disforme, numa aula de maquiagem especial.

73 PELO AMOR E PELA MORTE *(Michele Soavi, 1994)*

– Filmes que mostram zumbis vagando por aí nunca contaram com o relato das prováveis primeiras testemunhas do fenômeno: os coveiros. Pois é esse o protagonista deste irônico longa de Soavi: atribulado com cadáveres que sempre deixam suas sepulturas, o zelador de cemitério Francesco Dellamorte descobre que o amor é capaz de vencer a morte...

74 DRÁCULA, DE BRAM STOKER *(Francis Ford Coppola, 1992)*

– Depois de inúmeras versões, o mito maior do horror foi retomado por Coppola, a partir do texto original de Bram Stoker. Interpretado de forma arrepiante por Gary Oldman, o nobre vampiro abriu caminho para adaptações de monstros clássicos mais fiéis aos livros, como a de *Frankenstein* dirigida por Kenneth Branagh em 1994.

75 A BRUXA DE BLAIR *(Daniel Myrick e Eduardo Sánchez, 1999)*

– A técnica do falso documentário já havia sido explorada à exaustão, quando dois cineastas iniciantes criaram um fenômeno na internet, que fez com que um filme de US$ 35 mil rendesse mais de US$ 100 milhões. A história de três estudantes de cinema que desaparecem ao fazerem um registro em vídeo sobre uma bruxa que supostamente viveria num bosque mostrou que acampamentos são realmente um programa furado.

76 O PÁSSARO DAS PLUMAS DE CRISTAL *(Dario Argento, 1969)*

– Em sua estreia na direção, Argento narra a história de escritor americano radicado em Roma, que resolve investigar por conta própria um assassino misterioso que a polícia não consegue pegar. Primeiro longa da trilogia dos animais – completada com *O Gato de Nove Caudas* e *Quatro Moscas no Veludo Cinza* – influenciou todas as gerações seguintes no suspense e terror.

77 CORAÇÃO SATÂNICO *(Alan Parker, 1987)*

– Agora oscarizado, Mickey Rourke emprestou seu charme canastrão ao detetive Harry Angel, que investiga o desaparecimento de um músico, a pedido do misterioso Louis Cyphre (Robert De Niro). Apostando na sintonia dos dois atores, Parker consegue mergulhar o espectador na trama de mistério que o protagonista presencia, até que não reste mais caminho de volta.

DRÁCULA
São muitas escolhas felizes do Coppola. Os efeitos analógicos criam um clima de terror antigo. A abertura, brilhante, dá dimensão humana ao vampiro.
Carlos Gerbase, cineasta

78 DRÁCULA *(Tod Browning, 1931)*

– Nos anos 30, a Universal buscava um ator carismático para viver o vampiro na primeira adaptação oficial do romance de Bram Stoker. Lon Chaney, a primeira opção para o papel, morreu antes de o filme começar a ser rodado. Foi então que o mundo descobriu a expressão gélida do húngaro Bela Lugosi, que nunca se dissociou do papel. Os produtores prejudicaram o resultado, mas ainda assim é um marco do cinema fantástico.

79 A CASA DOS MORTOS-VIVOS *(Lucio Fulci, 1981)*

- Lançado no Brasil também com o nome de *A Casa do Cemitério*, o longa é um dos mais violentos de Fulci, se é que é possível quantificar o sangue jorrado em cada filme do italiano. Aqui o batido mote das casas mal-assombradas é retomado com violência extrema, na história de uma família que adquire mansão vitoriana e passa a conviver com uma criatura maligna. Uma verdadeira orgia gore.

80 TWO THOUSAND MANIACS *(Herschell Gordon Lewis, 1964)*

– O público mal havia esquecido os monstros radioativos dos anos 50 e o mestre do gore já o castigava com sangue em profusão e membros dilacerados. Tudo espalhado por um pequeno povoado americano, atacado por seus antigos habitantes, massacrados na Guerra Civil e que, de vez em quando, despertam em busca de vingança.

81 PLAN 9 FROM OTHER SPACE *(Ed Wood, 1956)*

– Eleito o pior filme de todos os tempos, a obra-prima do gênio trash Ed Wood parte de um roteiro que, de tão implausível, beira a perfeição: alienígenas trazem os mortos de volta à vida para fazer com que eles dominem os humanos e os impeçam de desenvolver uma bomba capaz de explodir a luz do sol (!). Em meio a efeitos caseiros e interpretações primárias, o longa que registra a última aparição de Bela Lugosi é um dos mais divertidos do cinema fantástico.

82 O CABO DO MEDO *(Martin Scorsese, 1991)*

- A dupla mais afinada do cinema, Scorsese e Robert De Niro criaram o carismático psicopata Max Cady, que sai da prisão após 14 anos decidido a vingar-se do advogado que não o defendeu corretamente. O ator compõe um tipo frio e de olhar perturbador, pior até do que o mal-encarado Travis Bickle de *Taxi Driver*.

83 A CASA DOS MIL CORPOS *(Rob Zombie, 2003)*

– O líder da finada banda de metal White Zombie fez valer o apelido e estreou na direção com uma pedrada que recupera o clima sufocante de *O Massacre da Serra Elétrica*. Grupo de jovens se perde numa estrada deserta ao procurar o túmulo do Dr. Satan, um médico assassino que se transformou

em lenda depois de sua execução. Perdidos, os quatro são ajudados por uma família que, aos poucos, se mostra nada convencional.

84 O PÁSSARO SANGRENTO *(Michele Soavi, 1986)* – Herdeiro legítimo de Dario Argento, Michele Soavi lançou esse violentíssimo *slasher* quando o gênero já dava sinais de desgaste, em meados da década de 80. A história se passa no interior de um teatro, onde um grupo de atores vira a noite ensaiando uma peça e se torna presa fácil para um maníaco assassino que insiste fazer uma ponta no espetáculo...

85 LOUCA OBSESSÃO *(Rob Reiner, 1990)* – A adaptação para a obra de Stephen King leva às últimas consequências a relação entre escritor e leitor. A Annie Wilkes de Kathy Bates, enfermeira que mantém seu autor favorito em cativeiro, é uma rara presença feminina no panteão dos psicóticos. A cena da marreta faz dela uma concorrente à altura de muito marmanjo mascarado por aí.

86 GUINEA PIG - FLOWER OF FLESH AND BLOOD *(Hideshi Hino, 1985)* – O cinema extremo tem seu ponto alto com a série japonesa *Guinea Pig*, nome em inglês para o porquinho da Índia usado em experiências científicas. Aqui, as cobaias são seres humanos, como a garota sequestrada por um samurai que a desmembra ainda com vida, num autêntico *snuff movie*, com efeitos especiais tão realistas que levaram o ator Charlie Sheen a denunciar seus autores por tortura e assassinato.

87 A MÁSCARA DO DEMÔNIO *(Mario Bava, 1960)* - Barbara Steele, uma das maiores *screen queens* do terror, estrela este longa do mestre italiano Mario Bava em papel duplo, como uma bruxa executada pela inquisição e sua descendente, que pode ter seu corpo tomado pelo espírito da antepassada séculos depois. Destaque para a cena em que a bruxa tem a máscara de ferro, com interior repleto de pregos, fechada em seu rosto.

88 O ABISMO *(Neil Marshall, 2006)* – Seis garotas ficam presas numa caverna após escalada na montanha e, enquanto tentam encontrar uma saída alternativa, se vêem perseguidas por misteriosas criaturas que habitam a escuridão. Sem maiores pretensões, Neil Marshall fez um dos mais angustiantes longas dos últimos tempos, menos pela presença dos seres misteriosos do que pelo embate entre as personagens acuadas.

> **A HORA DO ESPANTO**
> Reciclou o mito do vampiro. É um cara carismático, gay, sem medo de água benta e crucifixo. Mas fez isso de forma honesta, numa produção independente cinco estrelas.
> **Ivan Cardoso, cineasta**

89 O VINGADOR TÓXICO *(Lloyd Kaufman, 1985)* – O filme-símbolo da produtora Troma, especializada em filmes trash, traz o herói mais tosco do cinema: Melvin, o faxineiro nerd que depois de cair em um tonel de lixo químico se transforma no Vingador Tóxico. Deformado e ultraviolento, no fundo ele esconde um bom coração.

90 OS OUTROS *(Alejandro Amenábar, 2001)* – O chileno Amenábar já tinha no currículo os bons *Tesis* (1996) e *Preso na Escuridão* (1997), quando dirigiu essa tensa história de fantasmas, com final-surpresa tão eficiente quanto o do incensado *Sexto Sentido*. No papel da mãe que tem de proteger os dois filhos de estranhos acontecimentos, Nicole Kidman domina a tela com sua gélida beleza.

91 AÇÃO MUTANTE *(Alex De La Iglesias, 1993)* – Bando de deficientes físicos intergaláticos se revolta contra a ditadura estética imposta pela sociedade burguesa e sequestra filha de poderoso industrial. A estreia de La Iglesias em longas não poderia ser mais promissora.

92 SEVEN - OS SETE CRIMES CAPITAIS *(David Fincher, 1995)* – Sem recorrer à violência explícita, David Fincher deu à galeria dos grandes serial killers do cinema um tipo frio e cerebral, apto a sentar à mesa ao lado de Hannibal Lecter. Com mortes elaboradas a partir dos sete pecados capitais, o John Doe de Kevin Spacey se supera a cada crime. Nem a presença histriônica de Brad Pitt é capaz de ofuscá-lo.

93 O LOBISOMEM *(George Waggner, 1941)* – Segundo filme a levar o licantropo ao cinema, depois de *O Lobisomem de Londres*, de 1935, o longa de 1941 traz no papel-título Lon Chaney Jr, filho do célebre intérprete que fez fama no início do século até os anos 30. A maquiagem feita por Jack Pierce impressionou a audiência da época e fez com que o ator voltasse ao personagem outras quatro vezes.

94 O ABOMINÁVEL DR PHIBES *(Robert Fuest, 1971)* - Ícone do camp, estilo propositalmente kitsch e exagerado, o longa de Fuest imortalizou um dos grandes personagens do cinema fantástico. Na pele (deformada) do psicopata que persegue os médicos que julga terem matado sua mulher na mesa de operações, Vincent Price tem a maior interpretação de sua carreira. Diferentemente da maioria dos maníacos do cinema, Dr Phibes executa seus crimes com um incomum toque de humor negro.

95 ENCURRALADO *(Steven Spielberg, 1971)* – O telefilme que marca a estreia de Spielberg no cinema é uma pequena obra-prima do suspense, que leva o espectador ao limite da tensão. O psicopata, cujo rosto nunca é visto, é o motorista de um velho caminhão, que persegue outro condutor pela estrada a fim de matá-lo. O futuro diretor dos maiores blockbusters do cinema soube extrair o máximo dos pouquíssimos recursos disponíveis, provando que uma boa ideia prescinde de grandes orçamentos.

> **GUINEA PIG**
> É um tipo de filme para ver quem aguenta até o final. É pavoroso, muito extremo. Quem assistir até o fim deve se orgulhar muito disso.
> **Dennison Ramalho, roteirista e cineasta**

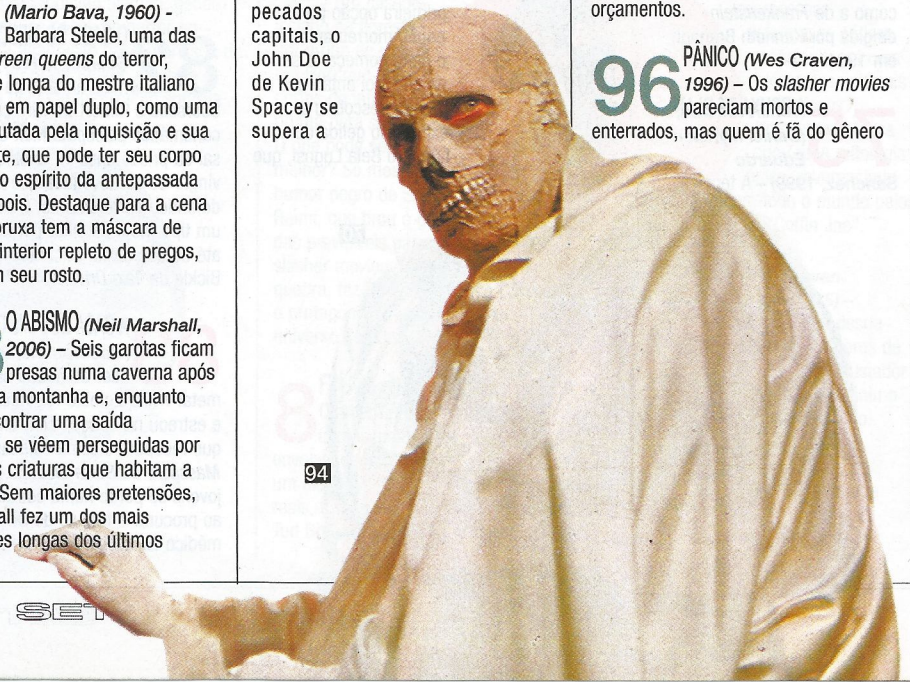
96 PÂNICO *(Wes Craven, 1996)* – Os *slasher movies* pareciam mortos e enterrados, mas quem é fã do gênero sabe que isso nunca impediu nenhum serial killer de abrir os olhos e voltar a barbarizar. O criador de Freddy Krueger ressuscitou o gênero na década de 90 e deu uma nova máscara à galeria dos maiores psicopatas do cinema, Ghostface, numa releitura irônica e, ao mesmo tempo, reverencial do subgênero, gerando um ciclo de terror adolescente na década passada.

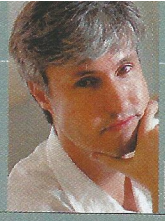
97 O MÉDICO E O MONSTRO *(Rouben Mamoulian, 1932)* - Mais famosa adaptação do clássico de Robert Louis Stevenson, deu o Oscar de Melhor Ator a Fredric March pela interpretação do cientista que se transforma num ser bestial ao experimentar um soro que havia desenvolvido. A maquiagem usada pelo ator é até hoje lembrada com uma das mais impactantes do gênero. Ganhou uma refilmagem com elenco estrelar (Spencer Tracy, Ingrid Bergman, Lana Turner) em 1941, aquém do original.

98 A HORA DO ESPANTO *(Tom Holland, 1985)* – Quando os adolescentes lotaram os cinemas para ver Jason e Freddy Krueger, os produtores notaram que, mais uma vez, dependeriam deles para fechar as contas. Logo, filmes de terror voltados ao público jovem começaram a pipocar nos cinemas. O longa de Holland, sobre um jovem que descobre que seu novo vizinho, é, na verdade, um vampiro, dá o pontapé inicial na safra de assombrações engraçadinhas da geração Ferris Bueller.

99 A MÚMIA *(Karl Freund, 1932)* - Na galeria dos grandes monstros (da interpretação), Boris Karloff foi imortalizado pelas gazes da múmia do príncipe Imhotep, entrerrado vivo há mais de três milênios. Uma expedição arqueológica acaba o trazendo de volta à vida. Um grande filme que acabou refilmado como aventura juvenil, em 1999, no longa que abriu a rentável franquia estrelada por Brandon Frasier.

100 O QUE TERÁ ACONTECIDO A BABY JANE? *(Robert Aldrich, 1962)* – Os grandes olhos de Bette Davis nunca estiveram tão perturbadores quanto no longa de Aldrich, na qual interpretou a doidaraça Jane Hudson, atriz fracassada que "cuida" de sua irmã paralítica (Joan Crawford, também em interpretação primorosa) e transforma sua vida num inferno. O clima de tensão crescente do roteiro ganhou muito com a rivalidade real entre as atrizes, que injetaram uma dose extra de ódio e rancor às suas personagens.





MARCELO CAJUEIRO

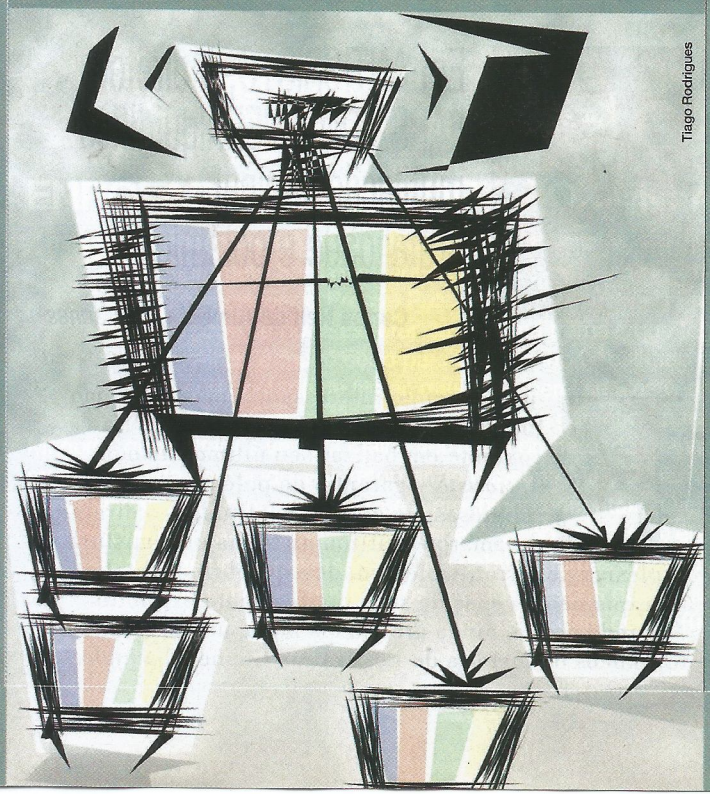
STUDIO SYSTEM TROPICAL

OITO GRUPOS MONOPOLIZAVAM A INDÚSTRIA DE CINEMA NORTE-AMERICANA. ISSO ACABOU

Certa vez, no Maraca, meu amigo Andrew Downie, jornalista escocês, disse-me algo que jamais esqueci (depois de um perigoso, mas inconclusivo ataque). Sob o coro da torcida empolgada, mandou a seguinte: "Aqui eles comemoram o gol perdido". Muitas vezes é preciso um gringo, pensei, para evidenciar aspectos curiosos da nossa cultura, valendo-se da comparação com outra realidade.

De Bob Nadkarni, figuraça inglês, cinegrafista, artista plástico, cenógrafo de *2001: Uma Odisseia no Espaço* (fez a maquete da nave espacial!), que vive na favela Tavares Bastos – onde mantém seu ateliê e um clube de jazz – ouvi uma pérola que desnuda a hipocrisia aqui reinante: "No Brasil não se pode perguntar". Chegou a esta conclusão porque toda vez que precisava de uma autorização para, por exemplo, filmar em algum lugar, não conseguia. Aí resolveu não perguntar mais nada; simplesmente ia lá e fazia, e dava certo. Mas, se perguntasse antes, a "autoridade competente" se lembrava de uma lei ou norma restritiva e resolvia aplicá-la.

Como correspondente da *Variety* no país, sempre me impus o esforço de olhar o Brasil com um olhar distanciado, e poder contextualizá-lo para o leitor internacional. Não é fácil. Deparei-me, por exemplo, com o desafio de explicar as peculiaridades da concentração de mídia e da produção audiovisual aqui, e o nanismo da produção independente.



Tiago Rodrigues

Costumo fazer uma comparação entre a concentração no audiovisual brasileiro e o *studio system* que reinou soberano nos anos dourados da Hollywood das décadas de 1920 a 1950.

O que têm em comum Humphrey Bogart e Tony Ramos? Marlene Dietrich e Fernanda Montenegro? Orson Welles e Manoel Carlos? Todos eles foram, ou são, talentos trabalhando sob contrato de exclusividade para conglomerados da indústria audiovisual que controlam ou controlaram toda a cadeia do setor, da produção à entrega do produto ao espectador.

Sem a pretensão de fazer nada genial, cunhei o termo tropical *studio system* para descrever aos meus (poucos) leitores internacionais o sistema no Brasil, onde as grandes redes de TV produzem a maior parte da programação que levam ao ar.

É interessante recapitular que, no *studio system*, oito grupos monopolizavam a indústria de cinema norte-americana, controlando a produção (em estúdios próprios e com atores, diretores e roteiristas sob contrato de exclusividade), a distribuição e a exibição. Fox (depois 20th Century-Fox), Loew's (dona da MGM), Paramount, RKO e Warner – estes os cinco conglomerados integralmente verticalizados – mais Universal, Columbia e United Artists dominavam o setor.

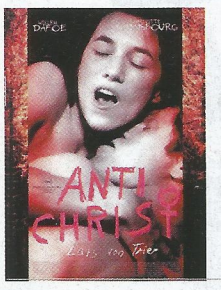
A Suprema Corte americana não gostou da brincadeira e, em decisão histórica, em 1948 determinou o desmembramento dos conglomerados. Em 1954, a decisão foi implantada, e os estúdios desde então se concentram na distribuição de filmes comissionados junto a produtores independentes.

O que para a Suprema Corte dos EUA feria a Lei Antitruste, já no jurássico ano de 1948, jamais sofreu qualquer contestação judicial ou institucional importante aqui. E veja que em Hollywood havia oito empresas, enquanto no Brasil temos só a TV Globo, à qual nos últimos anos juntou-se a TV Record. Tristemente, a saudável competição contra a Globo vem de uma emissora que basicamente replica o modelo global, com a construção do centro de produção RecNov e a contratação de uma equipe permanente de talentos.

O grupo Globo (e em menor extensão a Record, o SBT e as outras emissoras) abocanha o suculento filé das receitas com publicidade, merchandising, assinaturas e vendas de direitos aqui e no exterior. Aos independentes, apesar de algum crescimento nos últimos anos na produção de filmes e mesmo programação de TV, restam as migalhas e a sobrevivência através de um sistema de subsídio.

Culpa da Família Marinho? Não. Eles exploraram com competência todas as possibilidades para expandir e consolidar seus negócios. Culpa de um Estado leniente na regulação e incapaz de planejar a desconcentração de setor tão crucial como o audiovisual. E não me venha com este papo de que regulação é censura ou ditadura. Os EUA, templo do capitalismo, e, para muitos, modelo de democracia representativa, fizeram sua reforma agrária audiovisual há mais de meio século.

MORTE & EXTASE



Em ANTICRISTO, o diretor LARS VON TRIER liquidifica mutilação vaginal, brutalidade e polêmica

Carlos Helí de Almeida, *de Cannes*

É um exercício interessante imaginar como funciona a mente de Lars von Trier. Não contente em batizar seu último filme de *Anticristo* – garantia de polêmicas religiosas em qualquer latitude – o diretor dinamarquês atirou na trama uma mistura explosiva de terror, violência, desequilíbrio mental e (por que não?) cenas de sexo praticamente explícito. Achando pouco, ainda armou, em maio, um dos maiores furdunços da história do Festival de Cannes, batendo

boca com jornalistas que, ingênuos, pediram explicações sobre o significado do longa (com estreia marcada por aqui em 7 de agosto).

A grande pergunta é: será que desta vez Von Trier teria ido longe demais, mesmo tendo no currículo obras controversas como *Os Idiotas* (1998) e *Dogville* (2002)? *Anticristo* conta a história de uma jovem mãe (Charlotte Gainsbourg) que entra em depressão logo após a trágica perda de seu filho. Detalhe sórdido: o garoto despencou de uma janela enquanto ela e o marido faziam sexo. Ele (Willem Dafoe), que é terapeuta, leva-a para uma viagem de repouso a um chalé no meio da floresta, onde a personagem, no passado, passara uma temporada estudando perseguições cristãs a bruxas na Idade Média. Com a ajuda de compreensão e técnicas de hipnose, o sujeito a convence de que seus medos e fobias são frutos da imaginação. Aos poucos, o tratamento se transforma em surtos de brutalidade, alucinações e perversidades por parte de mulher e paciente, culminando numa surpreendente mutilação vaginal com uma tesoura – em super close-up.

Que ninguém peça explicações diretas a Von Trier por suas mais recentes barbaridades. Em Cannes, os jornalistas receberam respostas como "Não creio que deva me explicar ou me desculpar para ninguém", após a exibição do controverso longa-metragem. "Trabalho por conta própria. Fiz esse pequeno filme para o meu público. É realmente um trabalho muito pessoal", completou o cineasta, diante da reação um tanto exaltada da imprensa diante de *Anticristo*. Apertando um pouco mais, ele complementa: "O filme é um sombrio sonho sobre culpa e sexualidade". Antes da exibição no festival, Von Trier, em entrevista à *Variety*, descreveu o filme como "um pouco documentário, um pouco estilizado, com um sentimento romântico". Romântico?!

Para perturbar e não excitar: tórrida cena de sexo em plena floresta mal-assombrada

Fiel à sua velha tradição de botar a mulherada para penar na tela, Von Trier crucifica Charlotte Gainsbourg, filha do cantor francês Serge Gainsbourg e da atriz inglesa Jane Birkin. "Como se trata de uma história muito sombria sobre culpa e sexo, as cenas surgiram

quase que naturalmente", comenta o diretor sobre as fortes imagens. "Foi um trabalho intenso" diz Charlotte. "E não foi difícil por causa das cenas de sexo ou que envolvem nudez, e sim porque envolveram emoções e dores que podem ser consideradas muito cruas".

A intensidade foi compensada com o prêmio de Melhor Atriz concedido pelo júri do festival. Entre as cenas protagonizadas por Charlotte, estão momentos de nudez, masturbação, mutilação (e automutilação). Noutra passagem, sua personagem (que não tem nome; o casal é apresentado apenas como Ela e Ele) é estrangulada por Dafoe. "Foi a cena mais dura, dolorosa e assustadora da minha vida", contou a atriz de 38 anos ao *The New York Times*. "Lars não tinha limite. Ele não queria que eu morresse, mas desejava que eu fosse o mais longe possível. Nunca entendi de fato a visão dele, mas isso não importava. Eu estava atraída pelo papel e pela ideia de atuar como uma marionete".

Responda: este homem tem pinta de "melhor diretor de cinema do mundo"?

A própria turbulência mental que o diretor enfrentou pouco antes de iniciar o trabalho no filme pode dar uma pista. Há dois anos, Von Trier enfrentou uma incapacitante crise depressiva, que o deixou prostrado naà cama. O fracasso comercial e a recepção tépida da crítica a *Manderlay*, em 2006 ("redundante" para o *Village Voice*, "equivocado", para a *Variety*), teriam empurrado Von Trier para o abismo. O baque foi tamanho que a terceira parte da trilogia sobre os EUA, *Wasington* (não, não é um erro de digitação), foi engavetada. "Sempre tento me reinventar de filme para filme e acho que foi um erro ter seguido em *Manderlay* o mesmo estilo de *Dogville*. Sequer tenho ideia se este terceiro filme será feito ou não. Gastei toda a minha energia fazendo *Anticristo* decolar", diz. "Eu ficava olhando para as paredes. Não conseguia tomar decisões simples, como levantar para pegar um copo d'água", afirma Von Trier a respeito

Charlotte Gainsbourg: superando seus limites para ganhar prêmio no Festival de Cannes

de sua depressão". O trabalho em *Anticristo* começou como parte da terapia que se impôs para escapar da fossa. Mais uma contradição: por que escolher temas tão barra-pesada quando a ideia era melhorar o astral? "Gosto de terror", delimita. "É um gênero no qual você pode mostrar várias coisas que são ilógicas, mas que ainda assim parecem aceitáveis. É um gênero que comporta muito assunto. De qualquer modo, sempre que começo a fazer um filme dentro de um gênero específico adiciono outros elementos". Ainda assim, que ninguém confunda criador e criatura. "A rotina de fazer um filme é o que considero uma terapia, não o assunto do roteiro".

Emergindo lentamente da deprê, Von Trier diz que começou a filmar *Anticristo* "operando a 50% de minha capacidade normal". Pouco antes de viajar para Cannes, se considerava "a 70%". E agora, depois da confusão no festival? Ninguém sabe, já que anda recusando todos os pedidos de entrevista, como uma espécie de autodefesa planejada. Diante do bombardeio denso da imprensa, proferiu o já famigerado discurso: "Sou o melhor diretor do mundo. Muitos outros cineastas também se acham os melhores, mas não o dizem em público. Eu acredito nisso, mesmo que não seja verdade".

Eles botam tudo para fora

O cinema de arte e o sexo explícito

▸ **O IMPÉRIO DOS SENTIDOS (1976)** – Tremendamente controverso, o longa de Nagisa Ochima obteve escândalo e aprovação da crítica em doses iguais ao recriar o caso real de um casal que misturou sexo e morte... até o fim.

▸ **CALÍGULA (1978) –** O filme X-rated com o melhor elenco de todos os tempos: Malcolm McDowell, Helen Mirren, John Gielgud... Eles não participam das cenas explícitas, inseridas na montagem pelo produtor Bob Guccione.

▸ **O DIABO NO CORPO (1986) –** A bela holandesa Maruschka Detmers teve um breve momento de fama internacional ao protagonizar um fellatio neste drama de Marco Bellochio.

▸ **OS IDIOTAS (1998) –** O primeiro longa que Von Trier rodou sob as estritas regras estéticas do Dogma 95. No meio de uma orgia encenada, enxertou uma inconfundível penetração (em close).

▸ **ROMANCE (1999) –** A diretora Catherine Breillat causou sensação ao escalar o ator pornô Rocco Siffredi neste drama que aborda o sexo explícito (de leve) sob uma ótica feminista.

▸ **9 CANÇÕES (2004) –** Matt e Lisa vão a um show de rock, transam, conversam, vão a um show de rock, transam, conversam, vão a um show de rock...

▸ **SHORTBUS (2006) –** John Cameron Mitchell elenca gays, lésbicas e heteros em cenas para lá de indiscretas com direito a muito falatório sobre liberação sexual e outros bichos (eu disse bichos).

MULHER DE MALANDRO DINAMARQUÊS

As sofredoras protagonistas dos filmes de Lars von Trier

EMILY WATSON (*Ondas do Destino*, 1996)
Sua personagem, Bess, já começa se recuperando de um colapso mental. O marido fica tetraplégico e a obriga a fazer sexo com outros homens. Ela não só aceita, como também se submete a degradações cada vez mais degradantes.

NICOLE KIDMAN (*Dogville*, 2003)
Por confiar na bondade dos cidadãos de uma cidadezinha pacata, a bela e misteriosa Grace é violentada física e mentalmente, humilhada e acaba literalmente acorrentada. Tudo em direção a uma das mais catárticas vinganças da história do cinema.

BRYCE DALLAS HOWARD (*Manderlay*, 2005)
Retomando a personagem antes interpretada por Nicole Kidman, Von Trier faz Grace sofrer não na própria pele, mas nas dos outros. Seus atos bem intencionados acabam trazendo opressão e violência a uma comunidade de escravos libertos.

BJÖRK (*Dançando no Escuro*, 2000)
No filme ganhador da Palma de Ouro, a cantora islandesa é uma ingênua imigrante que passa miséria, é roubada, explorada e presa injustamente. Ah, cheguei a comentar que ela vai ficando cega ao longo da história?

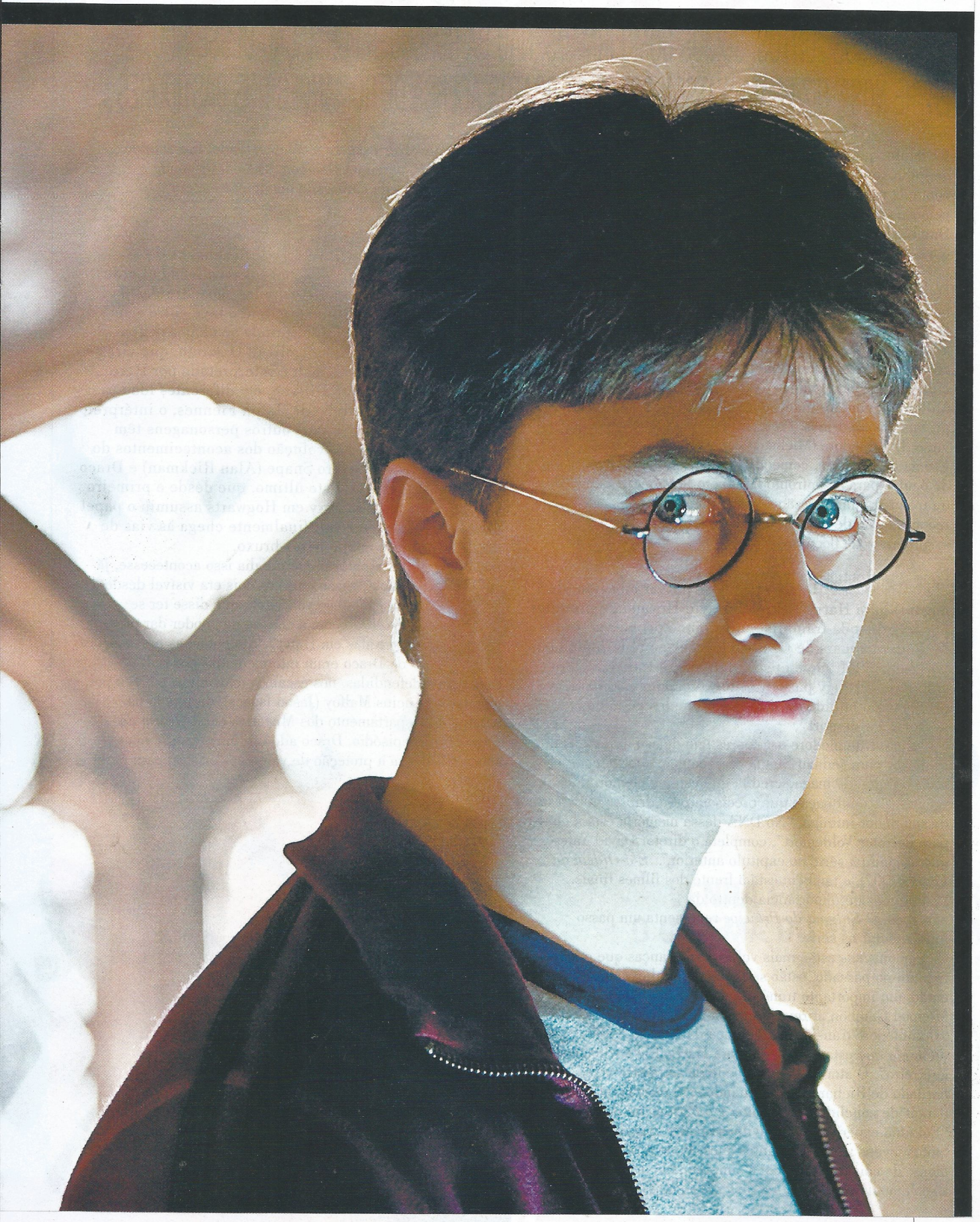
MAGIA PARA MAIORES

Em HARRY POTTER E O ENIGMA DO PRÍNCIPE, os heróis – e os vilões também – deixam sua fama de assexuados para trás. No sexto episódio da milionária série, o (ex-)bruxinho precisa lutar como homem feito. "Harry agora é um soldado", diz DANIEL RADCLIFFE

Carlos Helí de Almeida, *de Londres*

Nove anos atrás, eles eram três rostinhos anônimos, escolhidos entre mais de 40 mil crianças candidatas a protagonistas daquela que viria a se transformar numa das mais bem-sucedidas franquias de todos os tempos. Na nova reunião do trio para *Harry Potter e o Enigma do Príncipe*, sexto (e penúltimo) episódio da série de filmes inspirada nos livros da escritora J.K. Rowling, a primeira coisa que se nota sobre Daniel Radcliffe (20 anos no dia 23 de julho), Emma Watson (19) e Rupert Grint (20) é que eles cresceram – verdade comprovada no gigantesco evento promocional de lançamento do filme, em Londres, que reuniu parte do elenco e dos realizadores da monumental saga infanto-juvenil. Os três jovens atores, que vivem respectivamente o papel-título, Hermione e Ron, já estão mergulhados nas filmagens das partes 1 e 2 de *Harry Potter e as Relíquias da Morte*, adaptação do livro final, a serem lançadas em novembro de 2010 e julho de 2011 respectivamente. Como seus personagens, eles amadureceram diante dos olhos da imprensa e do público, que acompanham cada um de seus passos ao longo dos anos. Por representar um momento decisivo na evolução dos personagens, apontando inclusive para a formação de pares românticos entre eles, a realização de *O Enigma do Príncipe* estimulou boatos envolvendo o envolvimento entre seus protagonistas fora das telas. "Sei que um romance entre nós seria de grande interesse para a mídia. Mas crescemos juntos, somos como irmãos. Lamento informar que.não há qualquer formação desse tipo entre nós, do elenco", informou Emma, assumindo a defesa dos colegas.

Radcliffe em cena: pela sexta vez no papel de Harry, agora ele se prepara para a guerra



"CRESCEMOS JUNTOS, SOMOS COMO IRMÃOS. NÃO HÁ QUALQUER FORMAÇÃO DESSE TIPO ENTRE NÓS", DIZ EMMA WATSON SOBRE OS BOATOS ACERCA DE ROMANCES NOS BASTIDORES

Radcliffe, que até o encontro com a imprensa, no início de julho, ainda não havia assistido ao filme pronto, se deu conta da responsabilidade que é transmitido ao seu personagem. "Do ponto de vista de Harry, a relação com Dumbledore até então fora de aluno e professor; agora fica óbvio que ele vira uma espécie de soldado, que é preparado pelo mago mestre para uma guerra".

O novo longa não fala somente do crescente fluxo de hormônios em Hogwarts, cada vez mais vulnerável aos ataques do maléfico Voldemort (Ralph Fiennes), arquiinimigo de Harry. O filme abre com uma grande ofensiva dos Comensais da Morte sobre uma Londres cinzenta, fazendo vítimas em ruas da cidade e na Ponte Millenium, um dos mais adorados entre os novos cartões-postais dos londrinos. Pressentindo os maus tempos que virão, Dumbledore (Michael Gambon), diretor da Escola de Bruxaria, começa a preparar o bruxinho de óculos para o confronto final com Voldemort. Convoca o rapaz para uma missão secreta, que envolve a recontratação de Horácio Slughorn (Jim Broadbent), ex-professor de poções.

"AQUI, VEMOS DUMBLEDORE COMEÇANDO A passar o bastão (de mestre) para Harry", explica David Heyman, o produtor por trás de toda franquia, cujos cinco primeiros títulos já renderam mais de US$ 4,5 bilhões ao redor do globo. "Ao longo do filme e até o final dele, a transição terá sido feita e Harry passará a ser o responsável pela proteção do mundo do magos e o encarregado de derrotar Voldemort".

Na trama, Dumbledore usa o prestígio de seu aprendiz entre os magos para seduzir Slughorn, reconhecido alpinista social. O grande mago acredita que está na memória do professor a informação que precisam para driblar as defesas de seu maior inimigo. "No DNA dessa memória está a chave para derrotar Voldemort", completa o diretor David Yates, que assumiu a série no capítulo anterior, *...E a Ordem da Fênix* (2007), e também está à frente dos filmes finais. "Em termos de importância dentro da narrativa, *O Enigma do Príncipe* representa um passo fundamental na série.

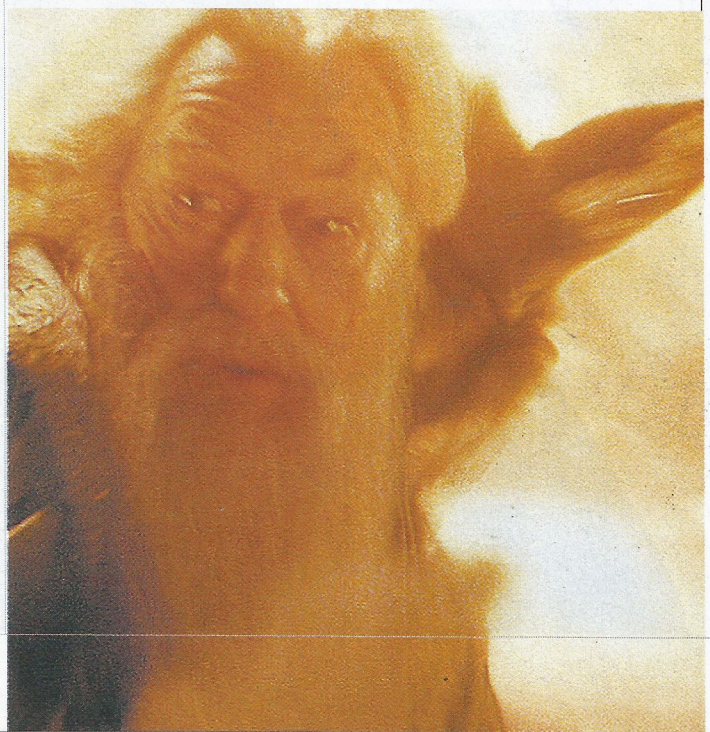
Os personagens estão mais velhos, as crianças que eram ficaram no passado, estão se tornando adultos. Marca, então, um importante transição da jornada deles".

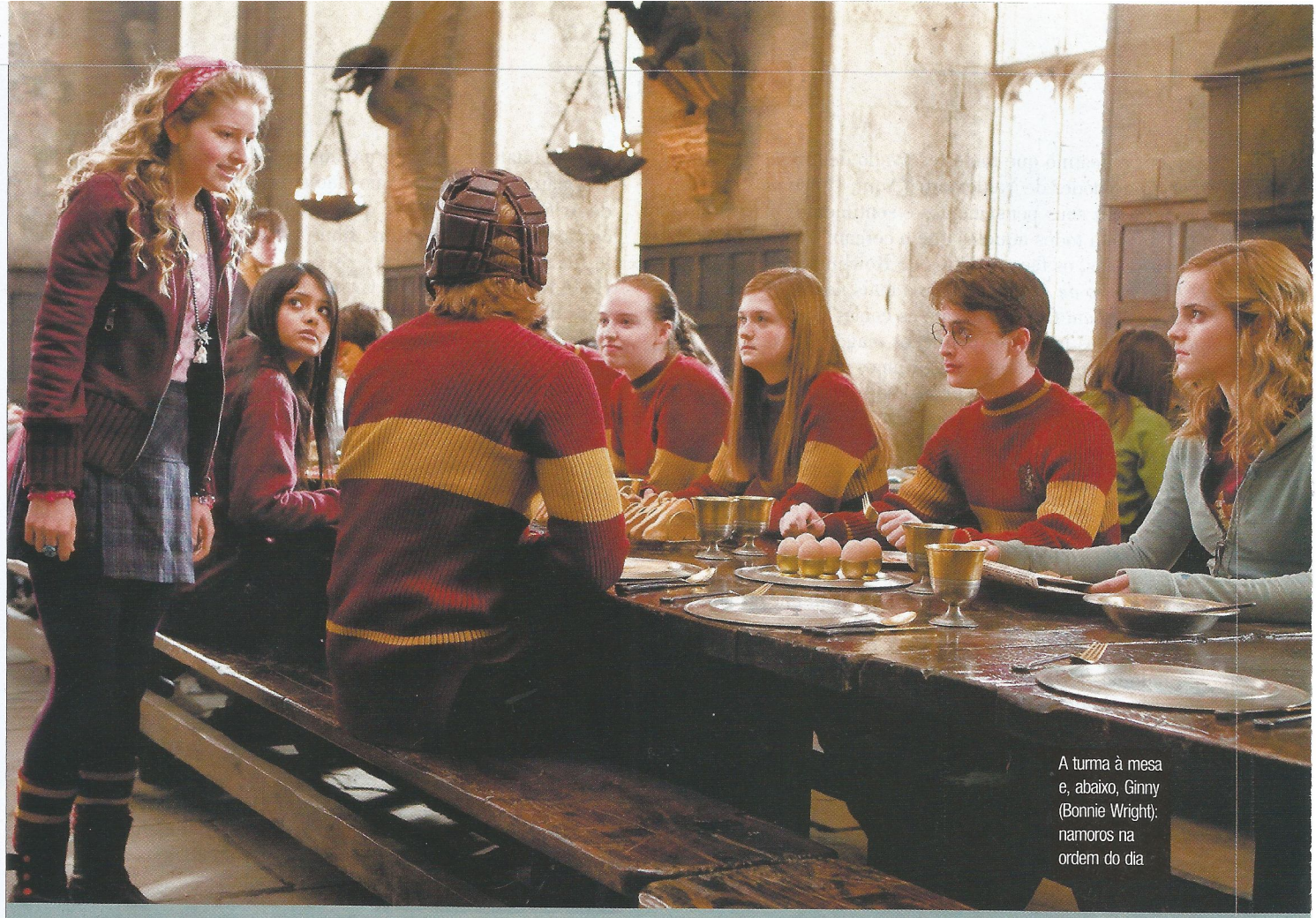
Michael Gambon afirma sobre seu personagem: "Dumbledore transfere a liderança da batalha e todo o peso da tarefa que esta representa para Harry. Ele é o seu novo guerreiro". O ator aqui se despede de seu personagem, herdado de Richard Harris quando este morreu em 2004, depois de concluir *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban*. "Foi uma experiência maravilhosa poder conviver com tantos jovens atores por tantos anos. Pude aprender um monte de coisas novas com a simplicidade deles. E digo isso como um elogio; o tipo de atuação que exerço costuma envolver exagero e complexidade. Faz sentido para vocês?", pergunta Gambon. "Não!", responde Radcliffe, rindo da enrascada em que se metera o veterano ator.

A TRAMA DE *O ENIGMA DO PRÍNCIPE* INCLUI flashbacks de lembranças de alguns personagens envolvendo Lorde Voldemort. As mais decisivas delas são extraídas da memória de Horácio Slughorn, que o teve entre seus pupilos na época em que ele ainda se chamava Tom Riddle e tinha um rosto angelical. O garoto, que virá se transformar no líder do mal, é interpretado por Hero Fiennes-Tiffin e Frank Dillane, em diferentes idades. Tiffin vem a ser sobrinho de Ralph Fiennes, o intérprete de Voldemort na série. Dois outros personagens têm força determinante na evolução dos acontecimentos do filme: o professor Severo Snape (Alan Rickman) e Draco Malfoy (Tom Felton). Este último, que desde o primeiro ano de Harry em Hogwarts assumiu o papel de seu rival, finalmente chega às vias de fato com o herói-bruxo.

Dumbledore (Michael Gambon): passando a liderança para o discípulo Harry, enfim

"Era natural que um dia isso acontecesse, já que a tensão entre os dois era visível desde o início", observa Felton, que disse ter se divertido com a chance de "poder dar umas porradas em Harry". Até então, as provocações de Draco eram intermediadas por seus capangas e defendidas, nos escalões mais altos, por seu pai, o poderoso Lucius Malfoy (Jason Isaacs), derrotado na batalha do Departamento dos Mistérios em *A Ordem da Fênix*. Neste episódio, Draco adquire uma postura mais sóbria, dispensa a proteção de valentões e se prepara para





A turma à mesa e, abaixo, Ginny (Bonnie Wright): namoros na ordem do dia

O AMOR ESTÁ NO AR

Apesar das ameaças rondando a escola de magia, os personagens acham tempo para viver as paixões típicas da adolescência

Os Comensais da Morte rondam os alunos da Escola de Magia e Bruxarias de Hogwarts e a liderança dos magos do bem está por um fio, mas os aprendizes de bruxo inspirados na série de livros que já venderam mais de 40 milhões de exemplares no mundo inteiro ainda encontram tempo para romance em *O Enigma do Príncipe*. Se a expectativa do primeiro beijo de Harry foi a grande sensação de *A Ordem da Fênix* (2007), a formação de novos pares românticos – ou a revelação de paixões secretas – atinge nível cômico no novo capítulo da saga.

Poções do amor e da sorte, introduzidas pelo professor Horácio Slughorn (Jim Broadbent) nesta nova aventura, surgem como aditivos cômicos ao subtexto romântico da trama.

Enquanto o pau come solto entre Harry, Draco, Dumbledore e os Comensais, Ginny Weasley (Bonnie Wright), a irmã mais nova de Ron, confessa seu amor pelo melhor amigo de seu irmão. Este descobre-se no meio de um triângulo amoroso cujos vértices são a atirada Lilá Brown (Jassie Cave) e a cerebral Hermione Granger (Emma Watson), com ligeira vantagem para a primeira. "Foi muito divertido perceber que este seria o filme mais próximo de uma comédia romântica que iríamos fazer", reconheceu Emma. "Tivemos a chance de nos concentrarmos em temas mais leves da saga, que é bastante obscura e pesada".

É até esperado que personagens que cresceram juntos nos últimos nove anos assumam a natureza dos sentimentos surgidos entre eles. Antes tratados como artifício de marketing, os beijos agora se multiplicam. "Era apenas o nosso segundo filme juntos, o set estava cheio de gente... então, meu primeiro beijo em Jassie foi meio embaraçoso, devo confessar", conta Rupert Grint. "Mas também foi uma situação fiel à realidade daquele grupo de adolescentes", analisa Jassie, sentada ao lado do ator. "Naquela idade, eu me interessava muito por garotos, desenvolvi paixões por vários deles. Lilá pode parecer uma caricatura para alguns, mas ela está muito próxima de uma adolescente real; ela apenas tem um coração enorme", defende.

Harry vai aos poucos cedendo às investidas, antes tímidas, de Ginny, enquanto Lilá deixa as (poucas) inibições de lado e vai à luta por seu amado, deixando Hermione fulminada de ciúme, a ponto de confessar sua antiga atração pelo melhor amigo de Harry.

"O que torna tudo mais divertido é que nós somos um ou dois anos mais velhos do que nossos personagens", explicou Emma. "Algumas vezes eu me via voltando no tempo com Hermione, porque ela é tão inocente e ingênua... Ela está muito vulnerável".

assumir o destino que lhe é reservado dentro dos planos de tomada de poder de Voldemort. "Aqui, Draco mostra pela primeira vez seus pensamentos e sentimentos mais profundos em relação a todos aqueles que o cercam", conta Felton. Tempos atrás, os fãs dos livros de Rowling chegaram a eleger *O Prisioneiro de Azkaban* como o mais negro e nebuloso da saga, mas é em *O Enigma* que as coisas ficam realmente pretas para os lados dos pequenos magos. "Em relação ao tom sombrio da história, só estávamos seguindo a linha mestra deixada pela autora em seus livros. Os personagens estão mais mais maduros, complexos e intensos", observa o diretor Yates. "Acho que os espectadores mais jovens da série têm reagido bem a essa evolução. Semanas atrás fizemos uma sessão-teste com o filme e as crianças mais novas responderam muito bem à maturidade da história".

David Yates, o diretor do novo filme: também no comando dos dois últimos capítulos

Originalmente apontado para chegar aos cinemas em novembro do ano passado, a estreia de *O Enigma* foi adiada para este mês, mirando nas férias de verão do Hemisfério Norte. A mudança de datas despertou reações iradas de parte dos fãs, que especularam sobre problemas que teriam empacado o cronograma da produção. Mas os realizadores garantem que a mexida no calendário em nada teve a ver com problemas com a versão que tinham em mãos na época. "O filme ficou praticamente um ano em nossas mãos pronto. Não fizemos nenhuma alteração significativa", delimita Yates. "David (Yates) até que ficou tentado a fazer alterações nele, porque é de sua natureza fazer o melhor possível", completa Heyman. "Mas já estávamos tão envolvidos com a produção de *As Relíquias da Morte* que nem tivemos tempo. Nossas cabeças estavam no sétimo filme". E apostamos que as dos fãs da saga também.

Hoje, Radcliffe, Emma e Grint são os jovens atores mais ricos do planeta. Fama e fortuna à parte, juram que sentirão falta da Escola de Magia e Bruxaria de Hogwarts.

"Estou muito triste com a ideia de deixar Harry. Foi um período fantástico, mas estou animado com a perspectiva do que está por vir", afirma o miúdo Radcliffe, dono de uma fortuna estimada em US$ 45 milhões. "Todos nós sentiremos saudades, mas não podemos subestimar a longevidade dos livros e dos filmes. As novas gerações continuarão lendo os livros e, espero, vendo os filmes", considera Emma, hoje cerca de US$ 30 milhões mais rica, e contratada há pouco como garota-propaganda da grife Burberry. "Guardarei grandes recordações. Foi um período muito excitante da minha vida. Perdi muitas aulas, mas, como nunca fui de curtir muito os estudos, foi até legal", confessa o sincero Rupert, 20, intérprete do sempre fiel amigo Ronny Weasley, detentor de fundos que totalizam US$ 15 milhões. Ou seja: a maturidade pode ter seu preço, mas eles podem pagar.

NÓS VIMOS

Ataque súbito de tédio

Se você ignorou os outros filmes, pode dispensar este também

Quando uma série de filmes chega à sexta (!) parte, é impossível conter o ímpeto investigativo e fazer algumas inferências. A primeira e mais importante delas é que uma série desse tamanho chega longe (12 anos) porque dá lucro. Vende ingresso, livro, videogame. Enche o bolso de muita gente, a começar pelo da inglesa J.K. Rowling, criadora do personagem, autora dos, até aqui, sete livros. E não é à toa que o bolso de Ms. Rowling está estufado. Tendo o controle absoluto sobre o que vai da página do roteiro para a tela, a autora não desiste: pretende dividir seu sétimo livro em duas partes que eventualmente virarão filmes a serem lançados nos próximos dois anos. A pergunta é inevitável: será que Harry virá agora de cabelos compridos e diálogos redigidos pelo roteirista de *Ligeiramente Grávidos*? Haja feitiço. Quanto ao novo filme, nada a dizer além de que, se os outros cinco filmes (ou os seis livros) já lançados passaram incólumes pelo espectador, a possibilidade de um ataque súbito de tédio profundo durante a sessão é quase certa. Potter agora é um adolescente com cara de sonso e surtos momentâneos de heroísmo, lidando com as mudanças do corpo e da mente como nenhum adolescente pode fazê-lo: num passe de mágica. As garotas suspiram (algumas choram), os inimigos rosnam e alguém, na última fila de uma sala de cinema, roncará alto. **(Filipe Quintans)**

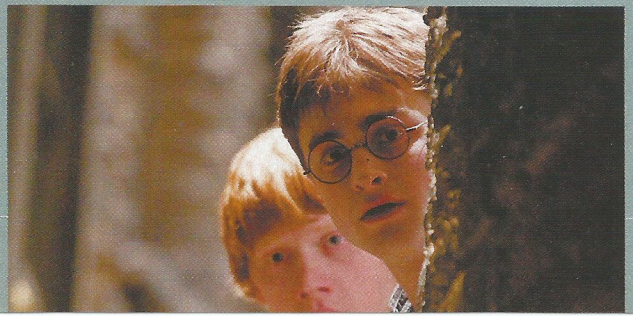
NOTA: 4

Falta ação no roteiro

Momentos fundamentais da história foram omitidos

Assim como foi com os sete livros, cada filme da franquia Harry Potter deixa, ao fim, aquela sensação de "Como? Já acabou?". É impossível pensar nos longas como obras independentes; seria ingênuo exigir que o estúdio desse tal tratamento à magnífica saga que tem nas mãos. Não é para ficar comparando com os livros, mas, neste sexto filme, o roteirista Steve Kloves peca ao suprimir momentos fundamentais da história, como a batalha no Castelo de Hogwarts, para dar mais espaço aos romances entre os jovens, que pipocam sem parar. Finalmente os garotos deixam de ser seres assexuados e flertam o tempo todo. É de fazer corar quem os viu crescer. Além disso, Kloves, como sempre, conta demais com o conhecimento prévio do espectador – deixando em segundo plano o mistério em torno do enigma que dá título à trama. Se falta ação no roteiro, o diretor David Yates soube usar muito bem momentos em que ela é forte, como os ataques a Londres. Falando nisso, o humor dos personagens está cada vez mais londrino. A maturidade de interpretação, entretanto, é mais percebida em Tom Felton (Draco Malfoy) do que em qualquer outro ator. Bonnie Wright (Ginny Weasley) acerta na dose de sedução de seu personagem e Alan Rickman (Snape) consegue driblar diálogos limitantes e dá mais um show. Tudo fica meio em suspenso, mas não poderia ser diferente – já que o fim está por vir. **(Monique Cardoso)**

NOTA: 7,5



E VOCÊ? VAI PASSAR DE ANO?

Todo mundo sabe quem morre no filme. Mas será que dá para sacar detalhes da trama, corriqueiros ou pontos de virada? Teste seus conhecimentos sobre a aventura da vez da milionária franquia que mobiliza milhões de fãs

1 QUEM ASSUME O CARGO DE MINISTRO DA MAGIA APÓS A RENÚNCIA DE CORNÉLIO FUDGE?
a. Rufo Scrimgeor
b. Kingsley Shacklebolt
c. Alvo Dumbledore
d. Lucius Malfoy

2 O QUE ACONTECE COM DRACO MALFOY LOGO NO COMEÇO DA HISTÓRIA?
a. Torna-se torna um Comensal da Morte
b. Faz um voto perpétuo
c. Mata um professor
d. Entra para a Ordem da Fênix

3 COM QUEM SNAPE FEZ UM VOTO PERPÉTUO?
a. Draco Malfoy
b. Alvo Dumbledore
c. Voldermort
d. Narcisa Malfoy

4 QUAL FOI A NOTA QUE HARRY POTTER RECEBE NO NOMS EM DEFESA CONTRA AS ARTES DAS TREVAS?
a. Ótimo
b. Excede expectativas
c. Aceitável
d. Excelente

5 QUANDO SNAPE ASSUME AS AULAS DE DEFESA CONTRA AS ARTES DAS TREVAS, QUEM ASSUME A PASTA DE POÇÕES?
a. Rufus Scrimgeour
b. Dulce Griffiths
c. Horácio Slughorn
d. Minerva MacGonagal

6 POR QUE APENAS COM O FOGO É POSSÍVEL ESPANTAR OS INFERI?
a. Porque eles derretem com o calor
b. Porque os inferis são zumbis de pessoas que morreram queimadas
c. Porque o fogo representa o oposto da escuridão e do frio
d. Porque a luz e o calor do fogo simbolizam a boa magia

7 O QUE ROMILDA VANE FAZ PARA NAMORAR HARRY?
a. Lança a maldição Imperius
b. Põe poções do amor em um bombom
c. Toma poção a felix felicis
d. Transfigura-se em Ginny Wesley

8 POR QUAIS HORCRUXES ELES NÃO PRECISAM MAIS PROCURAR?
a. Diário e anel
b. Medalhão e anel
c. Medalhão e taça
d. Medalhão e espada

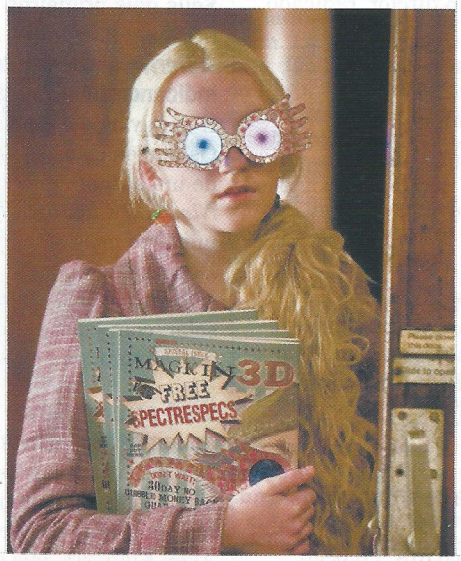
9 QUANDO OS COMENSAIS DA MORTE TOMAM HOGWARTS, ONDE FICA A MARCA NEGRA?
a. Na Torre Oeste
b. Na Torre de Astronomia
c. Na Torre da Grifinória
d. No céu encantado do salão principal

10 COMO HARRY USA O FEITIÇO *SECTUMSEMPRA*?
a. Na batalha na Torre de Astronomia, para se defender de Snape
b. No banheiro dos monitores, durante uma briga com Malfoy
c. No banheiro feminino do segundo andar, contra Snape
d. No banheiro feminino do segundo andar, durante uma discussão com Draco Malfoy

11 COMO O LIVRO DO PRÍNCIPE MESTIÇO CAI NAS MÃOS DE HARRY?
a. Ele pega na estante da aula de poções
b. Hermione pega na seção reservada da biblioteca e dá a ele
c. Slughorn dá a ele
d. Ronny pega na seção reservada e dá a ele

12 QUEM É HEPZIBÁ SMITH?
a. A dona da taça e do medalhão roubados
b. A chefe do departamento de mistérios
c. A elfo doméstico de Tom Riddle
d. Bibliotecária de Hogwarts

13 ONDE MADAME ROSMERTA TRABALHA?
a. Três Vassouras
b. Caldeirão Furado
c. Cabeça de Javali
d. Gemialidades Weasley



14 O QUE DUMBLEDORE FAZ PARA INTIMIDAR TOM RIDLE NO ORFANATO?
a. Leva-o à caverna
b. Queima o guarda-roupa
c. Transfigura-o num rato
d. Põe Ridle para olhar memórias ruins na penseira

15 POR QUE DUMBLEDORE NÃO COMPROU O MATERIAL ESCOLAR COM TOM RIDLE?
a. Porque o professor não queria ficar perto dele, sabia que era maligno
b. Porque ele já tinha 11 anos e não precisava de acompanhante
c. Porque ele quis ir sozinho
d. Porque preferiu ir com Severo Snape

16 POR QUE HARRY TERMINA COM GINNY, MESMO GOSTANDO DELA?
a. Porque o namoro não agrada a Rony
b. Porque ele não voltaria à escola no ano seguinte
c. Porque reata seu namoro com Cho Chang que o ajuda
d. Pelos perigos da batalha final

17 OS GÊMEOS WEASLEY ABREM UMA LOJA...
a. ...Pois não aguentavam mais a escola e queriam ter negócio
b. ...Para ajudar a família, já que são pobres
c. ...Porque foram expulsos da escola
d. ...Porque terminaram a escola

18 QUEM É A MENINA ESPERTA QUE FICA COM MAIS GAROTOS NO SEXTO ANO?
a. Cho Chang
b. Lilá Brown
c. Romilda Vane
d. Ginny Weasley

19 QUEM VENCE O CAMPEONATO DE QUADRIBOL NO SEXTO ANO?
a. Sonserina
b. Grifinória
c. Corvinal
d. Empate entre Grifinória e Sonserina

20 COMO MALFOY CONSEGUE TRANSPORTAR OS COMENSAIS PARA DENTRO DO CASTELO?
a. Voldemort quebra o encantamento enquanto Dumbledore está na caverna
b. Por uma lareira na sala comunal da Sonserina
c. Pelo armário sumidouro da Borgin & Burkes
d. Entram disfarçados de alunos da Sonserina

RESPOSTAS: 1: a), 2: b), 3: d), 4: a), 5: c), 6: c), 7: b), 8: a), 9: b), 10: c), 11: c), 12: a), 13: a), 14: b), 15: c), 16: d), 17: a), 18: d), 19: b), 20: c). Se você conseguiu... *Entre 0 e 5 acertos*: "Harry Potter? É aquele de óculos, né?" *Entre 6 e 10 acertos*: "Confesso que del umas cochiladas no terceiro episódio." *Entre 11 e 15 acertos*: "Estou no título de quadribol da minha escola... mas na reserva." *Entre 16 e 20 acertos*: "Olá, eu me chamo J.K. Rowling, tudo bem?"

À DERIVA COM DHALIA

DEPOIS DOS SOMBRIOS *NINA* E *O CHEIRO DO RALO*, O CINEASTA NAVEGA COM SUA CÂMERA NAS ÁGUAS DE BÚZIOS E PLANEJA FILMAR LONGA INSPIRADO EM SERRA PELADA

Rachel Almeida

O pernambucano Heitor Dhalia está mais para Stanley Kubrick do que para Pedro Almodóvar; menos para Jean-Luc Godard do que para Akira Kurosawa. Ele mesmo desenrola as comparações, sem julgamentos de valor: seu cinema autoral não tem apenas uma marca forte, um único estilo, mas vários. O que o motiva é a diversidade e não a perseguição ao mesmo tema. Depois de filmar os obscuros *Nina* (2004) e *O Cheiro do Ralo* (2006) – que formaram, nas palavras do diretor, um binômio sobre um universo sombrio – apresenta o drama intimista e familiar *À Deriva*, que estreia em 31 de julho, depois de passar (aplaudido) pela mostra Um Certo Olhar, no último Festival de Cannes. Escrito e dirigido pelo diretor, radicado em São Paulo, o longa é uma coprodução internacional entre a produtora O2 Filmes (responsável por hits como *Cidade de Deus*) e a Focus Features. Apresenta a estreante Laura Neiva como Filipa, adolescente de 14 anos que, em Búzios, lida com sua sexualidade e a separação dos pais. No elenco, também estão o francês Vincent Cassel e Deborah Bloch. "Fiz um filme mais solar. Quis ir a outros lugares. Não vou ficar me repetindo", diz o cineasta. Dhalia está no traçado para se tornar um novo Fernando Meirelles. O cineasta, ao lado de quatro sócios, abriu um braço da produtora francesa Celluloid Dreams, em São Paulo. Vai começar a usina de produções pelo almejado *Serra Pelada*.

"Acredito que cineastas possam se reinventar e continuar com uma marca forte"

À deriva foi aplaudido em Cannes. Qual a real importância para a carreira do filme?
Olha, foi extremamente importante por dois motivos. Primeiro, porque o festival é praticamente a maior plataforma de lançamento de filmes, e com a característica de exibir filmes de autor. E, em termos de cobertura da imprensa na área, só perde para o Oscar. Tem jornalista de todo canto, o que é ótimo em termos de visibilidade. Anualmente, acredito, mais de 2 mil filmes se inscrevem no festival e cerca de 50 são escolhidos. O segundo motivo é mercadológico. O filme já foi vendido para países do mundo inteiro.

O que sentiu durante essa primeira exibição internacional?
No começo, claro, fiquei muito tenso. Já havia feito algumas exibições aqui no Brasil e percebi que agradava. As pessoas se emocionavam, choravam... Saquei que ia bem. Mas na hora... Fiquei tenso demais. No fim, quando vieram os aplausos, posso dizer que fiquei mais aliviado do que feliz.

Seus dois primeiros filmes, _Nina_ e _O Cheiro do Ralo_, retratam universo e personagens mais obscuros. _À Deriva_ gira em torno de um núcleo familiar tradicional, indicando uma mudança de direção...
É um avanço e uma mudança de perspectiva, sem dúvida. Os personagens são menos obscuros e estão a serviço de um assunto que me interessava mais no momento. *Nina* e *O Cheiro do Ralo* formaram um binômio de um universo mais sombrio sobre o qual eu queria tratar. Depois, fiquei com vontade de ir a outros lugares. Não vou ficar me repetindo. Quis uma história mais solar, com mais delicadeza, em contraste com os outros que eram mais duros.

Você acredita numa necessidade de reciclagem de temas, de reinvenção?
Acredito que cineastas possam se reinventar e continuar com uma marca forte. Existem nomes como o Almodóvar, cujos filmes sempre dialogam entre si, e outros, como Stanley Kubrick ou Akira Kurosawa, que não fazem isso. Os cineastas podem ter fases, assim como Picasso teve a sua fase azul.

Marcos Hermes

HÁ UM PUNHADO DE PROJETOS QUE PÕE O CINEASTA NO OLHO DO FURACÃO DE HOLLYWOOD. UM DELES, *A GIRL AND A GUN*, UM FILME NOIR QUE VAI SER RODADO EM LONDRES E NA ARGENTINA

Como foi o processo de criação de *À Deriva*? Você usou elementos autobiográficos no roteiro...
Primeiro, veio a ideia pura e simples: um conflito edipiano, em que a filha descobre que o pai tem uma amante, ao mesmo tempo em que descobre a própria sexualidade. Depois, comecei a pôr elementos da minha própria vida. Passei parte da infância numa praia perto do Recife, a de Pau Amarelo – por onde começou a invasão holandesa, no século 17. Comecei a lembrar da separação dos meus pais, dos momentos passados no balneário, e o texto foi sendo construído a partir do processo de memória, da sensação de nostalgia, do sentimento da infância perdida...

Desta vez, você filmou uma história criada por você desde o argumento. Sentiu diferenças?
Quando você escreve e dirige tem um domínio maior daquela história, apesar de o processo de autoria no cinema ser complexo. Parece que tudo flui mais naturalmente, você tem mais familiaridade com o seu objeto.

Divulgação

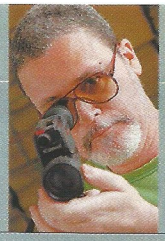
Nesse sentido, foi um trabalho mais fácil de dirigir?
Cinema é sempre difícil. Não importa a grana, nunca será fácil. São muitas variáveis para dar certo. Tenho uma amiga que diz o seguinte: "Mais difícil do que cinema só a NASA". Depois de passar por tantos obstáculos que quase tornam impossível a atividade você ainda tem que ser abençoado, receber uma graça divina, uma mágica aleatória, para fazer o filme "acontecer". Nunca há garantias.

Por que a escolha de Vincent Cassel para o papel do pai, Mathias, no lugar de um ator brasileiro?
Vincent Cassel contracena com a estreante Laura Neiva: descoberta pelo Orkut

Pensei, pensei, e não consegui chegar a nenhum ator para fazer aquele papel. Aí, um dia, por acaso, eu assisti a uma entrevista com Vincent num camarote no carnaval e me surpreendi. Pensei: "Ué, esse cara fala português?". Já era fã dele, por filmes como *Ódio* (Mathieu Kassovitz, 1995) e *Irreversível* (Gaspar Noé, 2002), e resolvi fazer o convite. Deu certo. Como Búzios, onde se passa a história, é um balneário internacional – as filmagens incluíram a casa de um americano e a de um argentino e a pousada de um francês – fazia sentido. Lá se reúnem mais de 30 nacionalidades. Sem contar a coincidência de a Deborah Bloch (cuja personagem, Clarice, é casada com Mathias) já ter sido casada com um francês (o chef Olivier Anquier).

E como chegaram à estreante Laura Neiva?
Quanto a Laura, foi uma sorte. Já tinha feito testes com mais de 600 atrizes e não tinha achado aquela ideal. Ela foi descoberta num perfil no Orkut, achamos que ela e Filipa tinham tudo a ver. Primeiro, ela recusou, mas depois foi convencida de que o negócio era sério. Ficamos bastante felizes com o resultado.

Você abriu há pouco um braço da produtora francesa Celluloid Dreams no Brasil (em parceria com os produtores Tatiana Quintella, Fernando Menocci e Patrick Siaretta e a proprietária da Celluloid Dreams, Hengaméh Panahi). O que há em sua cabeça?
Vamos investir em parcerias e coproduções e também em novos talentos para fazer com que seus filmes cheguem a outros países. O escritório é no Alto de Pinheiros e a ideia é fazer reuniões diárias. No momento, temos um projeto, *A Girl and a Gun*, um filme noir que deve ser rodado em Londres e na Argentina. O roteiro inicial é meu, porém trabalharam outros roteiristas: Octavio Scopelliti (argentino) e Brian Hirochi (americano), e agora Basile e Aymeric (um dupla de franceses). O filme foi para outro patamar depois que eles entraram no projeto. Mas o meu maior desejo é filmar *Serra Pelada*, que está em processo de captação. Trata-se de uma corrida moderna ao ouro a partir do garimpo no fim dos anos 70 em Serra Pelada, no Pará. Um filme *scorsesiano*, mas que vai ser passar na Floresta Amazônica. Temos ainda um longa do Esmir Filho e o primeiro filme da Vera Egito e do Luis Carone. Bastante coisa boa pela frente.



EDUARDO SOUZA LIMA

NÃO ENGANE OS FÃS DE QUADRINHOS

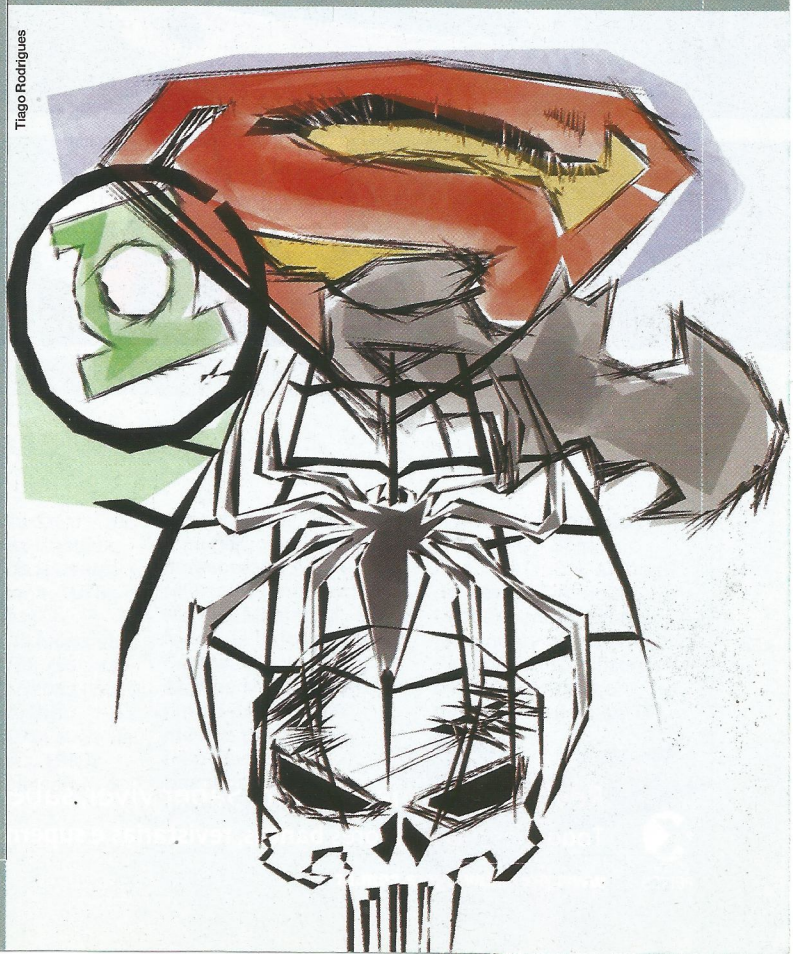
ELES QUEREM VER SEUS HERÓIS NA TELA EXATAMENTE COMO SÃO NO PAPEL

Não basta botar o ator para fazer biquinho e sussurar e gravar só cena noturna pra se fazer um bom filme de super-herói. Mas, como se sabe, ninguém entende menos de cinema do que executivo de Hollywood. No ano passado, dois filmes do gênero fizeram a festa nas bilheterias: *Homem de Ferro* e *Batman – O Cavaleiro das Trevas*. Haviam duas tendências ali, mas caras são muito pragmáticos: apostaram todas as fichas no que rendeu mais; pelo menos é o que dizem as notícias que vêm lá daquelas bandas. A ordem agora é vestir preto e fazer cara de atormentado. Já estão falando em zerar a franquia do Quarteto Fantástico – como fizeram com o Homem Morcego – para produzir uma nova série mais soturna, "adulta". E olha que eles têm os fracassos do *Spirit* do Frank Miller, do novo Super-Homem e de *Watchmen* como bons exemplos.

Fãs mais radicais de quadrinhos em geral não estão nem aí para filme bom, é verdade: eles querem é ver seus heróis na tela iguaizinhos aos do papel. Podem entender de cinema tanto quanto os executivos de Hollywood, mas, ora bolas, eles são o público principal deste tipo de produção. A galera não vai engolir um filme do Homem-Aranha casmurro e introspectivo; cada personagem tem suas características próprias, que os fãs querem ver respeitadas. Recentemente fizeram um filme do *Justiceiro* que o sujeito, um esquadrão da morte de um homem só, parecia a Madre Teresa de Calcutá. No Brasil, nem foi lançado nos cinemas. É claro que esse desencontro de ideias já foi bem maior. Nos anos 80, conseguiram matar a galinha dos ovos de ouro por causa dele. Quadrinhos faturavam bem mais naquela época, nomes como Chris Claremont, Frank Miller e Alan Moore tinham status de astros pop – os gibis dos X-Men, por exemplo, vendiam milhões de exemplares. Eram aventuras mais violentas e mais calcadas na realidade, a galera não estava a fim de gracinha. Aproveitando-se do sucesso de *O Cavaleiro das Trevas*, série de Miller sobre o Batman, meteram-se de levar o herói para as telas. E meteram os pés pelas mãos. Primeiro, entregaram a série nas mãos de um autor, com uma visão estética e de mundo muito, mas muito especial mesmo: Tim Burton. Os dois filmes que ele fez não são ruins e nem foram mal de bilheteria, mas o Batman dali era o dele, não o que queriam os fãs. Depois, trataram de enterrar a penosa dourada de vez, entregando a franquia herói para o carnavalesco Joel Schumacher. O diretor de Hollywood ainda tinha o Batman do seriado cômico como referência, algo imperdoável para quem gostava deste tipo de quadrinhos na época. Santa ironia: uma máquina de produzir sonhos que não perguntou ao cliente que tipo de sonho ele queria ter. É claro que a causa maior de tamanhos equívocos foi a arrogância; mas pelo menos a galera tinha a desculpa de que naquela época ainda não havia a internet. Já no caso de Bryan Singer...

Com os dois primeiros *X-Men*, bem recebidos pela crítica e pelo público, Singer achou que podia fazer o que bem entendesse com o Super-Homem e se estrepou de azul e vermelho. Seu *Superman returns* foi um fiasco anunciado. As reações negativas na rede começaram logo de cara, quando apareceu a primeira foto de Brandon Routh com o uniforme do herói: os fãs não gostaram muito daquela azul escuro, desconfiaram que vinha descaracterização pela frente. E não deu outra: o pecado mortal foi inventar um filho para o Homem de Aço. Desagradou aos fãs.

O segredo do sucesso de *Batman – O Cavaleiro das Trevas* e de *Homem-de-Ferro* é o mesmo dos dois primeiros *Homem-Aranha* e de *Hellboy*: bons antagonistas, personagens bem caracterizados e atores identificados com eles. Um sujeito com cara de psicopata, Christian Bale, para o primeiro; um pinguço de prontuário, Robert Downey Jr., para o segundo; um nerd, Tobey Maguirre, para o terceiro; e um feioso com pinta de cínico, Ron Perlman, para o terceiro. Mas são filmes completamente diferentes entre si. Um Homem-de-Ferro sisudo é ainda pior do que um Batman palhaço. Bom, mas já pensaram no Schwarzenegger como Peter Parker.

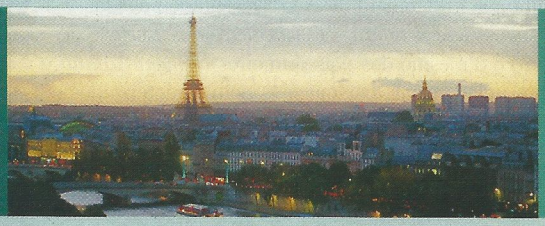


Tiago Rodrigues

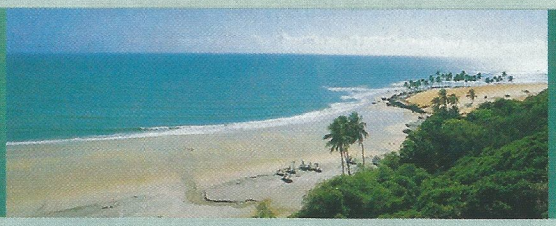
JVENTURA

Check list de viagem.

Para Bali, leve protetor solar.



Para Paris, leve seu amor.



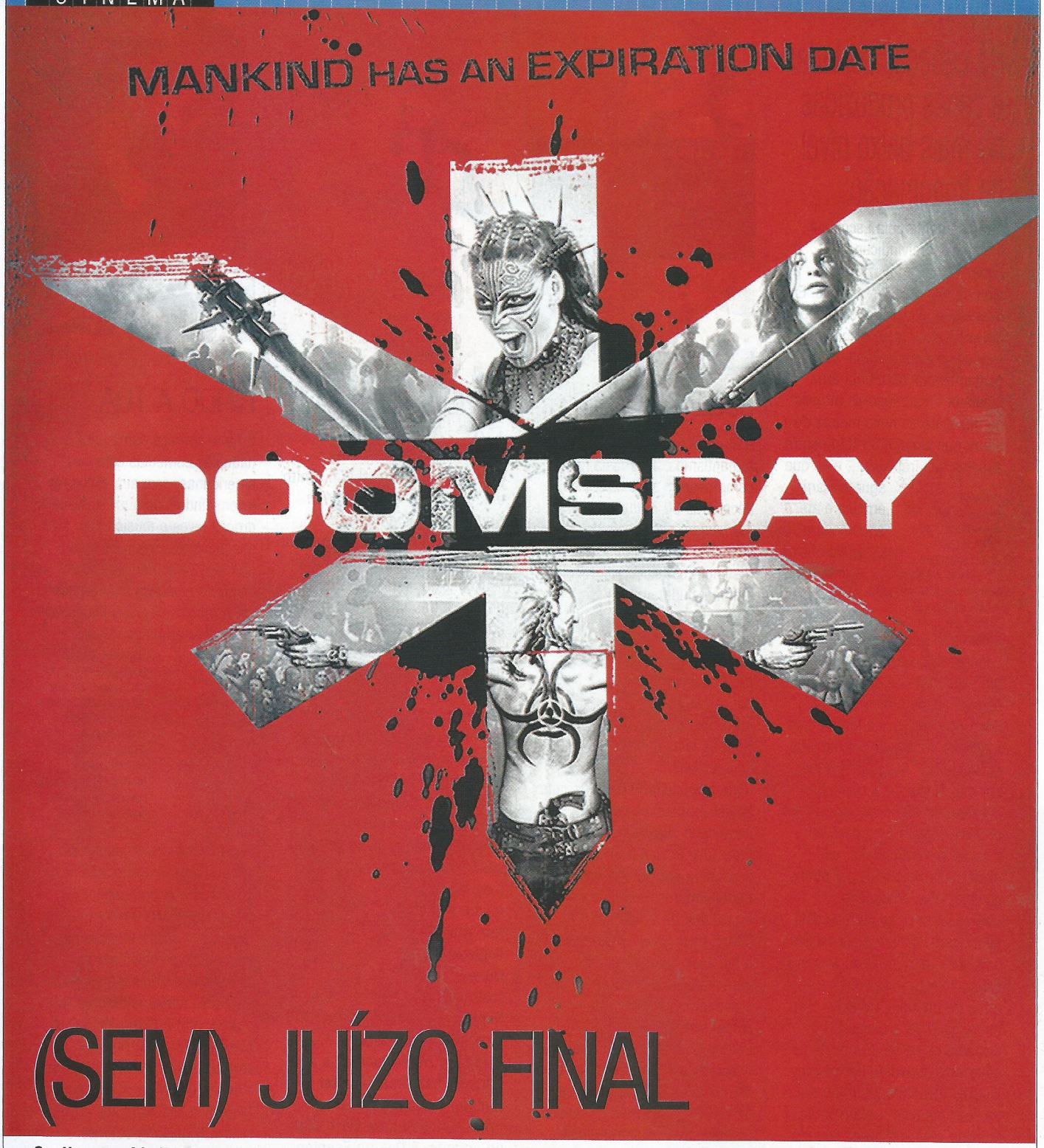
Para o Ceará, leve um sorriso e muita preguiça.

Para Orlando, leve disposição para se divertir.

Para todos os lugares, leve **Próxima Viagem.**

Revista **Próxima Viagem**. Saber viver, saber viajar.
Todo mês nas melhores **bancas, revistarias e supermercados.**
www.proximaviagem.com.br

EDITORA PEIXES



(SEM) JUÍZO FINAL

O diretor Neil Marshall desenlaça um festival de clichês numa aventura sci-fi de quinta

O diretor inglês Neil Marshall, 39 anos, comete um atentado, ou melhor, um atestado de como torrar milhões de dólares numa história desprovida de inventividade capaz de sustentar olhares crédulos e excitados frente à tela. Problemas de continuidade no roteiro, atuações sem brilho, quando não pífias; e toda uma forçosa freneticidade adornam um enredo burocrático, despreocupado em estabelecer sequências minimamente lógicas. E é isso que o diretor põe à baila em *Juízo Final* (*Doomsday*, 2008). Título mais auto-explicativo não poderia ter sido emprestado a essa cartada trágica do cineasta que, em 2005, lançou o claustrofóbico *Abismo do Medo*. É como se Marshall, entre o mérito e o descrédito no mercado, decidisse cortar os próprios pulsos com os machados usados no longa. Apesar de esteticamente bem talhado, em competente direção de fotografia, a fita embala um amálgama tosco de clichês, onde suspense, horror e ação expelem um sci-fi pós-apocalíptico violento e nonsense. Na trama, um vírus mortal, Reaper, espalha-se incontrolável

Há cabeças cortadas e cenas produzidas no mais baixo nível de imaginação

e rapidamente pela Escócia e Inglaterra, "reivindicando" – como sussurra a voz em off – a vida de milhares de pessoas. Em desespero, o governo britânico declara estado de calamidade e evacua, em quarentena, os contaminados para uma área afastada – cercando-os através de um muro de nove metros de altura que cinge o território entre aqueles que irão viver... e os que aguardariam, em vão e até apodrecer, a ajuda oficial. Trinta anos adiante, em 2035, a ameaça irrompe no centro de Londres. É quando entra em ação um esquadrão de elite, liderado pela equipada e bem fornida Eden Sinclair (Rhona Mitra), com a missão de invadir o outro lado da fronteira – vigiada 24 horas por dia. Sinclair e sua equipe dispõem de 48 horas para buscar sobreviventes e uma possível cura para a doença. Lá, os oficiais são recebidos por punks canibais que, entocados, arremessam bolas de fogo em pedras e lanças, erguem ao alto porretes e partem para cima em bloco, arregaçando gogós em urros lancinantes. Fuzis, metralhadoras, pistolas e dispositivos de tecnologia de ponta não impedem baixas na investida londrina, que tem um de seus homens servido como refeição carbonizada ao séquito de bárbaros. Ainda na "terra do nunca" idealizada por Marshall, eles perseguem um médico, possível detentor da cura para a epidemia, que se isola num forte medieval: palco derradeiro de um coquetel de aventuras banhadas a sangue e cenas resolvidas no mais baixo nível de criatividade.

DOOMSDAY, INGLATERRA, 2008. DE NEIL MARSHALL. COM RHONA MITRA, MALCOLM MCDOWELL, BOB HOSKINS. 105 MIN. WWW.DOOMSDAYISCOMING.COM. FICÇÃO CIENTÍFICA.

(Luiz Felipe Reis)

NOTA: 3

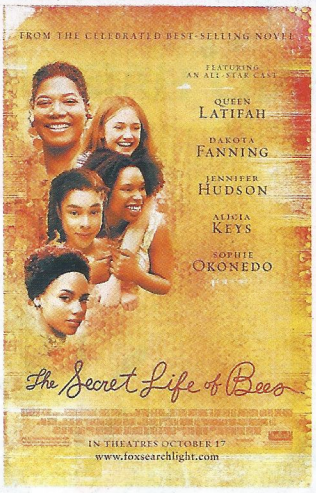
JULIE & JULIA

A diretora Nora Ephron adora o romantismo e a fantasia, como comprovaram seus sucessos da década de 90 *Sintonia de Amor* e *Mensagem para Você*. Na década seguinte, tentou repetir a magia, mas nem os feitiços de Nicole Kidman ajudaram a decepcionante adaptação da série de TV *A Feiticeira*. Um pouco mais inspirada, Nora volta às telas com *Julie & Julia*, uma história (real) de tanto entusiasmo pelo sonho americano que chega a ser difícil crer. Julie Powell (Amy Adams), desiludida aos 30 anos com um trabalho burocrático, redescobre a culinária de Julia Child (Meryl Streep). Entre os anos 40 e 50, essa dona-de-casa americana se mudou para Paris, aprendeu a cozinhar na respeitada escola Le Cordon Bleu e mais tarde ensinou tudo em livro e na TV. Transformou, assim, os hábitos de seu país. Inclusive da família de Julie, que em 2002 decidiu testar as mais de 500 receitas de Julia e contar a empreitada num blog. Eis a base do filme, levado em tramas paralelas e com um quê de auto-ajuda. Mas tudo num registro espirituoso graças, em grande parte, à atuação deliciosa de Meryl Streep.

JULIE & JULIA, EUA, 2009. DE NORA EPHRON. COM AMY ADAMS, MERYL STREEP, STANLEY TUCCI, CHRIS MESSINA. DURAÇÃO NÃO INFORMADA. WWW.JULIEANDJULIA.COM. SONY. DRAMA.

(Orlando Margarido)

NOTA: 7



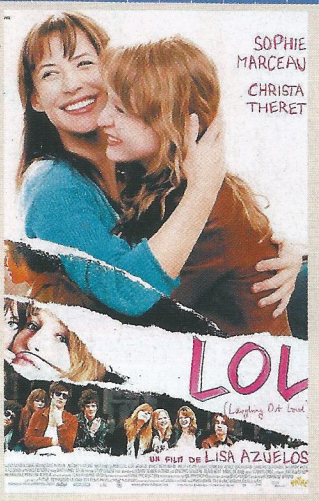
A VIDA SECRETA DAS ABELHAS

Produzido pelo casal Will Smith e Jada Pinket-Smith, *A Vida Secreta das Abelhas* é daqueles filmes que têm tudo a ver com a era Barack Obama. O drama faz a defesa dos negros e das mulheres ao contar a história de Lily, uma garota de 14 anos na Carolina do Sul que matou acidentalmente a mãe quando era menor. Maltratada pelo pai, ela foge com sua única amiga, Rosaleen, e encontra refúgio na casa das irmãs negras Boatwright, produtoras de mel. O roteiro cheio de boas intenções não reserva grandes cenas ou surpresas ao espectador, mas o elenco tem atuações seguras de Queen Latifah, Sophie Okonedo (vista em *Hotel Ruanda*) e as também cantoras Jennifer Hudson e Alicia Keys. O grande motivo para ver o filme, no entanto, é Dakota Fanning, a atriz mirim de *O Amigo Oculto* e *Guerra dos Mundos*, que não perde uma cena no papel da problemática Lily. Ela talvez seja a maior promessa de Hollywood para os próximos anos.

THE SECRET LIFE OF BEES, EUA, 2008. DE GINA PRINCE-BYTHEWOOD. COM DAKOTA FANNING, QUEEN LATIFAH, JENNIFER HUDSON, ALICIA KEYS. 114 MIN. WWW.FOXSEARCHLIGHT.COM/THESECRETLIFEOFBEES/. FOX. DRAMA.

(Thiago Stivaletti)

NOTA: 5



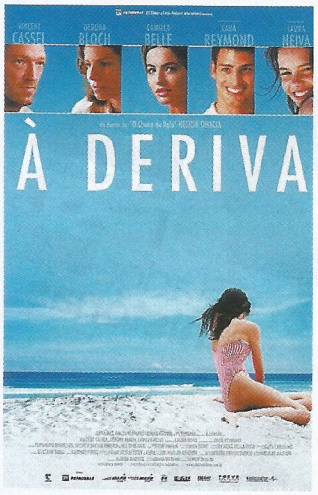
RINDO À TOA

O filme começa como uma daquelas comédias colegiais americanas, com sua escola de jovens lindos, confusões sexuais, drogas leves e música pop. Mas, aos poucos, a freqüência com que eles "discutem a relação" vai situando o público num legítimo filme francês. É um caleidoscópio de relacionamentos velozes e inseguros, cheios de fragilidade e exibicionismo, movidos a mensagens pela internet. Mas o confronto dessas patricinhas, punks de butique e seus pais acaba revelando a preocupação pós-feminista da diretora, roteirista e atriz Lisa Azuelos, numa certa trilogia com as obsessões sexuais e afetivas de seus dois filmes anteriores, *Viver e Amar* (95) e *Como Você Está Linda* (2006). A dupla que conduz a ação, mãe (Sophie Marceau) e filha (Christa Theret, a Lol do título original), está excelente. A trilha inclui Stones, Blur, Keane, Supergrass e boas canções originais. A esperteza pop da diretora talvez se explique um pouco por ela ser filha de Marie Laforêt – a atriz e cantora que introduziu Bob Dylan na França nos anos 60.

LOL (LAUGHING OUT LOUD) ®, FRANÇA., 2008. DE LISA AZUELOS. COM SOPHIE MARCEAU, CHRISTA THERET, ALEXANDRE ASTIER, MARION CHABASSOL. 103 MIN. HTTP://SPECIALS.DIVERTISSEMENTS.FR.MSN.COM/CINEMA/LOL.ASPX. CALIFÓRNIA. COMÉDIA.

(Alex Antunes)

NOTA: 7,5



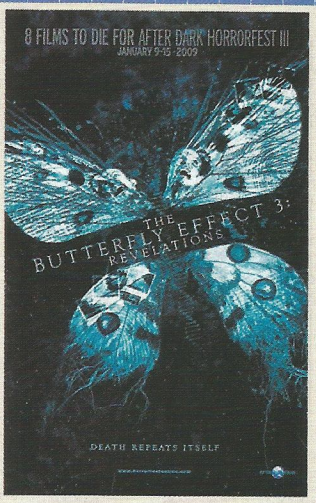
À DERIVA

Quem não teve na tenra juventude aquele verão inesquecível de praia, dúvidas e descobertas? O diretor Heitor Dhalia faz desta recorrência uma das premissas de seu terceiro longa, focado em uma família em férias no balneário de Búzios. As lembranças e semelhanças com esse quadro idílico, no entanto, cessam no momento em que tem início uma experiência dolorosa para a adolescente Filipa (a estreante Laura Neiva). Filha mais velha, ela flagra o pai nos braços de uma amante. Enquanto assiste à dissolução do lar, vive suas próprias revelações no amor e no sexo.

BRA, 2009. DE HEITOR DHALIA. COM LAURA NEIVA, VINCENT CASSEL, CAMILLA BELLE, DEBORA BLOCH, CAIÁ REYMOND. 97 MIN. UNIVERSAL.

O diretor de *Nina* e *O Cheiro do Ralo* reconhece o filme como seu trabalho mais maduro e ambicioso até agora. A feição internacional da fita também pode ser vista no elenco, com o francês Vincent Cassel no papel do pai (e falando um razoável português) e a americana Camilla Belle como a amante. A boa acolhida em Cannes talvez ateste a vocação do filme em se comunicar bem com o público, que certamente encontrará pontos de contato com a história. Ou que, por isso mesmo, poderá achá-la pouco original. (**Orlando Margarido**)

NOTA: 6



EFEITO BORBOLETA 3

De um filme de suspense com uma premissa interessante, que obteve moderado sucesso em 2004, *Efeito Borboleta* degringolou numa série hoje confinada ao domínio do *direct-to-DVD*. O terceiro longa, que não chegou aos cinemas americanos, acabou sobrando para nós – e apresenta uma premissa completamente diferente do filme anterior (que já era bem diferente do primeiro...) As viagens no tempo e suas consequências continuam como tema central, mas agora o protagonista, o investigador Sam (Carmack) é um paranormal que pode se transportar para o passado... desde que respeite uma regra: não modificar sua própria história. Tentando decifrar o assassinato de sua namorada, ele acaba justamente quebrando a tal regra. E a bagunça começa. O elenco é totalmente desconhecido, mas se esforça; diretor obscuro, Seth Goldman faz o que pode com a trama, complicada demais. Ainda que o roteiro tente surpreender, aprontando ao menos uma reviravolta bizarra no final, a modéstia – artística e financeira – do projeto fica indisfarçável. (**Marco Antonio Barbosa**)

THE BUTTERFLY EFFECT 3: REVELATION, EUA, 2009. COM CHRIS CARMACK, SARAH NEUBAUER, SHAWNTAY DALON, MELISSA TRAVIS, KEVIN YON. 90 MIN. IMAGEM.

NOTA: 3

ANTICRISTO

Uma forte experiência ao longo de 109 minutos

O que faz um dos maiores cineastas do mundo, vencedor de uma Palma de Ouro no Festival de Cannes, quando entra em depressão? O diretor dinamarquês Lars Von Trier, conhecido pelo melodrama musical *Dançando no Escuro*, com a cantora Bjork, e o misto de cinema e teatro *Dogville*, com Nicole Kidman, volta com *Anticristo*, um filme concebido nesse período de crise. Tratado como "filme de terror" pelos produtores e distribuidores, o longa é na verdade o resultado de alguns sonhos que Von Trier teve, durante a depressão e muito tempo antes, na infância e adolescência.

Um casal que nunca é nomeado (Willem Dafoe e Charlotte Gainsbourg, prêmio de Melhor Atriz em Cannes) sofre com a morte acidental do filho pequeno e decide se isolar numa casa no meio de uma floresta para curar as feridas. Ela não dá sinais de melhora – ao contrário, seu estado mental vai se agravando, levando a história a um desfecho trágico. Von Trier consegue ir do sublime ao trash em pouco mais de uma hora e meia. Como o diretor tem um talento comprovado para a imagem, alguma coisa se salva – o prólogo em preto-e-branco, que mostra a morte do filho ao som de uma sinfonia de Händel, está entre as imagens mais lindas que o diretor já fez. Mas a falta de um roteiro consistente (assumida pelo próprio cineasta, que confessou ter escrito a história "com metade das suas capacidades intelectuais") leva *Anticristo* a cenas cheias de sangue e violência (inclusive genital) que passam vergonha até diante de *Sexta-Feira 13*. Se não chega a ser um bom filme, é pelo menos uma forte experiência. (**Thiago Stivaletti**)

ANTICHRIST, DINAMARCA/ALEMANHA/FRANÇA/SUÉCIA/ITÁLIA, 2009. DE LARS VON TRIER. COM CHARLOTTE GAINSBOURG, WILLEN DAFOE. 109 MIN. WWW.ANTICHRISTTHEMOVIE.COM. TERROR.

NOTA: 7

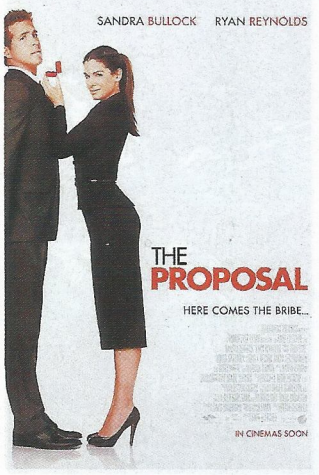
HALLOWEEN – O INÍCIO

O *reboot* da franquia começa bem e termina banal

É impossível comparar esta reinterpretação do serial killer Michael Myers com o mito original lançado por John Carpenter em 1978. Quer dizer, impossível, não; apenas não muito recomendável. Nesta produção de 2007, que chega aos cinemas brasileiros com muito atraso (a parte dois está marcada para estrear em outubro), não há o gênio narrativo direto e eficaz de Carpenter, e sim os devaneios psicológicos de Rob Zombie. O ex-líder da banda de heavy metal White Zombie, que reinventou sua carreira como diretor de filmes de terror, apresenta uma abordagem original para a história de Myers. Num prólogo centrado na infância do futuro matador (interpretado por Daeg Faerch), vemos as origens para seu comportamento assassino. Os suspeitos habituais são apontados (família desestrutrada, problemas mentais, isolamento), mas Zombie supera os clichês e consegue fazer do pequeno Myers um personagem até mesmo comovente: entendemos as razões de sua psicopatia e chegamos a criar uma certa identificação com o pirralho. A segunda parte, que mostra Myers 17 anos depois, saindo de um manicômio e pronto para voltar a matar mais uma vez, é bem menos interessante. Agora transformado num gigante mascarado (Tyler Mane), o assassino perde sua personalidade e limita-se, como esperado, a empilhar corpos e mais corpos. A partir daí, a narrativa comporta-se como o esperado em um *slasher movie* dos mais banais (ainda que filmado e iluminado com bastante competência). Um consolo: ainda é melhor que todas as sequências do filme original. (**Marco Antonio Barbosa**)

NOTA: 5

HALLOWEEN, EUA, 2007. DE ROB ZOMBIE. COM MALCOLM MCDOWELL, SCOUT TAYLOR-COMPTON, TYLER MANE, SHERI MOON ZOMBIE, WILLIAM FORSYTHE. 109 MIN. WWW.HALLOWEEN-THEMOVIE.COM. TERROR.



A PROPOSTA

Nada mais manjado: nos primeiros 10 minutos de filme, conhecemos dois personagens antagônicos. Até o minuto 15, cria-se um problema para que ambos sejam obrigados a ficar juntos e viver uma mentira para escapar da situação. Daí até o final acontecem as gags que os protagonistas serão obrigados a passar para sustentar a mentira. A cinco minutos do fim, caem as máscaras e os ex-brigões se apaixonam. *A Proposta* não é diferente, e prova novamente a capacidade do cinema americano de fazer várias vezes o mesmo filme. Sandra Bullock é uma cruel executiva, impiedosa com seus subordinados. Quem mais sofre com ela é Ryan Reynolds, seu secretário. Porém, a "bruxa" será obrigada a pedir o rapaz em casamento para que seu visto de imigrante seja renovado. Obviamente ambos se detestam. Ou não?
A diretora Anne Fletcher (muito mais atuante como atriz e coreógrafa) e o roteirista estreante Pete Chiarelli assinam esta comédia romântica convencional que diverte, entretém... e é esquecida no primeiro pedaço de pizza após a sessão. (**Celso Sabadin**).

NOTA: 7

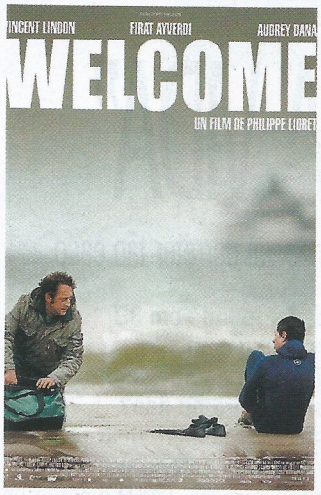
THE PROPOSAL, EUA, 2009. DE ANNE FLETCHER. COM SANDRA BULLOCK, RYAN REYNOLDS, MARY STEENBURGEN, CRAIG T. NELSON. 108 MIN. WWW.PROPOSALMOVIE.COM.AU. COMÉDIA.

O CONTADOR DE HISTÓRIAS

Luiz Villaça evita correr riscos em *O Contador...*, trabalho no qual reconstitui a trajetória de Roberto Carlos Ramos, que, após ser deixado, ainda criança, pela mãe, na Febem, ganha a chance de reescrever a própria história ao conhecer uma pedagoga francesa em visita a Belo Horizonte, no fim da década de 70. O filme fica preso aos limites de uma direção que não voa acima do convencional. Falta ao resultado a dimensão fantástica da imaginação do pequeno Roberto. O uso da narração em off, por mais justificada que seja em se tratando de um projeto "baseado em fatos", adquire função meramente explicativa em relação às imagens. Determinados efeitos de câmera também se revelam dispensáveis. Mas não seria justo negar a existência de méritos, a começar pela produção caprichada, que merece aplausos nos quesitos direção de arte (Valdy Lopes Jr.) e figurino (Cassio Brasil). E o elenco corresponde com brilho à proposta, tanto os meninos que interpretam Roberto como o trio formado por Maria de Medeiros, Malu Galli e Ju Colombo. (**Daniel Schenker**)

NOTA: 6

BRASIL, 2009. DE LUIZ VILAÇA. COM MARIA DE MEDEIROS, MALU GALLI, CHICO DIAZ, CLEITON SANTOS, JU COLOMBO. 100 MIN. WWW.S.BR.WARNERBROS.COM/OCONTADORDEHISTORIAS. DRAMA.

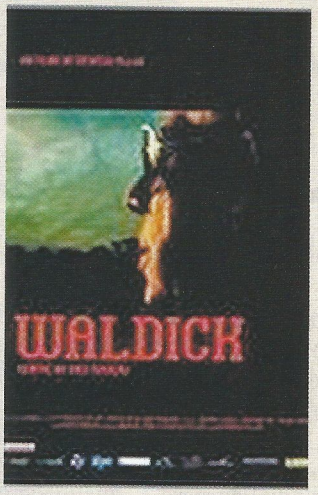


BEM-VINDO

O filme de Philippe Lioret começa obediente ao gênero da moda, o realismo social com dimensões globalizantes. Segue a trajetória do jovem Bilal, um refugiado curdo que tentar cruzar a fronteira França-Inglaterra para encontrar a namorada. Mas não demora em abandonar a direção objetiva para cair num dramalhão no estilo "faça-me chorar" ao encontrar a estrela, Vincent Lindon – um professor de natação que tenta ajudar o garoto a cruzar o Canal da Mancha. No limite do sentimentalismo demagógico, Lioret serve espetáculo a almas sensíveis. **(Bolivar Torres)**

WELCOME. FRANÇA, 2009. DE PHILLIPE LIORET. COM VINCENT LINDON, FIRAT AYVERDI, AUDREY DANA. 110 MIN. IMOVISION. DRAMA.

NOTA: 6

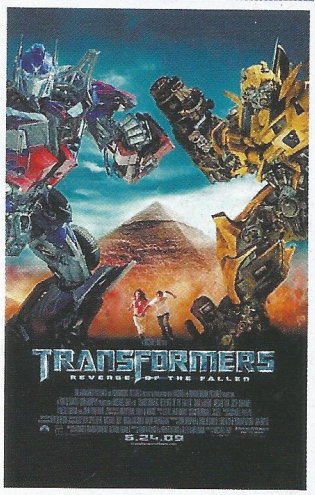


WALDICK, SEMPRE NO MEU CORAÇÃO

Exibido em festivais e até no Canal Brasil, o documentário que Patricia Pillar rodou sobre o cantor baiano chega em agosto aos cinemas. Sustenta-se com um retrato compassivo, mas ao mesmo tempo bem honesto, de Waldick Soriano (1933-2008). Desobrigada de tentar explicar (ou justificar) os muitos altos e baixos do ídolo, Patricia apenas deixa que ele – e as muitas mulheres de sua vida – falem. O homem suplanta o mito: falho, machista, grosseirão, mas dono de um magnetismo que a câmera registra bem. **(Marco Antonio Barbosa)**

BRA, 2008. DE PATRÍCIA PILLAR. COM WALDICK SORIANO. 58 MIN. PEQUENA CENTRAL. DOCUMENTÁRIO.

NOTA: 7

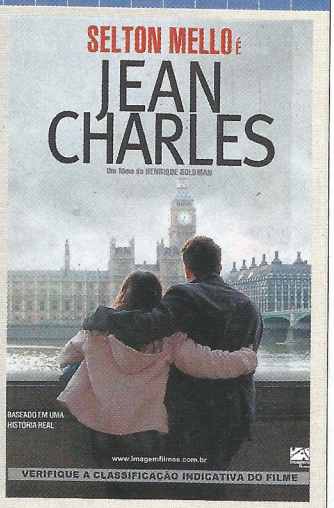


TRANSFORMERS:...

Transformers: a Vingança dos Derrotados custou US$ 200 milhões (US$ 50 milhões a mais do que o primeiro) e é quase tão longo quanto o original. O dinheiro investido se vê na tela: há mais carros-robôs, mais cenas de luta e mais locações que o primeiro. Para os adeptos da escola "quanto mais efeitos especiais, melhor", é um prato cheio. Quem espera mais vai se irritar com o humor adolescente e com cenas de luta em que os personagens, os carros-robôs, não têm rosto definido – afinal, são só montes de metal se batendo. **(Thiago Stivaletti)**

TRANSFORMERS: RISE OF THE FALLEN. EUA, 2009. DE MICHAEL BAY. COM SHIA LEDEOUF, MEGAN FOX, TYRESE GIBSON, JOHN TURTURRO, ISABEL LUCAS, RAINN WILSON. 144 MIN. WWW.TRANSFORMERSMOVIE.COM. PARAMOUNT. AÇÃO.

NOTA: 4



JEAN CHARLES

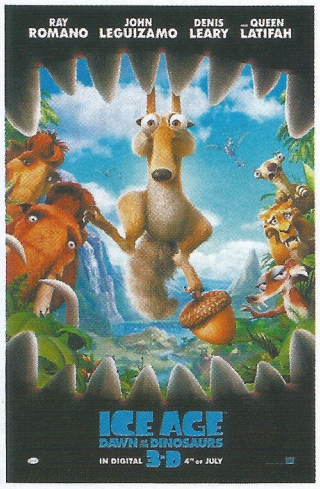
Desafio: fazer um bom filme sobre um personagem o qual todos sabem que vai morrer no final. O diretor Henrique Goldman e o roteirista Marcelo Starobinas – brasileiros radicados na Europa – conseguiram a proeza. O filme sobre Jean Charles de Menezes, morto por engano pela polícia britânica em 2005, resultou num drama dos mais emocionantes. Produzido por Brasil e Inglaterra, com produção executiva de Stephen Frears, *Jean Charles* é o segundo longa de Goldman. O carisma e a simpatia de Selton Mello no papel-título é um dos fatores determinantes. Compõe um protagonista altíssimo astral, descolado, às vezes pilantra, mas sempre de bom coração. Por mais que se saiba que ele vai morrer no final, a emoção é inevitável. Esteticamente, é convencional. Mas a força da história é tamanha que a opção do diretor em deixar que os fatos falem por si se mostrou acertada. Ressalte-se ainda um leve tempero documental dado pela utilização de não-atores. Pai, mãe e prima do verdadeiro Jean Charles, por exemplo, estão no filme. Quem acaba roubando várias cenas é Luís Miranda, no papel do primo e amigo Alex. **(Celso Sabadin)**.

BRASIL/INGLATERRA, 2009. DE HENRIQUE GOLDMAN. COM SELTON MELLO, VANESSA GIÁCOMO, LUIZ MIRANDA, DANIEL OLIVEIRA, PATRÍCIA ARMANI. 90 MIN. IMAGEM. DRAMA.

NOTA: 8

O JÚRI

	Alessandro Gianni UOL Cinema	Carlos H. de Almeida SET	Celso Sabadin Cinedica/Rádio Bandeirantes	Daniel Schenker Jornal do Brasil	Marcelo Cajueiro Variety	Marco A. Barbosa SET	Pedro Butcher Fine B	Renata Boldrini Rádio Cl FM	Rodrigo Fonseca O Globo	Tom Leão O Globo	
A Era do Gelo 3	7	-	-	-	-	6	4	-	8	6	6
O Exterminador do Futuro	7,5	6	-	-	-	5	7	-	9	5	6,5
A Festa da Menina Morta	7	7	8	6,5	-	-	6	6	10	-	7
Inimigo Público Número 1	-	-	8	-	-	7	-	-	-	-	7,5
Jean Charles	-	7	8	6,5	6	-	6	7	7	-	6,5
A Mulher Invisível	6,5	7	7	5	7	7	7	9	7	-	7
Uma Noite no Museu 2	7	-	7,5	-	-	4	-	-	7	6	6
A Proposta	-	-	5	5,5	-	-	-	-	7,5	-	6
Trama Internacional	8	7	-	-	-	5	-	-	9	-	7
Transformers 2	-	2	-	-	-	2	-	-	-	0	1



A ERA DO GELO 3

Carlos Saldanha pode se considerar um tricampeão: depois do sucesso dos dois primeiros filmes da série, ele volta para dirigir *A Era do Gelo 3*, agora com alguns novos personagens para encantar as crianças – e, ao menos, distrair os adultos. Pegando carona na onda 3D, parte das cópias foram lançadas nesse formato. O destaque maior continua sendo o casal de mamutes Manny e Ellie (vozes de Diogo Vilela e Cláudia Jimenez na versão dublada), que esperam o nascimento do seu primeiro bebê. A parte mais engraçada fica cargo da preguiça Sid, que forma sua família adotiva sequestrando alguns ovos de dinossauro, e depois tendo que se ver com a furiosa mãe-dinossaura. A trama mais fraca é a de Diego (voz de Márcio Garcia), o tigre dentes-de-sabre que decide se afastar dos mamutes para "endurecer". Este terceiro episódio é fofinho como os filmes anteriores e não deve desagradar a espectador algum. Mas, pensando bem, até quando vamos encarar sequências de uma boa história que emplacou sete anos atrás? **(Thiago Stivaletti)**

NOTA: 5

ICE AGE 3: DAWN OF THE DINOSAURS, EUA, 2009. DE CARLOS SALDANHA. COM AS VOZES DE DIOGO VILELA, CLÁUDIA JIMENEZ, MÁRCIO GARCIA (DUBLADO) E RAY ROMANO, QUEEN LATIFAH, DENNIS LEARY (LEGENDADO). 94 MIN. WWW.AERADOGELO3.COM.BR. FOX. ANIMAÇÃO

"É PARA O RESTO DA VIDA"

O diretor carioca CARLOS SALDANHA diz que *A Era do Gelo* não vai derreter tão cedo

Vida longa e próspera ao esquilo Scrat e seus amigos glaciais. Assim espera Carlos Saldanha, o animador brasileiro com mais prestígio em Hollywood, principal cabeça por trás do sucesso mundial da série *A Era do Gelo* – cuja terceira aventura é um dos mais fortes competidores no páreo dos filmes de férias em 2009. Ao mesmo tempo em que lidam com questões pessoais, Manny e seus amigos descobrem um mundo subterrâneo, povoado por dinossauros e, portanto, cheio de novos perigos. É um visual completamente diferente dos ambientes anteriores dos filmes da série, nos quais predominava cores e formais invernais. Se depender da vontade dos realizadores e do público, responsável pela milionária arrecadação dos dois primeiros desenhos animados, que somam US$ 500 milhões só nos Estados Unidos, "faremos *A Era do Gelo* para o resto da vida", como garante o diretor carioca em entrevista à SET.

O que ainda te move a continuar no comando de *A Era do Gelo*?
Não fosse a repercussão dos dois primeiros, não teríamos feito este terceiro, não há como negar. Mas, ainda durante as sessões testes do número 2, o público já perguntava se haveria um número 3.

É possível manter a inspiração e oferecer elementos novos após dois filmes?
O desejo do espectador é o que mais nos inspira criativamente e, enquanto tivermos histórias para contar, vamos fazer mais filmes da série. Sei que não estou fazendo um filme de arte.

O terceiro filme foi rodado em 3D, seu primeiro trabalho com a técnica. O que acha da novidade? É uma moda passageira ou não?
É uma inovação que veio para ficar por mais tempo que suas versões anteriores. A qualidade da nova geração do 3D é superior. O circuito de cinemas digitais está se ampliando velozmente, o que reflete uma demanda do público.

E como a nova técnica influiu em seu processo criativo?
A gente fez o filme sem se preocupar se ele seria exibido em duas ou três dimensões. Não mudamos o processo criativo, e sim a nossa percepção cinematográfica, porque o 3D nos obriga a ficarmos mais ligados na composição do movimento.

O cenário do filme é bem diferente do visto nos outros dois; afinal, o filme se passa numa floresta, em vez de paisagens cobertas de neve...
O primeiro desafio foi criar essa paisagem florestal, mais próxima da tropical do que da glacial, que ajuda ainda mais a camuflar a presença dos personagens. Nos filmes anteriores, eles sobressaíam do branco do gelo. Acabamos criando um mundo completamente novo, mais denso, com raios de luz, matas e texturas diferentes, o que, na verdade, representa uma evolução visual desde o primeiro *A Era do Gelo*.

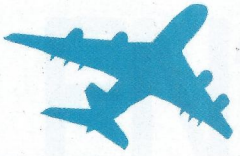
Você sempre volta diferente de uma viagem.

Cursos no exterior

Intercâmbio cultural

Experiências de trabalho

Viagens



Barra
(21) 3419-5701
Centro
(21) 3526-7700
Ipanema
(21) 2512-8577
Niterói
(21) 2729-2009

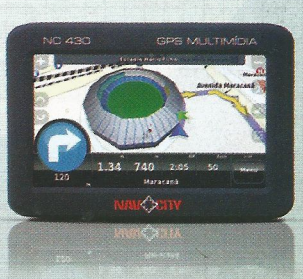
STB®
Student Travel Bureau
www.stb.com.br

Distribuidor Brasil
SIGHT
O MÁXIMO EM GPS

DESCUBRA O MUNDO DA SUA CIDADE EM 3D

Navcity NC 430
GPS Multimídia
Transmissor FM
Tela 4.3"

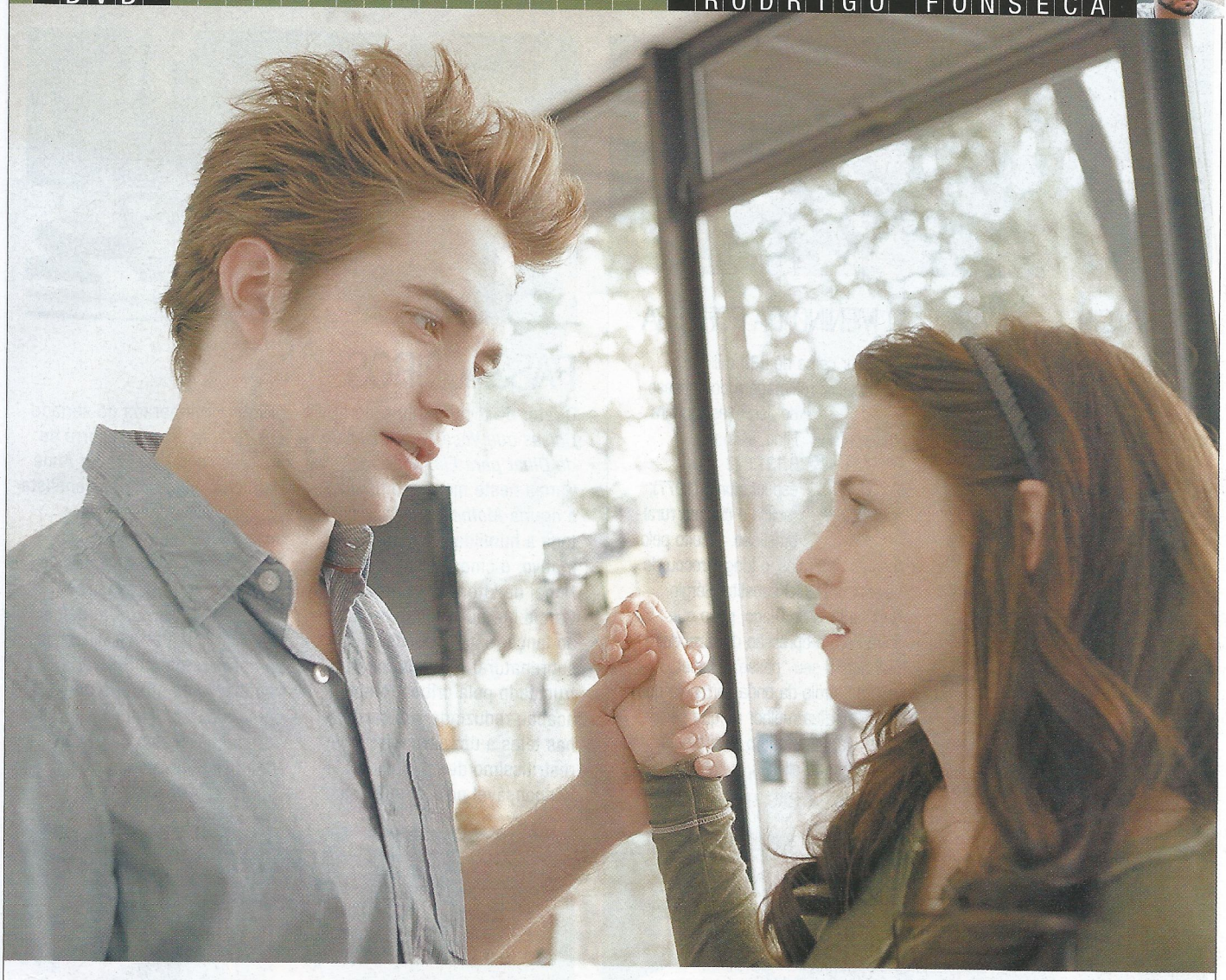
R$ 799,00
FACILITADOS



Oriente-se com precisão. Encurte distâncias. Drible congestionamentos. Economize combustível e tempo. Evite multas e acidentes. Tudo isso e muito mais: agora os navegadores Navcity vêm com imagens em 3D. Descubra o mundo das cidades em todas as dimensões.

NAVCITY
TECNOLOGIA EM MOVIMENTO

À venda AMERICANAS | AMERICANAS.COM | AUTO VILA SOM (21) 3391.0659 | COMPRAFACIL.COM.BR | CARTECH BARRA (21) 2491.3502 | FNAC.COM.BR | KROY SOM (21) 2295.2293 LIVRARIA TIJUCANA (21) 2569.1007 | MANIAVIRTUAL.COM.BR | NAVGPS (21) 3879.5523 | NAVGPS.COM.BR | PONTO FRIO | SARAIVA.COM | SUBMARINO.COM | VELUPLAST (21) 2112.3333 | WAL MART



CREPÚSCULO

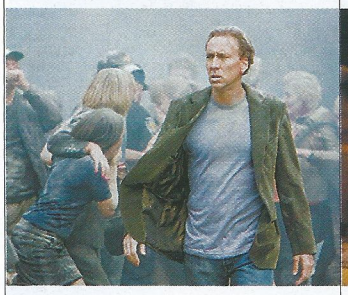
As cenas de ação são amadoras, desleixadas. E em novembro tem mais...

Isabela Swan (Kirsten Stewart, que contracenou com Jodie Foster em *O Quarto do Pânico*, de 2002) seria apenas mais uma *aborrescente* sem sal... se não tivesse confiado seu coração a um Don Juan de presas afiadas e boa índole: Edward Cullen (o ótimo Robert Pattinson, de *Harry Potter e a Ordem da Fênix*, de 2007), um vampiro que mataria o próprio Conde Drácula de inveja por seus dotes para o cavalheirismo. Boa de prosa, a romancista Stephenie Meyer passou de promessa literária a um ícone das multidões graças à série de romances de horror adolescente que já contabiliza, por baixo, 20 milhões de leitores fiéis e chegou há pouco a seu quarto volume. Sua legião de entusiastas só fez crescer a força desta produção, que custou cerca de US$ 37 milhões, e cujo faturamento arranhou a casa dos US$ 191 milhões apenas nas bilheterias dos EUA.

O desempenho astronômico de *Crepúsculo* nas salas exibidoras fez subir o cacife da diretora Catherine Hardwicke, de *Aos treze* (2003). A cineasta, que hoje pilota o projeto *Maximum Ride*, sobre um grupo de crianças concebidas com DNA de aves, baseado na literatura fantástica de James Patterson, acerta em cheio nas sequências nas quais o mel escorre. Seu fraco mesmo são as tomadas de ação, realizadas com um desleixo digno de cineasta amador. A continuação de *Crepúsculo*, batizada como *Lua Nova*, que tem direção de Chris Weitz (*Um Grande Garoto, A Bússola de Ouro*) está apontada para chegar ao circuito brasileiro ainda em novembro deste ano.

TWILIGHT, EUA, 2008. DE CATHERINE HARDWICKE. COM KIRSTEN STEWART, ROBERT PATTINSON, BILLY BURKE. 122 MIN. PARIS. ROMANCE FANTÁSTICO.

FILME: 5 EXTRAS: 1

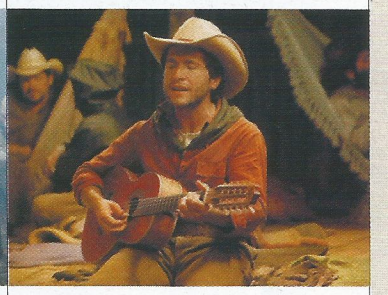


PRESSÁGIO

Prejudicada por um excesso de aparições em fitas equivocadas, a carreira de Nicolas Cage está ameaçada. Este ano, sua participação em *Bad lieutenant: Port of Call New Orleans*, de Werner Herzog, em dezembro, pode revitalizar seus horizontes, marcados por projetos de inspiração rarefeita. Aqui, Cage vive um professor que descobre uma série de profecias nefastas cuja concretização só ele pode evitar. Um making of esperto incrementa os extras.

KNOWING, EUA, 2009. DE ALEX PROYAS. COM NICOLAS CAGE, ROSE BYRNE, LARA ROBINSON. FICÇÃO CIENTÍFICA. 121 MIN. PARIS.

FILME: 6,5 EXTRAS: 6,5



O MENINO DA PORTEIRA

Vista por cerca de 680 mil pagantes, a refilmagem do sucesso de Jeremias Moreira Filho, visto por 3.131.878 espectadores (1977), recicla o cinema rural brasileiro. Refeito pelo mesmo Jeremias, o longa trocou de boiadeiro: Daniel substitui Sérgio Reis na pele de Diogo, peão que sofre com a opressão do fazendeiro que detém seu "passe". Daniel, produto tardio da onda sertaneja dos anos 90, atua melhor do que se esperava. Pena que o roteiro seja um rodeio de clichês.

BRASIL, 2009. DE JEREMIAS M. FILHO. COM DANIEL, JOSÉ DE ABREU, VANESSA GIÁCOMO. DRAMA. 95 MIN. SONY.

FILME: 5 EXTRAS: 9

PASSAGEIROS

Diretor do tocante filme-coral *Coisas que Você Pode Dizer Só de Olhar para Ela*, Rodrigo García neste momento finaliza o drama *Mother and Child* com toda a humildade do mundo. O motivo: o cineasta, filho do Nobel de Literatura Gabriel García Márquez, quebrou a cara ao lançar este suspense sobrenatural. O longa foi trucidado pela crítica, o que acabou reduzindo sua carreira nas telas a um perímetro restritíssimo de cinemas. Responsável pela direção da primeira temporada do seriado *Em Terapia*, García recorre de novo aos divãs de Freud: Anne Hathaway vive uma psicanalista escalada para cuidar dos sobreviventes de um desastre aéreo. Um deles (Patrick Wilson, sempre no tom certo) vai conduzi-la ao mistério que cerca a queda. Falta adrenalina. Mas a beleza de Hathaway eleva o charme.

PASSENGERS, EUA, 2008. DE RODRIGO GARCÍA. COM ANNE HATHAWAY, PATRICK WILSON, DAVID MORSE. 93 MIN. IMAGEM. SUSPENSE.

FILME: 5 EXTRAS: 3

O TEMPO E O LUGAR

Diretor do doce *O Cavalinho Azul* (1984), que merecia maior cartaz, Eduardo Escorel construiu uma longeva carreira como montador, tendo editado obras da importância de *Terra em Transe*. Concebido ao longo de 12 anos, *O Tempo e o Lugar* sintetiza suas experiências narrativas ao refazer a trajetória do militante alagoano Genivaldo, envolvido com os sem-terra e com o PT. Além do documentário, o disco inclui depoimentos de personagens que cruzam o caminho de Genivaldo.

BRASIL, 2008. DE EDUARDO ESCOREL. DOCUMENTÁRIO. 98 MIN. VIDEOFILMES.

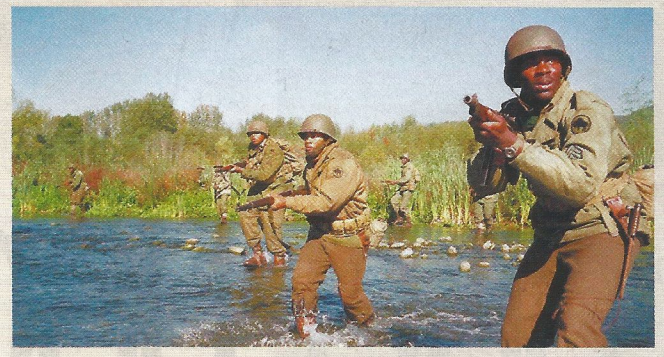
FILME: 8 EXTRAS: 7

ANJOS DA MORTE

Basta espremer a embalagem deste horror classe Z para o sangue pingar. Flores e Altieri assinam a direção como The Butcher Brothers, apostando na superexposição de vísceras e coágulos. Há fartura de ambos na história do clã de maníacos que espalha brutalidade pela cidadezinha que os abraçou como seus novos habitantes. Atenção para a jovem atriz Mackenzie Firgens, que vive o lado mais doce (?) dos manos Hamilton.

THE HAMILTONS, EUA, 2006. DE PHIL FLORES E MITCHEL ALTIERI. COM CORY KNAUF, SAMUEL CHILD, JOSEPH MCKELHEER, MACKENZIE FIRGENS. TERROR. 86 MIN. EUROPA.

FILME: 4 EXTRAS: 0

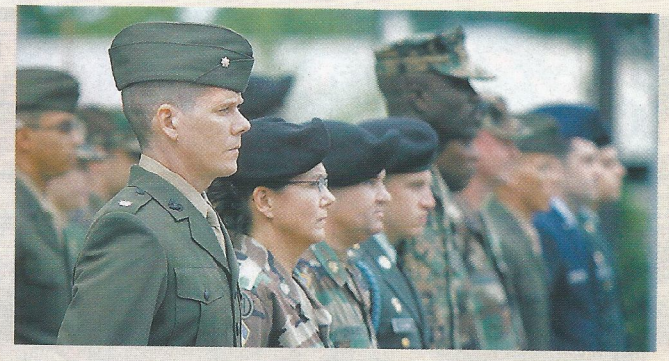


MILAGRE EM STA. ANNA

Spike Lee ainda se recupera do (injusto) fracasso deste épico sobre a participação de soldados afro-americanos na Segunda Guerra Mundial. O longa consumiu US$ 45 milhões e quase dois anos de trabalho. Meses antes da estreia, Lee teve a infeliz ideia de criticar publicamente Clint Eastwood, acusando-o de ignorar o contingente americano negro que combateu no Pacífico em seu díptico sobre o conflito (*A Conquista da Honra e Cartas de Iwo Jima*). Suas declarações pesaram contra a saga de quatro soldados que se arriscam contra forças nazi-fascistas numa Itália em escombros. Mesmo sem prêmios e sem fortunas, *Milagre* ilustra, em tomadas de combate, o refinamento que Lee alcançou com o passar dos anos, quando esquece a militância cega que costumava regê-lo nos tempos de *Febre da Selva* (1991).

MIRACLE AT STA. ANNA, EUA/ITÁLIA, 2008. DE SPIKE LEE. COM DEREK LUKE, MICHAEL EALY. 160 MIN. CALIFÓRNIA. GUERRA.

FILME: 7 EXTRAS: 0



O RETORNO DE UM HERÓI

Desde *O Lenhador*, Kevin Bacon ganhou outro status em Hollywood. Por conta de sua recorrência como coadjuvante em seus primeiros anos de carreira, ele ficou celebrizado como um bicão perpétuo (mas talentoso). Nesta produção da HBO Films, ele interpreta o tenente-coronel Michael Strobl, cuja história (real) de decepção com os desígnios belicosos de sua pátria rendeu uma reflexão triste sobre dever e honra. A direção é de Ross Katz, o produtor de *Encontros e Desencontros* (2003). Confiante na amargura que Bacon sintetiza no olhar, Katz reconstitui o périplo da escolta até o Wyoming o corpo de um jovem soldado morto na guerra do Iraque. O veterano aprende a dor inerente ao verbo "perder". A fotografia de Alar Kivilo torna o filme obrigatório. Entre os extras, um especial sobre a criação do script do filme, o que pode interessar a aspirantes a roteirista. Vale conferir as cenas deletadas no corte final.

TAKING CHANCE, EUA, 2009. DE ROSS KATZ. COM KEVIN BACON, BLANCHE BAKER, PAIGE TURCO. 77 MIN. DRAMA. WARNER.

FILME: 8,5 EXTRAS: 8,5

QUARTA B

Escolha do júri popular da edição 2008 da Mostra de Cinema de São Paulo, esta sátira sobre o sistema educacional brasileiro teve sua carreira comercial praticamente abortada, apesar de seu apelo ter sido comprovado em passagens por festivais. Engajado num projeto de inestimável valor – *Colegas*, road movie sobre amigos com síndrome de Down, já em filmagem – o diretor Marcelo Galvão envereda pela sisuda seara dos colégios paulistanos. Numa trama calcada na inteligência, o cineasta narra uma tumultuada reunião de pais de alunos de uma escola onde foi encontrado um tijolo de maconha. Um grupo heterogêneo (em crenças e em hierarquia financeira) debate o tema, mas só gera intolerância, perfumada com a marola do medo. Irmão do cantor Oswaldo Montenegro, o ator Deto é o destaque do elenco.

BRASIL, 2005. DE MARCELO GALVÃO. COM ANTONIO DESTRO, DETO MONTENEGRO, FERNANDA COUTO. THRILLER. 93 MIN. ORIGINAL VÍDEO.

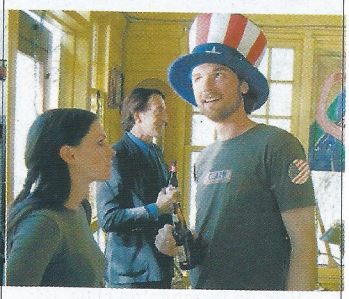
FILME: 9 EXTRAS: 0

O EQUILIBRISTA

É excessiva a confiança depositada pelos exibidores em ganhadores do Oscar de Filme Estrangeiro e de Documentário, tratando-os como investigações estéticas definitivas. Foi assim há pouco com o mediano *A Partida*, que rendeu uma estatueta ao Japão. Pior é o caso deste documentário convencional que resgata a peripécia ilegal (mas deliciosa) do francês Philippe Petit. Nos anos 1970, ele atravessou as torres gêmeas do World Trade Center sobre uma corda-bamba.

MAN ON WIRE, EUA, 2008. DE JAMES MARSCH. DOCUMENTÁRIO. 94 MIN. CALIFÓRNIA.

FILME: 7,5 EXTRAS: 1



TUDO AZUL

Estreante em longas, Marshall Lewy surpreendeu o Festival de Tribeca de 2007 com os diálogos cheios de farpas políticas e de inteligência deste agridoce romance. Desperdiçado em bobagens como *Garfield*, o comediante Meyer esbanja maturidade na pele de um ativista do Partido Democrata que viaja para o Canadá após se desapontar com as eleições em sua pátria. No caminho ele dá carona a uma maluquete (Paquin) que é chave de cadeia.

BLUE STATE, EUA, 2008. DE MARSHALL LEWY. COM BRECKIN MEYER, ANNA PAQUIN, JOYCE KRENZ. COMÉDIA DRAMATICA. 88 MIN. FOX.

FILME: 5 EXTRAS: 0

RUAS DE SANGUE

Quem estiver disposto a encarar produções obscuras para matar as saudades de Val Kilmer pode se contentar com este eficiente thriller rodado por Charles Winkler, responsável pelo seriado *S.O.S Malibu* e filho do lendário produtor Irwin Winkler (*Rocky*). Kilmer encarna um detetive que investiga um assassinato que ocorreu na Louisiana durante o furacão Katrina. Sharon Stone injeta dignidade ao projeto em uma participação esmerada.

STREETS OF BLOOD, EUA, 2009. DE CHARLES WINKLER. COM VAL KILMER, SHARON STONE, CURTIS "50 CENT" JACKSON. THRILLER. 95 MIN. CALIFÓRNIA.

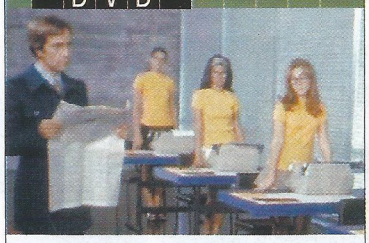
FILME: 8 EXTRAS: 3

TOM & JERRY...

Para aplacar a nostalgia de saudosistas e adoçar línguas mirins, a Warner tirou da toca o curta *O Manual de Caça* (1944), que rendeu um Oscar ao animador Fred Quimby. Esta coletânea do felino e do camundongo (*Tom & Jerry em Grandes Perseguições*) unidos por uma relação de amor e ódio estoca 14 episódios. Só faltaram extras que explorassem, por exemplo, a história do cartunista Goot, pseudônimo de Gutemberg Monteiro, mineiro "exportado" para os EUA, desenhando as aventuras de Tom & Jerry.

TOM AND JERRY, EUA, 2009. ANIMAÇÃO. 103 MIN. WARNER.

FILME: 7 EXTRAS: 0



CASSI JONES...

Vem da literatura de Lima Barreto , mais especificamente de *Clara dos Anjos*, a figura do Don Juan oportunista Cassi Jones. Em seu derradeiro longa (*Cassi Jones, o Magnífico Sedutor*), Luís Sérgio Person (1936-1976) pega o nome do Casanova emprestado para batizar um conquistador profissional (Paulo José) que aprende a duras penas a pagar os saldos do amor. Nos extras, delicie-se com o curta *O Otimista Sorridente*.

BRASIL, 1972. DE LUÍS SÉRGIO PERSON. COM PAULO JOSÉ, SANDRA BRÉA, HUGO BIDET. COMÉDIA. 100 MIN. VIDEOFILMES.

FILME: 9 EXTRAS: 6

O SOL DA MEIA-NOITE

Envelheceu mal esta investigação sobre os meandros da Guerra Fria feita a partir do mundo da dança. Mito entre os dançarinos, Mikhail Baryshnikov mostra-se um ator de fartos recursos na pele de um bailarino dissidente que a KGB tenta prender em suas fronteiras, confiando a um americano desertor (Hines) a sua tutela. Não deixe de acessar a opção de making of depois que o último crédito subir. Infelizmente, a ótima versão brasileira, que trazia Ézio Ramos dublando Baryshnikov, foi eliminada da edição final.

WHITE NIGHTS, EUA, 1985. DE TAYLOR HACKFORD. COM MIKHAIL BARYSHNIKOV, GREGORY HINES, ISABELLA ROSSELLINI. DRAMA. 136 MIN. SONY.

FILME: 6 EXTRAS: 6

UM DOMINGO QUALQUER

Oliver Stone enxerga pão e circo no mundo do futebol americano

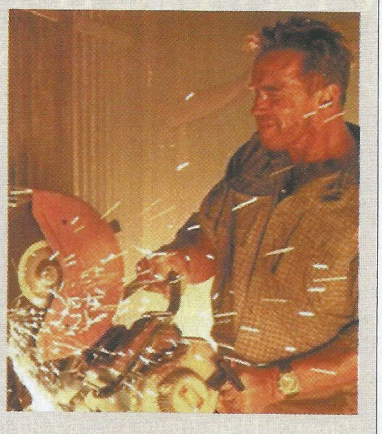
Neste momento em que Oliver Stone prepara *Money Never Sleeps*, uma sequência de *Wall Street – Poder e Cobiça* (1987), vale a pena rever um dos poucos trabalhos isentos de controvérsia em sua carreira de repleta de polêmicas. Sucesso de bilheteria, com uma arrecadação de US$ 75 milhões em território americano, a produção fez parte de uma linhagem de exercícios estéticos iniciados pelo diretor após o relativo fracasso de *Entre o Céu e a Terra* (1993) – a revisão de grandes paixões americanas. Após reeditar o gênero *film noir*, uma paixão cinéfila de seus conterrâneos, em *Reviravolta* (1997), Stone se arriscou pelas veredas do futebol americano, febre esportiva de seu país.

O filme se apoia no talento do ator Al Pacino, escalado para viver um técnico de uma equipe que passa por reciclagens. Além das dificuldades gerenciais, ele tem que administrar os egos de atletas de diferentes gerações. É o caso do veterano "Cap" Rooney, vivido por um inspirado Dennis Quaid (o galã de *Viagem Insólita*, de 1987). Hoje dono de um Oscar (por sua interpretação em *Ray*, cinebiografia do cantor Ray Charles), Jamie Foxx, então um ator de quarto escalão, despontou aqui para os holofotes no papel de um aspirante a ídolo dos gramados. A versão blu-ray do longa-metragem amplifica a fotografia de Salvatore Totino (responsável pela luz de títulos tão distintos quanto *Frost/Nixon* e *Anjos e Demônios*), ressaltando a essência do projeto: expor todo o espetáculo do futebol ianque, na melhor linha *pão-e-circo*, que uma disputa esportiva pode ser.

ANY GIVEN SUNDAY, EUA, 1999. DE OLIVER STONE. COM AL PACINO, CAMERON DIAZ, DENNIS QUAID, JAMIE FOXX. WARNER. 156 MIN (VERSÃO DO DIRETOR). DRAMA.

FILME: 7,5 EXTRAS: N/A

EFEITO COLATERAL



Assim que os atentados de 11 de Setembro de 2001 foram noticiados, assombrando o mundo com o horror do fundamentalismo, Arnold Schwarzenegger percebeu que estava com uma batata pelando de quente entre os dedos – graças a esta produção que fazia do terrorismo seu alvo. O futuro *Governator* da Califórnia, recém-saído de uma bateria de filmes cujo faturamento ficou aquém do esperado, tentou voltar às boas com o sucesso quebrando narizes de agentes do terror da América Latina. Seu erro: o longa-metragem tem menos adrenalina do que o esperado. Mesmo assim, revisto hoje, o arranjo narrativo de Andrew Davis, realizador de êxitos comerciais como *O Fugitivo* e *Nico – Acima da Lei* impressiona. Arnoldão interpreta Gordy Brewer, um bombeiro obstinado em se vingar dos criminosos que provocaram a morte de sua mulher e filho numa explosão. Quem rouba todas as cenas em que aparece é o canadense Elias Koteas, na pele de um agente escroque que quer tirar proveito do revanchismo de Brewer.

COLLATERAL DAMAGE, EUA, 2002. DE ANDREW DAVIS. COM ARNOLD SCHWARZENEGGER, ELIAS KOTEAS, FRANCESCA NERI. AÇÃO. 109 MIN. WARNER.

FILME: 6,5 EXTRAS: N/A

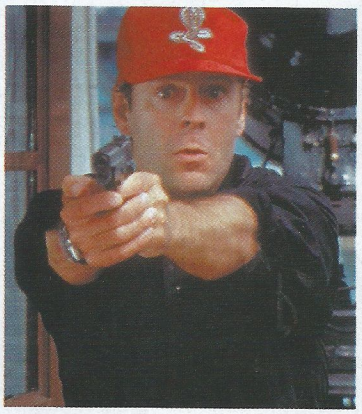
RIO CONGELADO

Abandonada, endividada com dois filhos para criar, ou seja, no pior dos mundos, Ray Eddy é a tristeza definitiva encarnada em mulher bonita: no caso, Melissa Leo, nova-iorquina de 48 anos que se firma, filme a filme, como uma das intérpretes mais corajosas em atividade nas hordas do cinema. Sob a direção da novata Courtney Hunt, que hoje pilota o seriado *Em Terapia*, Melissa injeta dor na composição de Ray, que vê sua vida se complicar absurdamente ao aceitar um trabalho de transportar imigrantes ilegais tendo uma nativa a seu lado na execução da tarefa. Vencedora do Grande Prêmio do Júri no Festival de Sundance, a produção rendeu a Melissa uma indicação ao Oscar. Nos extras do blu-ray, estão registrados os comentários da diretora, que esmiuçam claramente suas ambições de linguagem e seu apreço pelos mecanismos mais eficazes da cartilha do thriller, aqui diluídos em uma abordagem amarga sobre o alto custo moral do verbo "sobreviver".

FROZEN RIVER, EUA, 2008. DE COURTNEY HUNT. COM MELISSA LEO, MISTY UPHAM, MICHAEL O'KEEFE. DRAMA. 96 MIN. SONY.

FILME: 8 EXTRAS: 7

ZONA DE PERIGO



Pérola perdida do cinema de ação da década de 1990, imune ao vírus da correção política que condenou o gênero ao ocaso, esta produção faturou cerca de US$ 23 milhões em seu lançamento – desapontando investidores que cobravam melhor fôlego comercial de Bruce Willis. Cheio de carisma, o astro injeta vida no filme, que começa com uma impressionante sequência de perseguição automobilística, aproveitando também suas locações fluviais. Willis é Tom Hardy, tira que vira patrulheiro de rio após uma tragédia familiar. Ao saber que as mulheres que amou estão sendo assassinadas, uma a uma, ele é tragado para um caso soturno. Uma Sarah Jessica Parker pré-*Sex and the City* interpreta sua parceira. A reprise de *Striking Distance* pode ser um bom aperitivo para *The Surrogates*, ficção científica protagonizada por Willis, cuja estreia está agendada para outubro deste ano nos EUA.

STRIKING DISTANCE, EUA, 1993. DE ROWDY HERRINGTON. COM BRUCE WILLIS, SARAH JESSICA PARKER, TOM SIZEMORE. THRILLER. 101 MIN. SONY.

FILME: 8 EXTRAS: 0

A PANTERA COR DE ROSA 2

Peter Sellers (1925-1980) é, inegavelmente, um ator insubstituível. Mas Steve Martin é um ator de fartos talentos, sobretudo quando quer fazer rir. Seu inspetor Closeau não é uma cópia dos brilhantes cacos de Sellers. Nas mãos dele, o investigador ganha vida própria, valendo-se da capacidade que o grisalho ator tem de dosar suas caretas sem cair no exagero. Esta continuação foi brutalmente esnobada pelos americanos nos cinemas. No entanto, ela rende momentos ainda mais divertidos que os do original. Aqui, o inspetor Clouseau tem que se engajar em um time de detetives de notório saber na arte de desvendar mistérios, a fim de reaver uma jóia roubada. Há passagens de seqüestrar o fôlego sem aceitar o resgate da razão, como aquela emblemática em que o "herói" é confundido com o Papa. Nos extras do produto, os erros de gravação também são um agradabilíssimo convite à gargalhada.

THE PINK PANTHER 2, EUA, 2009. DE HARALD ZWART. COM STEVE MARTIN, JOHN CLEESE, ANDY GARCIA. COMÉDIA.. 92 MIN. FOX

FILME: 7 EXTRAS: 7

SEM ESSA DE MEIA-ENTRADA

VAI COMPRAR SEU HOME THEATER? PRESTE BEM ATENÇÃO NA HORA DE FAZER UM INVESTIMENTO DESSES – R$ 2 MIL, POR BAIXO

Na hora de comprar um home theater, muita gente acaba levando gato por lebre em busca do preço mais baixo. A variação do custo dos produtos tem ligação direta com a qualidade de áudio e vídeo. Alguns combos anunciados são sistemas integrados, não home theaters. "É a palavra certa para os produtos que são aparelhos de DVD ou blu-ray acompanhados de caixas acústicas. O sistema integrado normal não tem a mesma amplificação. Ninguém faz milagre", sentencia Carla Murakami, gerente de produto da Sony. O verdadeiro home theater é composto por receiver (um amplificador), caixas e player. Um de primeiríssima não custa menos de R$ 2 mil. Só com essa bagatela para ouvir todo o barulho amplificado e depois repassado para as caixas acústicas. Funções como sistema wireless de conexão, e outras inovações como possibilidade de conexão USB e leitor de cartões SD e iPods, encarecem ainda mais o equipamento. Mas até que ponto os home theaters conseguem substituir a experiência que se tem numa sala de cinema? No mercado já existem produtos que reproduzem essa sensação com qualidade sonora e boa imagem. O aparelho de TV recomendado para se conectar a um sistema de blu-ray theater com resolução de 1.920 x 1.080 pixels é um modelo de pelo menos 42 polegadas full HD de plasma. Só assim para usufruir da qualidade de imagem e som.

"Mesmo antes de existir o conceito de home theater, as pessoas já faziam experiências. Há 10 anos, a categoria era muito técnica e cara", recapitula Douglas Bonachela, gerente de áudio e vídeo da Philips.

O mercado de home theater na faixa de R$ 1 mil a 2 mil tem crescido no Brasil. Assim como a venda geral para o público, que teve aumento de 50% no primeiro semestre se comparada ao mesmo período no ano passado.

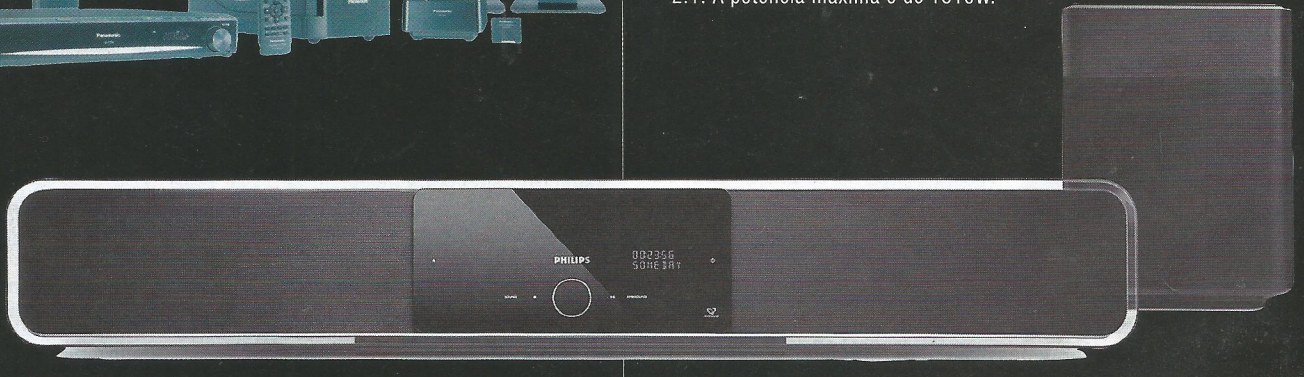
O consumidor está investindo numa TV melhor e busca home theaters mais elaborados.

PANASONIC PT569 DVD

R$ 1.999 Hoje, quase todos os aparelhos (até os mais básicos) vêm com saídas para exibição em alta-definição. É o caso do modelo PT569 DVD, da Panasonic. Ele apresenta sistema surround sem fio, 5.1 canais, entrada USB e 1.000W de potência.

SONY HT-DDW7000 BLU-RAY

R$ 3.199 É um dos modelos mais potentes da Sony. Encontrado em lojas comuns, de rua, tem efeito surround e equipamento compatível com a tecnologia em alta-definição do blu-ray. São 7.2 canais (sete caixas e dois subwoofers poderosos), sendo que em produtos menos potentes o convencional 5.1 rivaliza dignamente com o econômico 2.1. A potência máxima é de 1310W.



PHILIPS HTS8140/55 SOUNDBAR DVD

R$ 2.699 O ambisound (Philips) não espalha caixas pelo ambiente. "É 5.1, só que sem caixas na parte de trás. É uma tecnologia com caixa no formato de uma barra colocada embaixo da TV", explica Douglas Bonachela, gerente de áudio e vídeo da Philips.

A separação de canais e a sensação de surround são criadas por meio de ângulos e timing diferentes para os sons. "É uma sensação muito parecida à de ter uma caixa traseira", garante. A tecnologia ambisound diminui o número de caixas acústicas, mas proporciona uma experiência envolvente de som 5.1.

Interatividade no seu Oi e na internet.

MUNDO oi MUITA DIVERSÃO E INFORMAÇÃO.

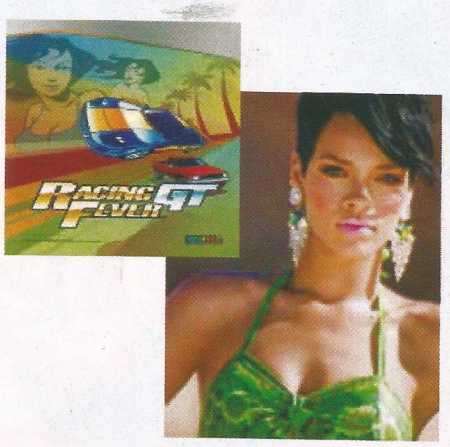
No Mundo Oi é assim: você encontra uma novidade a cada clique. Músicas, jogos, vídeos incríveis, conteúdos exclusivos pra baixar no seu Oi e no computador. Escolha o seu favorito e divirta-se.

CLUBE OI.

Seja sócio e vire um fã de carteirinha.

No Clube Oi, você baixa conteúdos exclusivos pro seu Oi ficar com a sua cara: jogos, toques, Mp3, papéis de parede, protetor de tela, vídeos e muito mais. Você paga uma assinatura mensal de R$ 4,99 e recebe 10 créditos pra personalizar seu Oi como quiser. Se você não usar todos os seus créditos, tudo bem: quando você renova a assinatura, eles valem por mais 30 dias. E se os créditos acabarem é só comprar mais.

Pra ser sócio é simples. Basta acessar do seu Oi:
Portal Oi Wap > Clube Oi > Seja Vip! E pronto, é só aproveitar.



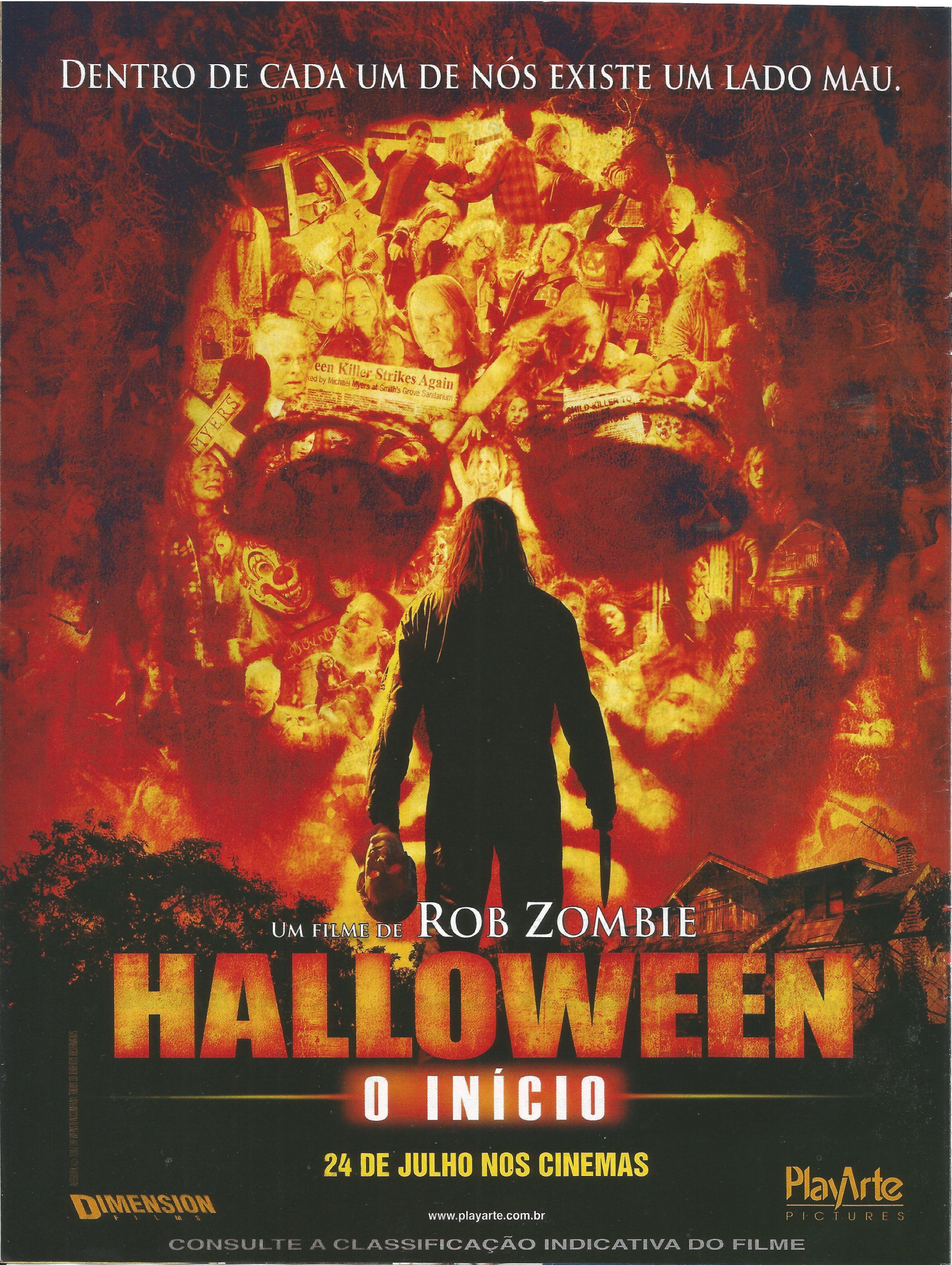
aldeia viral

TUDO O QUE VIRA FEBRE ESTÁ AQUI.

Se você adora tudo o que é tendência e não perde nenhum detalhe do que acontece por aí, então o Aldeia Viral é a sua cara. Comportamento, moda, fofocas, links, vídeos e tudo o que está sendo falado, você encontra lá. E se quiser, também pode postar seus achados.

Acesse **aldeiaviral.com.br**, dê sua opinião, vote nos seus links favoritos e boa diversão.

Configure seu aparelho e aproveite todos os serviços da Oi. Acesse pelo menu do seu Oi Chip **Mundo Oi > Mais > Configurações Oi** ou envie **Oi** pra 4421 e siga as instruções.


DENTRO DE CADA UM DE NÓS EXISTE UM LADO MAU.
UM FILME DE ROB ZOMBIE
HALLOWEEN
O INÍCIO
24 DE JULHO NOS CINEMAS
DIMENSION FILMS
www.playarte.com.br
PlayArte PICTURES
CONSULTE A CLASSIFICAÇÃO INDICATIVA DO FILME

House hoje explora mais o drama dos personagens do que no começo

EM 2004, O INÍCIO

Cinco das principais séries chegam ao 100º episódio. Vai ser difícil bater esta safra

Era 22 de setembro de 2004. Um avião cai em uma ilha que ninguém sabe onde é. Pouco menos de um mês depois, uma dona de casa suburbana comete um inesperado suicídio. Em novembro, um médico começa a fazer diagnósticos quase impossíveis, auxiliado por uma equipe de ponta. Quatro meses mais tarde, iniciam-se as filmagens de um documentário sobre o dia a dia de uma empresa de papel. Três dias depois, cinco jovens iniciam sua residência no hospital com a vida sexual mais ativa de todos os tempos. Estava definida assim uma das temporadas de maior sucesso, criativo e de público, da televisão norte-americana. *Lost*, *Desperate housewives*, *House*, *The Office* e *Grey's anatomy* estrearam entre aclamação da crítica e belos números na audiência e chegaram em 2009 – durante a quinta temporada, atualmente em exibição na TV paga brasileira – ao 100º episódio. Um marco digno de poucas séries. Para Stefania Granito, gerente de marketing dos canais AXN e Sony, o sucesso se deve à mudança: "Sitcom e dramas policiais você consegue ver um episódio só e ok. As emissoras americanas naquele momento estavam buscando um novo formato".

Morte do enlatado ou não, o fato é que a única comédia entre esses shows, *The Office*, foge do gênero sitcom. Diretor do Universal Channel, Paulo Barata revela que mesmo *House* era tratada como uma "série de investigação médica" e passou a explorar muito mais os dramas de seus protagonistas a partir das terceira e quarta temporadas.

As donas de casas desesperadas alavancam a programação do Sony

Apesar de percalços, o centésimo episódio de *Desperate Housewives* marca o clímax

Foi exatamente esse o tom do 100º episódio do programa centrado no doutor hipocondríaco, especialista em diagnósticos complexos e deficitário em traquejos sociais.

House é a maior prova de que o impacto da "temporada de ouro" das séries norte-americanas também pôde ser sentido no Brasil. Barata diz que o seriado foi o primeiro fora do gênero criminal no Universal: "A série foi bem aceita, incorporou-se e se tornou a mais assistida na TV paga em 2008".

Mesma sorte não tiveram *Lost*, *Desperate housewives* e *Grey's anatomy*. Depois de um início bem recebido, os três passaram por turbulências criativas nas temporadas seguintes. Mas, coincidência ou não, os centésimos episódios do trio marcaram o clímax de sua recente ressurreição criativa.

Chamadores de audiência

Ao mesmo tempo em que reconhecem a importância desses seriados, os executivos brasileiros relativizam seu poder. "É preciso ter uma relação muito sóbria com o fenômeno", afirma Barata. Eles servem para o que o diretor chama de "trilha de programação", trazendo audiência para outros programas menos festejados.

Kátia Murgel, diretora de programação e produção dos canais Fox, explica que *The Office* "é a cara do FX: irônico, divertido. Incorpora as características do canal, do nosso principal público, os homens", mas prefere não falar em números de audiência. O 100º episódio do falso documentário corporativo é o final da atual temporada e está programado para 30 de agosto.

Fenômenos ou não, fato é que esse conjunto marcou um ano que entrará para a história da TV. Em comparação, a recente temporada televisiva dos EUA, encerrada em maio, produziu um único grande hit, *The mentalist*, exibida no Brasil pelo Warner Channel. E, com exceção de Lost, que deve encerrar suas atividades na próxima temporada, o "Fabulous 5" de 2004/05 demonstra, em seu Km 100, pernas fortes para mais uma boa caminhada pela frente. (**Daniel Oliveira**)

Um marco e tanto

Veja o que aconteceu depois de 100 episódios com...

- **FRIENDS** – No terceiro episódio da quinta temporada, Phoebe dá à luz os trigêmeos do irmão, enquanto Monica e Chandler decidem quão sério é o flerte iniciado com o sexo em Londres. Phoebe, na atitude mais Phoebe de todos os tempos, inicia o relacionamento mais duradouro da série.
- **SEINFELD** – Aproveitou o centésimo episódio para realizar um especial com a retrospectiva dos melhores momentos do show até então. Foram o 14º e 15º episódios da sexta temporada. A retrospectiva foi dividida em partes do tipo "Relacionamentos", "Frases", "Ambição" e "Fora de tópico".
- **ER** – No nono episódio da quinta temporada, a Dra. Corday enfrenta um debate sobre seu erro ao diagnosticar um paciente, enquanto uma mulher que havia nascido 100 anos antes naquele mesmo hospital é atendida pelo Dr. Carter.
- **24 HORAS** – Jack Bauer é feito refém com outras centenas de pessoas no sequestro de um aeroporto pelo grupo de terroristas que quer impedir a assinatura de um tratado de cooperação entre os governos russo e norte-americano. Quarto episódio da quinta temporada, a melhor da série até hoje.

QUINTAS TEMPORADAS

Assista aos seriados da mais nobre leva da TV americana

- **LOST**, AXN, 2ª feira às 21h
- **DESPERATE HOUSEWIVES**, Sony, 4ª feira às 22h
- **HOUSE**, Universal channel, 5ª feira às 23h
- **THE OFFICE**, FX, domingo às 20h30
- **GREY'S ANATOMY**, Sony, 2ª feira às 22h

SE MEU APÊ FALASSE...

Um engana os pais, a outra faz sexo a três e outro é modelo de roupas de couro: *Descolados*

Primeira ficção de mais fôlego da MTV, *Descolados* joga no mesmo apartamento do Centro de São Paulo um pufe, um colchão, alguma poeira e seus três protagonistas: dois rapazes e uma moça de 20 e poucos anos. A primeira temporada de 13 episódios de 30 minutos tem a assinatura da produtora Mixer, responsável pelas histórias de quatro mães em *Mothern* (GNT). "Tem um rito de passagem e os personagens vivem isso de maneira diferente. É sobre sair da casa dos pais", explica o roteirista-chefe Rodrigo Castilho. A opção é por atores desconhecidos. "Estamos revelando gente nova em todas as áreas", diz o diretor-geral Luca Paiva Mello. Ele recorda que a MTV já se aventurou em seriados – embora com um certo improviso – como *Casal Neura* e *The Nadas*. Agora bebem do cinema independente. A busca é pela atmosfera de longas como *Vamos Nessa* (1999), *Trainspotting* (1996) e *Juno* (2007). *Descolados* propõe uma fuga da afetação de seriados como *The O.C.* e *Gossip Girl*, garante Castilho. "Queremos uma estética e um tratamento narrativo mais parecido com os filmes dirigidos por Cameron Crowe, como *Quase Famosos* e *Singles*", exemplifica Mello. Embora esteja nos planos uma segunda temporada, o fim da primeira safra vai terminar de contar as histórias.

Teco (Thiago Pinheiro) de olho na tela com Lud (Renata Gaspar)

Quando *Mothern* foi indicado ao Emmy, Castilho e Mello passaram 20 dias descobrindo como é feita uma série americana, convidados por Steven Felder, produtor-executivo de *CSI*. "Conversamos com roteiristas para entender a maneira de produzir histórias", lembra Mello. Foi montado, então, o que chamam de "writing room", uma sala onde são redigidos em conjunto os roteiros. São oito roteiristas em torno de uma mesa criando a história. Cada roteiro leva de dois a três meses para ficar pronto.

Em seu primeiro trabalho na TV, Renata Gaspar, 23 anos, é a mocinha: Lud, que acabou de se formar e se dedica a afazeres como voo duplo de asa delta e sexo a três. "Ela se joga nas coisas e vê as consequências depois. Mas tem objetivos, gênio forte e é orgulhosa", adjetiva Renata. Durante a gravação do piloto da série, no fim do ano passado, Lud também estava saindo da casa dos pais. "Vivia coisas parecidas com as que a Lud passa, mas ela é um pouco mais imatura", compara a atriz.

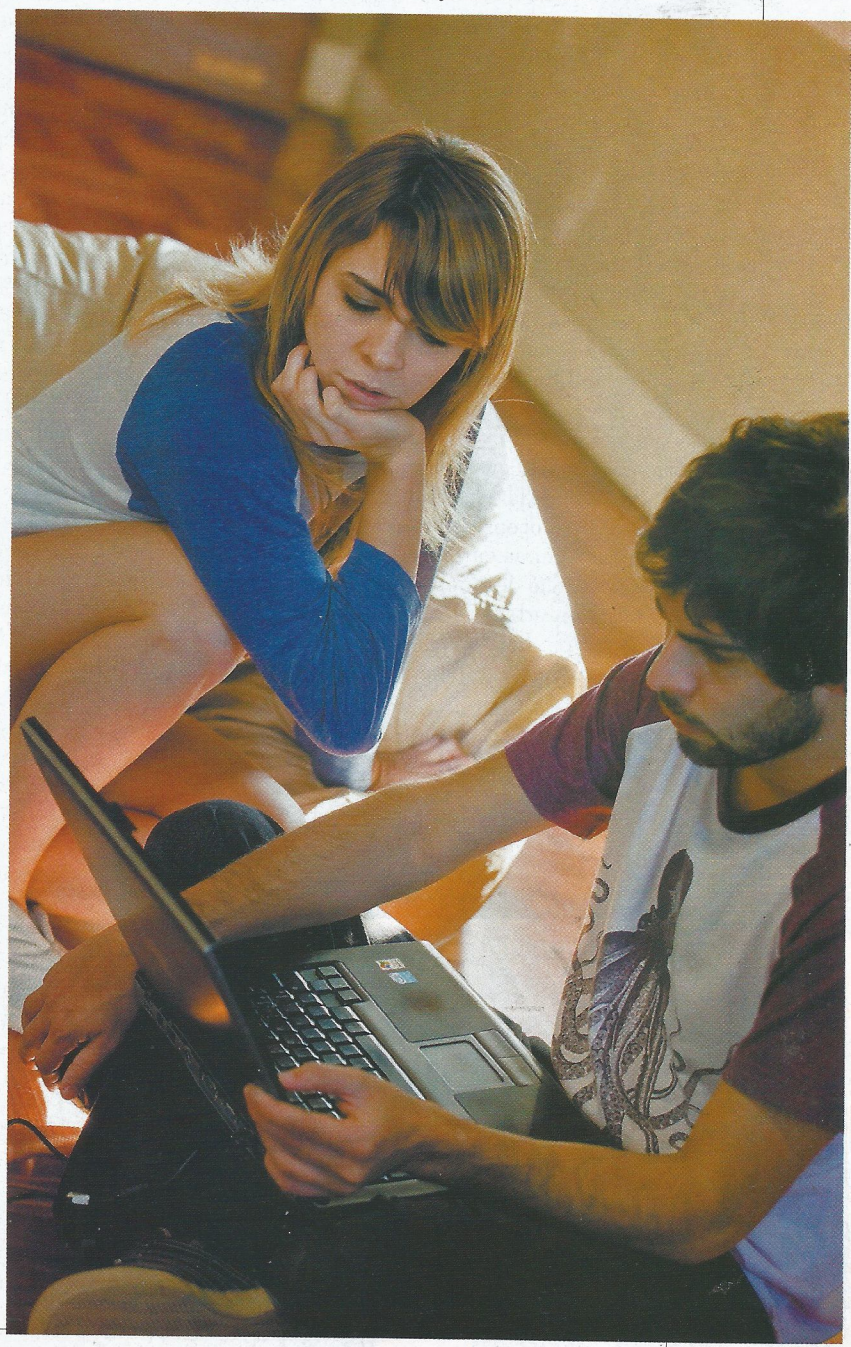
Na trama, Lud é gerente de um clube paulistano. Ela tem a companhia do designer Teco (Thiago Pinheiro) e do modelo Felipe (Marcelo Lourenço) na divisão das contas do recém-adquirido teto. Os três personagens são um tanto diferentes. Sossegado e um bocado inseguro, Felipe atua como garoto-propaganda de uma marca de roupas de couro superbrega. Viciado em cultura pop inútil e bem mais falastrão, Felipe começa a série sendo deportado de Londres por conta de uma ponta de cigarro de maconha. Agora o photoshop é seu melhor amigo para que possa enganar os pais e fingir que está na Inglaterra. "Lud é a mais segura dos três", resume Renata.

▸ **Descolados, 3ª, às 23h30; Reprises: sáb. às 1h15 e dom. às 23h.**

Meus 20 e poucos anos

MTV engatilha um curta-metragem com VJs, Nasi e Fresno

Esta não é a primeira incursão da MTV Brasil em ficções. Em 2007, Cazé Peçanha e Marina Person estrelaram a comédia *Casal Neura*. O clima de improviso e a falta de cenas fora do estúdio pintaram também no sitcom *The Nadas*, que foi ao ar em 2005 com Marcos Mion, André Vasco e Felipe Solari. O mais novo projeto ficcional tem Solari no elenco e mais a banda Fresno e o cantor Nasi. O curta *Friends Forever* estreia na MTV em 23 de julho, às 20h35.



LUIZ NORONHA

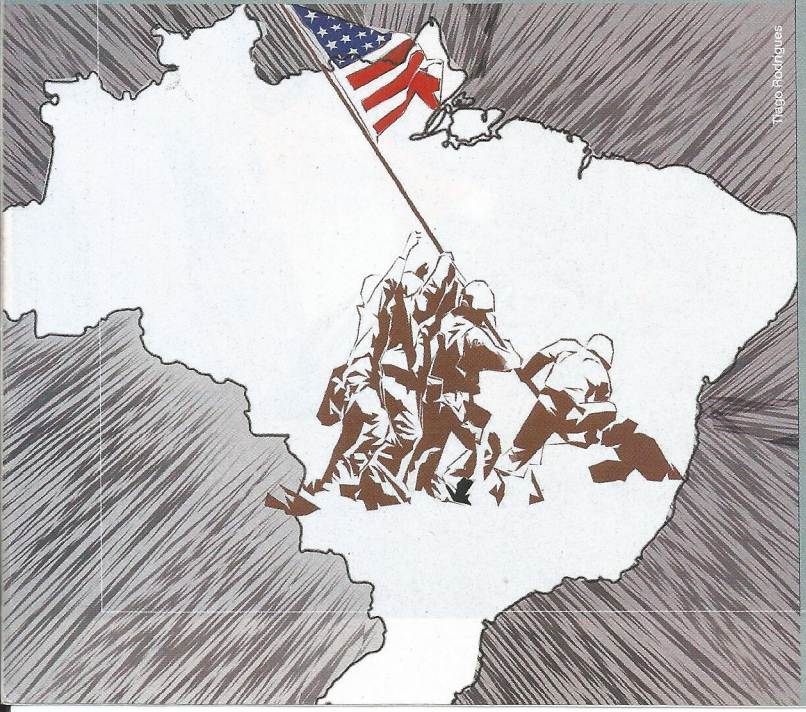
BRASIL, A LOCAÇÃO PERFEITA

É MAIS BARATO: O CLIMA SERVE A QUASE TODAS AS SITUAÇÕES E TEM EXOTISMO PARA OS GRINGOS

A recente passagem de Sylvester Stallone e sua entourage pelo Rio, rodando algumas externas de seu próximo filme (que, pelo que se viu, parece ser igual a todos os outros), provocou um certo alvoroço – compreensível numa cidade que viu florescer uma casta que vive às custas da fama alheia e, claro, considerando o carisma da cara amarfanhada de Sly. Foi parecido com a vinda, cerca de dois anos atrás, da equipe de *Hulk*, com Edward Norton (mal-humorado) e Tim Roth (fazendo mais a linha gente boa) à frente. O resultado, no filme de pancadaria de Stallone, deve ser igual ao que vimos em *Hulk*: um amálgama de planos de favela misturados com vistas do mar formando uma localidade irreconhecível, que vai servir como complemento para cenas de correria e ação ou respiro de exterior para as seqüências de dramaturgia, a serem integralmente filmadas em estúdios dos subúrbios de Los Angeles, nos Estados Unidos, ou de Toronto, no Canadá. Basicamente, quando vêm filmar aqui os gringos procuram exotismo e/ou baixo custo de produção. Na linha do exótico, o front urbano das favelas substituiu para o gosto das culpadas e pseudoconscientes plateias contemporâneas as baianas e bananeiras carregadas das antigas cenas de praia, quando o calçadão de Copacabana era a imagem do paraíso num mundo conturbado. Daí que temos exemplos como o filme *Natal em...*, hoje a mais bem-sucedida franquia da indústria do cinema na Itália, que teve o produto do ano passado inteiramente rodado em locações cariocas, fazendo uma eficiente comédia física com toques de pastelão e abusando no limite dos clichês mais batidos possíveis sobre a cidade. Faturou mais de 27 milhões de euros em 10 dias. Ou o próprio *Hulk*, que misturou degradação urbana com mitos das plantas medicinais da Amazônia (ou seja, mais clichês) para criar um ambiente infernal. Já os que buscam baixos custos são como o volátil capital especulativo das bolsas: viajam ao sabor das marés macroeconômicas, filmando sempre onde o dólar ou o euro valerem mais. Tanto no campo do exotismo como no da grana, nossos maiores concorrentes na busca pelo cliente perfeito hoje são a África do Sul, a China e, sempre, a Argentina. Nossas vantagens: clima ameno (apesar de anormalmente instável nestes tempos ecologicamente sensíveis), variedade de locações (só não temos neve), equipes experientes e mais assimiláveis culturalmente e, claro, bons preços. A história do cinema é cheia de causos envolvendo equipes estrangeiras, e muitos deles são exemplos de como o contato entre os nativos e os nossos irmãos do Norte produziu verdadeiros marcos na nossa própria forma de produzir cinema.

O fluxo de produções se desenrolava de forma mais ou menos constante até meados dos anos 80. É desta época, por exemplo, a passagem pelo Rio da então semidesconhecida Demi Moore, com a filmagem de *Blame it on Rio*, estrelado por Michael Caine. O episódio até hoje rende animados papos de botequim, com profissionais que tiveram a sorte de apresentar o estilo carioca à moça. Também do período é a emblemática megasuperprodução de *Brincando nos Campos do Senhor*, de Hector Babenco, em que dezenas de técnicos e artesãos – quase todo mundo que faz cinema hoje no Brasil – chegaram a viajar do Sudeste para a Amazônia de carro para passar cerca de um ano na selva, período em que aconteceu literalmente de tudo: compraram uma cidade inteira para construir o cenário, abriram estradas e até pista de pouso na mata etc. Tudo ia bem, até que veio Collor, que tratou a produção cultural como se fosse o ditador Pol Pot, com sua política de ano zero, e afugentou os gringos por um bom tempo. De lá para cá, a água correu debaixo da ponte, as regras do jogo se estabilizaram, o Brasil passou a ser levado mais a sério e, para a alegria dos folcloristas do cinema nacional, os estrangeiros voltaram.

Agora, a última luta é para trazer Woody Allen para filmar no Rio. Será que São Paulo não tem mais cara de Woody Allen que a beira-mar? Como aplicar a boa e velha fórmula de conversão do nihilismo bruto em humor fino e ironia, diante do Dois Irmãos? Se acontecer, essa vai ser uma daquelas sobre a qual vamos ouvir pelo resto dos tempos.



O Maior Concurso de Curtas e Médias do Brasil

FILMA BRASIL

A estrada mais curta para o sucesso.

Apóie este projeto. Patrocine o Brasil.

Patrocínio Prata:

Caminhões e Ônibus

Roteiro e Direção: Você!
Estrelando:

Patrocínio Platina:

MRS Logística S.A.

Patrocínio Ouro:

IHG Instituto Hedging-Griffo

Patrocínio Prata:

Icatu HARTFORD

Apoio:

CBN · DIABETES · FECOMÉRCIO · SAMSUNG · terra · SUPERGASBRAS · NEXTEL

Realização:

MUZY CORP

BRASIL UM PAÍS DE TODOS GOVERNO FEDERAL

LEI DE INCENTIVO À CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Você em cena!

www.filmabrasil.com

Sabe aquelas coisas que deixam você arrepiado só de pensar? Pronto, olha aí o seu roteiro.

"De Arrepiar" é o novo tema do Festival Cel.U.Cine.

O Festival de Micrometragens Cel.U.Cine está de volta premiando filmes de até 3 minutos feitos para celulares, a partir de tecnologias digitais. Faça seu filme baseado no tema "De Arrepiar" e participe. Veja mais detalhes no site e boa sorte.

Inscreva o seu filme de até 3 minutos no site www.celucine.com.br

oi

Governo do Rio de Janeiro
SOMANDO FORÇAS

SECRETARIA DE CULTURA

LEI ESTADUAL DE INCENTIVO À CULTURA

oi FUTURO

BRASIL

RIO PREFEITURA
RIOFILME

CEL·U·CINE
FESTIVAL de MICROMETRAGENS